

ITABIRITO

Dossiê de Registro da "Associação Cultural Coral Os Canarinhos de Itabirito"

Categoria: Formas de Expressão

Deliberação Normativa nº01/2016

ANO BASE 2016 / EXERCÍCIO 2018



SUMÁRIO

1.	EDI	TORIAL	3
2.	INT	RODUÇÃO	4
3.	INF	ORME HISTÓRICO DO BEM CULTURAL	6
	3.1	Sobre o município de Itabirito	6
	3.1	1.1 Contextualização	6
	3.1	1.2 Os primeiros habitantes e a ocupação Luso Brasileira	9
	3.1	1.3 Ocupação do território e formação dos núcleos urbanos	10
	3.1	1.4 Século XIX: A decadência do Ouro e a Extração do Minério de Ferro	13
	3.1	1.5 Desenvolvimento de Itabira do Campo no final no século XX	14
	3.2	Sobre o Coral Canarinhos de Itabirito	17
	3.2	2.1 Os Coros	17
	3.2	2.2 Os Pueri Cantores	20
		2.3 A fundação dos Canarinhos de Itabirito	
		2.4 Alçando Voo	
		2.5 Voando Alto	
4.		POIMENTOS	
5.	AN	ÁLISE DESCRITIVA / DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA	
	5.1	O dia a dia dos Canarinhos	
	5.2	O louvor a Deus através da música	
	5.3	O Coral como sementeira e como família	
	5.4	Quitandas, brechós, bazares e o site: a rede de Canarinhos	
6.		CUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL	
7.		ANO DE SALVAGUARDA	
	7.1	Diagnóstico	
	7.2	Diretrizes para valorização e continuidade	
	7.3	Cronograma 2017/2018	
8.		FERÊNCIAS DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS	
	8.1	Arquivos, Livros e Publicações	
	8.2	Entrevistas	
	8.3	Jornais	
9.		RECER CONCLUSIVO	
		HA TÉCNICA	
11		AMITAÇÃO DO REGISTRO	
	11.1	Proposta de Registro do Mantenedor	
		Declaração de Anuência	
	11.3	Ata do Conselho aprovando o início do procedimento	
	11.4	Ata do Conselho aprovando o Registro	
		Edital de Registro	
		Decreto de Registro	
	11.7	Inscrição no Livro de Registro Municipal	
	11.8	Publicação do Registro	123



1. EDITORIAL

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABIRITO

Alexander Silva Salvador de Oliveira

Prefeito Municipal de Itabirito

Ubiraney de Figueiredo Silva

Secretário Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo Presidente do Conselho Deliberativo e Consultivo Municipal do Patrimônio Cultural e Natural do Município de Itabirito

José Carlos Pereira de Oliveira

Diretor de Cultura

Joice Giulia Silva dos Santos

Chefe da Divisão de Memória e Patrimônio

Vanessa Kimura

Arquiteta e Urbanista da Divisão de Memória e Patrimônio

Thais Lanna Junqueira

Historiadora da Divisão de Memória e Patrimônio

ELABORAÇÃO

Adriana Paiva de Assis

Arquiteta e Urbanista CAU: A21479-5

Matheus Machado

Historiador

Mariana Oliveira

Antropóloga e Cientista Social

TAIPA ARQUITETURA E PATRIMÔNIO CULTURAL

Setembro de 2016



2. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é proceder à instrução do Processo de Registro da Associação Cultural Coral Os Canarinhos de Itabirito, popularmente denominada "Coral Canarinhos" localizada no município de Itabirito/MG, conforme solicitado pelo Conselho Deliberativo e Consultivo Municipal do Patrimônio Cultural e Natural do Município de Itabirito, através da Secretaria Municipal de Turismo e Patrimônio Cultural.

O Coral Canarinhos foi fundado aos 06 de setembro de 1973 pelo maestro Padre Francisco Xavier Gomes e por sua auxiliar de regência Maria José Michel do Nascimento com o intuito de cantar a liturgia católica e louvar a Deus através da música. Em seus quarenta e três anos de existência o Coral tem representado o município de Itabirito em apresentações por todo o Brasil e formado gerações de músicos. Formado inicialmente por algumas dezenas de meninos cantores, o Coral Canarinhos de Itabirito tem hoje cerca de 300 músicos, sendo um expoente nacional do canto coral.

O pedido formal de registro da **Associação Cultural Coral Os Canarinhos de Itabirito** foi encaminhado no dia 28 de junho de 2016 à Secretaria Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo, pelo presidente da entidade, Guilherme Woods Carvalho, acompanhado de Carta de Anuência ao registro. O Secretário Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo endossou o requerimento, emitindo proposta de registro ao Conselho Deliberativo e Consultivo Municipal do Patrimônio Cultural e Natural do Município de Itabirito, no dia 21 de março de 2016.

A Proposta de Registro da **Associação Cultural Coral Os Canarinhos de Itabirito** foi analisada pelo Conselho Deliberativo e Consultivo Municipal do Patrimônio Cultural e Natural do Município de Itabirito no dia 05 de abril de 2016, obtendo aprovação do início do procedimento de instrução. O processo tramitou sob a Deliberação Normativa do Conselho Estadual do Patrimônio Cultural n°01/2016, vigente para o Exercício 2018.

A metodologia aplicada a este trabalho consistiu na realização de pesquisas realizadas em duas etapas. Inicialmente foi realizada uma pesquisa documental e bibliográfica



sobre o município de Itabirito e sobre o Coral Canarinhos, em particular, abordando os seguintes Fundos: Arquivo Público Mineiro, Arquivos da Prefeitura Municipal de Itabirito, Arquivos do Coral Canarinhos, dentre outros. Em um segundo momento foram realizadas entrevistas com a equipe do Coral Canarinhos e com pessoas que de alguma forma vivenciaram ou vivenciam esta "Forma de Expressão". As entrevistas foram estruturadas a partir das informações exigidas pelo Registro, mas não se limitaram a isso; no mais das vezes adotou-se uma postura mais informal para deixar os informantes à vontade.

O Registro contou com o acompanhamento de funcionários da equipe técnica da Secretaria Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo, notadamente Ubiraney de Figueiredo Silva, Secretário Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo; Joice Giulia Silva dos Santos, Chefe da Divisão de Memória e Patrimônio; Vanessa Kimura, Arquiteta e Urbanista; e Thaís Lanna Junqueira, Historiadora da Divisão de Memória e Patrimônio, a quem agradecemos pelo empenho e comprometimento.

Na apresentação deste Dossiê optou-se por distribuir as fotografias ao longo do texto, para facilitar a compreensão de aspectos históricos e descritivos do bem imaterial.

Por fim, mas não menos importante, deixamos um especial agradecimento à equipe do da **Associação Cultural Coral Os Canarinhos de Itabirito** e às pessoas que participaram da elaboração deste trabalho. Nesse aspecto, mencionamos aqui os nomes dos entrevistados: Guilherme Woods Carvalho, Eric Vinicius de Aguiar Lana, Ana Maria Domingos Marinho Silva, Ubiraney de Figueiredo Silva e Liz Cândida Bastos.

Espera-se, a partir do Registro desta "Forma de Expressão", que as futuras gerações tenham o prazer e o privilégio de conhecer e compartilhar o espetáculo do Coral Canarinhos de Itabirito e que a instituição possa continuar a formar artistas, criando um público cada vez mais amplo para o canto coral.



3. INFORME HISTÓRICO DO BEM CULTURAL

3.1 Sobre o município de Itabirito

3.1.1 Contextualização

Com 543km2, o município de Itabirito localiza-se na Macrorregião Central de Minas Gerais, tendo como municípios limítrofes Rio Acima, Nova Lima, Brumadinho, Moeda, Ouro Preto e Santa Bárbara. Pertence ao complexo da Cadeia do Espinhaço, sendo abastecido pelos cursos d'água tributários do Rio das Velhas, maior afluente em extensão da bacia hidrográfica do Rio São Francisco, cujas nascentes estão localizadas na Cachoeira das Andorinhas, no município de Ouro Preto. Os principais cursos d'água do município são o Rio Itabirito e Ribeirão da Silva. A região apresenta relevo montanhoso (63%), com ponto culminante no alto do Monge, com 1753m de altitude. O Pico de Itabirito¹, localizado na Serra das Serrinhas, é um de seus referenciais topográficos marcantes, sendo composto por minério de ferro compacto constituído de óxidos de ferro (hematita e magnetita). O ponto de altitude mínima, com 770m, fica na confluência do Ribeirão Manso com o Rio das Velhas. O índice pluviométrico anual é 1670,3mm. A temperatura média anual é 18,5C e o clima é o Tropical de Altitude.²

O município está localizado no distrito mineral brasileiro denominado Quadrilátero Ferrífero, na porção centro-sul de Minas Gerais, onde ocorrem jazidas de alto teor de minério de ferro, sendo mais comumente encontrados o itabirito, a hematita e a canga. Com população estimada em 49.768 habitantes (IBGE 2015), a maior parte alocada nas áreas urbanas, Itabirito apresenta uma economia diversificada, centrada principalmente na extração do minério de ferro, havendo também a produção agropecuária, o comércio, serviços e indústrias. O município apresenta um Plano Diretor e boa infraestrutura

¹ O Pico do Itabirito foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 26 de junho de 1962. No entanto, sua inscrição foi cancelada em 08 de junho de 1965, tendo como justificativa a necessidade de exploração do potencial minerário do local. Em âmbito estadual, o Pico do Itabirito foi tombado na categoria de conjunto paisagístico pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG), cujo Decreto consta na Constituição Estadual de Minas Gerais promulgada no ano de 1989. Por sua vez, em 01 de outubro de 1991 através da Lei nº 1.668, a Prefeitura Municipal de Itabirito autorizou o seu tombamento, delimitando o espaço a ser preservado.

² Dados do IBGE e ALMG.



urbana, com serviços de energia elétrica, água e esgoto, além de coleta seletiva e aterro sanitário. Itabirito conta, ainda, com hotéis, instituições financeiras, escolas de 1° e 2° graus, unidades de ensino profissionalizante e superior e serviços médico-hospitalares. ³

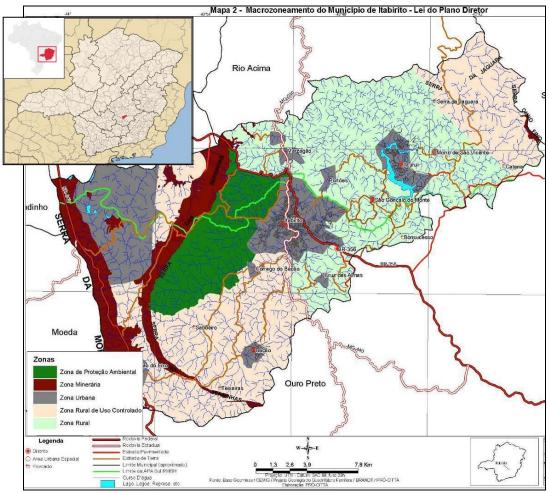


Figura 1: Mapas de contextualização de Itabirito em Minas Gerais e do Município de Itabirito. Fontes: ALMG e Plano Diretor: *Mapa2 - Macrozoneamento do Município de Itabirito*. PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABIRITO, 2005

A Política Municipal de Proteção ao Patrimônio Cultural de Itabirito foi iniciada na década de 1990, quando diversas edificações de interesse de preservação foram tombadas. Na mesma década o município passou a participar do programa ICMS Patrimônio Cultural, fortalecendo e incrementando as formas de proteção ao patrimônio cultural, como o Inventário, a Educação Patrimonial, a criação do Conselho Deliberativo e Consultivo Municipal do Patrimônio Cultural e Natural e a criação do Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural. Conta, ainda, com uma Lei

³ PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABIRITO. *Histórico do Município de Itabirito*. Setor de Pesquisa História da Divisão de Memória e Patrimônio de Itabirito, 2008.



Municipal de Incentivo à Cultura que apoia, com recursos financeiros, diversos projetos culturais, ampliando as condições de criação e divulgação da cultura. Diversos grupos culturais e projetos voltam-se para a música e o teatro como a Academia Libre Cantare, o Coral Canarinhos, o Grupo de Teatro de São Gonçalo, o Coral Jovens Unidos de São Sebastião, as corporações musicais Santa Cecília e União Itabiritense, a Associação Itabiritense de Artistas e Artesãos e o Domingo é Dia de Banda. A Casa de Cultura Maestro Dungas, mantida pela Prefeitura, é uma importante referência no município para a arte, a educação e a cultura. Itabirito conta com os seguintes bens protegidos:

Tabela 1: Patrimônio Tombado e Registrado em Itabirito

T 40 .	Lacia I. Tatrinonio Tonibado e Registrado em Itabilito				
Instância	Denominação	Localidade			
Estand	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Rua do Rosário, Boa Viagem	BI		
Federal	Igreja de São Vicente	Morro de São Vicente, Acuruí	BI		
Estadual	Pico de Itabirito	Serra das Serrinhas	CP		
	Igreja Matriz de NS da Boa Viagem	Praça Dom Silvério, s/n, Boa Viagem	BI		
	Casa de Dona Maria Augusta Marques	Rua do Rosário, 91, Boa Viagem	BI		
	Quartel da Polícia Militar	Rua Henrique Michel, 203, Centro	BI		
	Museu do Ferro	Rua Matozinhos, 181, Matozinhos	BI		
	Capela Bom Jesus do Matozinhos	Rua Matozinhos, Matozinhos	BI		
	Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Rua Sete de Setembro	Boa Viagem	СР		
	Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Rua do Rosário.	Boa Viagem	СР		
	Confederação Católica dos Trabalhadores de Itabirito.	Rua Carlos Michel, 60, Centro	BI		
	Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Estação Ferroviária.	Praça Dr. Guilherme, Centro	CP		
	Casa de Odete Carlos Baeta	Rua do Rosário, 04, Boa Viagem	BI		
	Casa de Paulo Josafá	Rua do Rosário, 67, Boa Viagem	BI		
	Casa de Isaltino Pereira Pedrosa	Rua do Rosário, 13, Boa Viagem	BI		
Municipal	Casa de José Faria de Souza	Rua Sete Setembro, 76, Boa Viagem	BI		
Withincipal	Casa de Benjamim Francisco Passos	Rua do Rosário, 104, Boa Viagem	BI		
	Núcleo Histórico de Acuruí	Distrito de Acuruí	NH		
	Cine Teatro Pax	Pça Coronel Baeta, s/n, Centro	BI		
	Imagem de Santo Antônio	Pça São Sebastião, 143, Centro	BM		
	Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Rua Matozinhos	Rua Matozinhos, bairro Matozinhos	CP		
	Imagem de São Vicente e o Pobre	Hospital São Vicente de Paula	BI		
	Acervo de Imagens Sacras de Igreja de São Gonçalo do Bação	Igreja de São Gonçalo do Bação, Distrito de Bação	BI		
	Acervo de Imagens Sacras da Capela de Nossa Senhora do Bonsucesso	Capela de Nossa Senhora do Bonsucesso, Bonsucesso	BI		
	Registro do Modo de Fazer Pastel de Angu	Distrito-Sede e localidades rurais	PI		
	Registro da Corporação Musical Santa Cecília	Distrito-Sede	PI		
	Registro da Corporação Musical União Itabiritense	Distrito-Sede	PI		
	Registro da Festa de NS da Conceição	Núcleo Histórico de Acuruí	PI		

Legenda: BI (Bem Imóvel) / CP (Conjunto Paisagístico) / NH (Núcleo Histórico) / BM (Bem Móvel) PI (Patrimônio Imaterial)



3.1.2 Os primeiros habitantes e a ocupação Luso Brasileira

Os primeiros habitantes do planalto interior que hoje compõe as regiões Centro, Oeste e Sul do Estado de Minas Gerais parecem ter sido os índios Cataguá. Repelidos pela crescente ocupação portuguesa e pela movimentação dos grupos indígenas do litoral, os Cataguá abriram espaço, a partir do século XVI, para a interiorização de outros grupos, como os Goyaná ou Goianá e os Carijó, estes últimos em pequeno número.⁴ Referências apontam, ainda, para a presença da tribo dos Aredes ou Aredez, grupo indígena habitante da Cadeia do Espinhaço na altura das cabeceiras do Rio das Velhas.⁵

A denominação Itabirito tem origem tupi-guarani, significando "pedra que risca vermelho", em alusão ao minério de ferro abundante na região. O termo foi introduzido como topônimo da região em princípios do século XIX, a partir das indicações feitas pelo geólogo Wilhelm Ludwig von Eschwege que se apropriou do termo de origem tupi-guarani. Os itabiritos são formações ferríferas de rochas metamórficas e oxidadas, constituídas principalmente de quartzo e óxidos de ferro, abundantes na região.⁶

A ocupação luso-brasileira da região está relacionada ao reconhecimento dos sertões para a conquista, ocupação e exploração de suas riquezas. Esse processo iniciou-se na segunda metade do século XVI e levou à estabilização de caminhos e povoados, em geral condicionados pela expectativa de encontrar ouro, prata e pedras preciosas. Com a descoberta das Minas, as expedições passaram a ser feitas por caminhos já consolidados, como o *Caminho do Sertão* e o *Caminho Novo*, onde foram implantados diversos estabelecimentos de suporte aos viajantes e às tropas, como pousos, ranchos, vendas e fazendas. A preocupação da Coroa no tocante a esta infraestrutura manifestou-se principalmente na concessão de sesmarias ao longo das estradas oficiais, viabilizando a ocupação, o escoamento do ouro e a tributação nos caminhos.⁷

_

⁴ JOSÉ, Oiliam. *Indígenas de Minas Gerais: aspectos sociais, políticos e etnológicos*. Belo Horizonte: Movimento-Perspectiva, 1965. p. 20.

⁵ Demonstração dos afluentes do Rio São Francisco, em Minas Gerais. In: Biblioteca Digital Mundial. https://www.wdl.org/pt/item/887/view/1/1/

⁶ BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995, p.156.

⁷ SOUZA, Ana Cristina de. "Caminhos enquanto artefatos: relações sociais e econômicas no contexto do Caminho Novo e suas variantes (séculos XVIII e XIX)". In: *Arqueologia Histórica na América Latina*. Columbia: The University of South Carolina, v. 6.



3.1.3 Ocupação do território e formação dos núcleos urbanos

A formação do atual município de Itabirito está intimamente ligada ao processo de povoamento da região do Rio das Velhas, através das concessões de sesmarias feitas aos primeiros povoadores. Há notícias de que no final do século XVII, o bandeirante Manoel Garcia descobriu ouro nas vertentes do Rio Tripuí e Passa Dez, localizados nos sopés do Pico do Itacolomi. Há referências também a respeito do Capitão Luiz de Figueiredo Monterroio e Francisco Homem D'el Rey que se instalaram nas proximidades do Pico de Itaubira para desenvolverem atividades de mineração em 1709. A partir desta região, localizada nos contrafortes do cume, originou-se o Arraial de Nossa Senhora da Boa Viagem da Itaubira do Rio de Janeiro, atual sede municipal. A devoção a este orago teria se dado por influência de Francisco Homem D'el Rey que carregava consigo um estandarte da santa retirado da nau que o trouxera. Estas descobertas deram origem às minas de Córrego Seco e de Cata Branca do Aredes nos arrabaldes do Pico de Itaubira, onde se edificou uma capela em honra a São Sebastião. Durante a colonização, o Pico de Itaubira, com seu grande destaque na paisagem, serviu de marco geográfico para orientar as caravanas que adentravam o território mineiro. Desse modo, o Arraial de Nossa Senhora da Boa Viagem da Itaubira do Rio de Janeiro se desenvolveu, ao lado da mineração, como ponto de apoio aos tropeiros que percorriam o "caminho do Sabarabuçu", no trecho entre Sabará e Ouro Preto, tendo como orago de devoção, e não por acaso, a Nossa Senhora da Boa Viagem. 8

Em 1709, diante da necessidade de administrar as riquezas da região das Minas, a Coroa desmembrou a Capitania do Rio de Janeiro, criando a Capitania de São Paulo e Minas Gerais, as quais foram também desmembradas em 1720, diante das disputas em torno das descobertas. Minas Gerais, então, já estava organizada em quatro comarcas: a de Vila Rica com sede no arraial homônimo, a do Rio das Velhas com sede em Sabará, a do Rio das Mortes em São João Del Rei, e a do Serro Frio com sede no Arraial do Tijuco. O arraial da Itaubira pertencia à Comarca de Vila Rica, mas estava estrategicamente implantado entre as comarcas de Vila Rica, Rio das Velhas e Rio das Mortes, favorecendo assim a atividade das tropas na região.

⁸ PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABIRITO. *Histórico do Município de Itabirito*. Setor de Pesquisa Histórica da Divisão de Memória e Patrimônio de Itabirito, 2008.



Ângelo Alves CARRARA⁹ identifica diversos nomes que figuram entre os primeiros povoadores da região de Itaubira. Francisco Duarte de Meireles, genro de Manuel de Borba Gato, possuía em 1710 uma sesmaria de duas léguas localizada "entre Paraopeba, cordilheira do Itatiaia, e a encruzilhada do caminho das Abóboras para Itaubira", na qual ele criava gado vacum. Em 1714, Antônio Rodrigues de Souza recebeu uma légua de terras no "sítio no ribeirão que deságua no ribeirão da Itabira" e era detentor da expressiva quantia de 61 escravos. Em 1718, Domingos Rodrigues recebeu meia légua de terras no "sítio Portão, campo da Itabira" Por sua vez, Domingos Rodrigues Cobra, João de Morais e Pedro Teixeira receberam no ano de 1719, uma sesmaria de uma légua nas "sobras na Itabira". que faziam divisas com as terras do Capitão João [Gonçalves Fernandes] e de Jorge/João da Silva. No mesmo ano, Manuel de Andrade Góis adquiriu uma légua de terras onde fundou um "rancho nas cabeceiras de São Bartolomeu, Vila Rica". Posteriormente, no ano de 1725, esta propriedade passou a fazer parte do cabedal de Félix Simões de Paiva, que possuía dois outros sítios: um no Tapanhoacanga e outro "da parte do Ouro Fino chamado Rocinha". E, em 1720, apesar de ter adquirido uma légua sesmeira na "barra do Bação", Tomé de Andrade Freire não desenvolvia quaisquer atividades neste terreno. O povoamento da região de Itaubira foi, portanto, dinamizado a partir das explorações auríferas em localidades como Aredes, Córrego Seco, Cata Branca e Pé do Morro.

A construção da primitiva capela de Nossa Senhora da Boa Viagem é atribuída ao período entre 1710 e 1720. Em 1721 já existem registros de batismos encontrados no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. O desenvolvimento da região de Itaubira foi tamanho que se têm notícias de que em 26 de fevereiro de 1725, por carta régia de D. João VI, o povoado foi elevado à condição de distrito de Vila Rica. Em 3 de abril de 1745 foi criada a freguesia de novo nome, Itabira do Campo. Registra-se o número de 3.664 batismos realizados em Itabira do Campo entre 1721 e 1800, sendo 2.296 na Matriz de NS da Boa Viagem. A freguesia tornou-se colativa em 1752.

⁹ CARRARA, Ângelo Alves. *Contribuição para a História Agrária de Minas Gerais – Séculos XVII-XIX*. Série Estudos 1. Mariana: UFOP; Departamento de História; Núcleo de História Econômica e Demográfica, 1999, p.31-46.

¹⁰ PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABIRITO, 2008.

¹¹ Idem Ibidem.



A Capela de Nossa Senhora do Rosário foi edificada possivelmente antes de 1740. Em 1765 foi construída a Capela do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, encomendada por Silvério Francisco dos Reis. Além desses templos foram edificadas, no século XVIII, a Capela de Santa Rita de Cássia, no povoado de Córrego Seco, e a Capela de São Sebastião, no Aredes, ambas atualmente em ruínas. Atuaram as seguintes irmandades na região a partir dos setecentos: Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora da Conceição, de Nossa Senhora do Rosário, de Santo Antônio e de Nossa Senhora da Boa Viagem. 12

Em Rio das Pedras, a elevação do arraial ao *status* de freguesia antes de 1718 indica que a capela primitiva da Matriz de Nossa Senhora da Conceição já se encontrava edificada nesse período. A Capela de São Vicente Férrer, situada em povoado próximo à Matriz, teve o seu patrimônio constituído pelo Capitão Manuel Coelho e Souza em dezembro de 1728. Em 1751 foi erigida a capela primitiva de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, sendo o seu patrimônio estabelecido em 1755. Sobre as irmandades que atuaram em Rio das Pedras a partir dos setecentos registram-se as irmandades (de São Miguel) das Almas, de Nossa Senhora do Terço e de Nossa Senhora do Rosário. No Arraial de São Gonçalo do Monte, segundo o Padre Henrique Afonso Lemos, a edificação da capela homônima, construída em pedra, é datada entre 1709 e 1727. Em São Gonçalo do Bação a capela foi curada em 1748. Seu patrimônio foi doado por Manuel da Ascenção em 1762. Como os templos geralmente eram pré-existentes ao título de curato, a capela primitiva dessa localidade, portanto, encontrava-se edificada antes de 1748. ¹³

Em resumo, durante a década de 1720 encontravam-se erigidos os seguintes templos primitivos nas localidades que compõem o atual município de Itabirito: Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Rio das Pedras (anterior a 1718), Capela de Nossa Senhora da Boa Viagem (entre 1710 e 1720), Capela de São Gonçalo do Monte (entre 1709 e 1727) e a Capela de São Vicente Férrer (1728). As datas das construções desses templos ratificam a existência dos assentamentos populacionais e se apresentam como referências sobre a constituição das áreas urbanas.¹⁴

¹⁴ Idem Ibidem.

.

¹² PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABIRITO. *Histórico do Município de Itabirito*. Setor de Pesquisa Histórica da Divisão de Memória e Patrimônio de Itabirito, 2008.

¹³ Idem Ibidem.



Os moradores de Rio das Pedras, Itabira do Campo, São Gonçalo do Bação e São Gonçalo do Monte vivenciaram no século XVIII um quadro de diversidade produtiva que reunia, além da mineração, a agropecuária, o beneficiamento de produtos (milho, cana-de-açúcar, mandioca), serviços de marcenaria, cantaria e a incipiente siderurgia. Nas Minas Gerais, essa multiplicidade dos setores produtivos proporcionou certa independência de outras capitanias e melhores possibilidades de enfrentamento da crise mineratória, agravada no fim dos Setecentos.¹⁵

3.1.4 Século XIX: A decadência do Ouro e a Extração do Minério de Ferro

As jazidas aluvionais viveram sua fase áurea na primeira metade do Setecentos, quando não eram necessárias técnicas apuradas de extração do ouro. Com o tempo este tipo de ouro se tornou escasso, sendo necessária a promoção do desenvolvimento técnico e tecnológico das artes de minerar, exigindo maiores investimentos. Os pequenos exploradores, sem condições de investimento, acabaram se deslocando das antigas lavras em busca de melhores condições de vida. Esta situação levou ao abandono de diversas pequenas localidades da região. Neste contexto de decadência, empresas estrangeiras, fomentadas pelo governo imperial, começaram a adquirir terras e antigas lavras para explorar as riquezas a partir de novas tecnologias. 16

Entre 1833 e 1844, Itabira do Campo foi palco de um dos principais processos de extração de ouro utilizados no Brasil, durante o século XIX, época em que a empresa inglesa The Brazilian Company Ltda explorou as minas de Cata Branca, Aredes e Morro das Almas. A Mina de Cata Branca, por exemplo, utilizava um amplo sistema movido a partir de transmissões mecânicas com rodas d'água e pilões de ferro, facilitando a separação do ouro através das lavagens com utilização do mercúrio. Em 1844, um desmoronamento da galeria principal com consequente soterramento de trabalhadores, muitos deles escravos, levou ao encerramento das atividades da empresa, que foi fechada e vendida para a St. John d'El Rey Mining Company Limited. 17 Em 1868, duas décadas depois do acidente, Burton fez a seguinte leitura sobre a situação econômica local:

¹⁵ Idem Ibidem.¹⁶ Idem Ibidem.

¹⁷ Idem Ibidem.



Na realidade, as acomodações da igrejas dariam para alojar toda a população, embora sem muito conforto; a maior parte dos templos está em ruínas. (...) Itabira progrediu com a Mina de Cata Branca, e decaiu, quando a mina afundou. Os itabirenses continuam mal sustentados pelo mercado de Morro Velho e a lembrança dos melhores tempos mal dá para manter viva a esperança do futuro. 18

Entre 1822 e 1890 houve brusca diminuição de habitantes em Itabira do Campo, de 4000 para 200 habitantes. Uma alteração importante ocorrida no fim do século XIX foi a inauguração da Estrada de Ferro Central do Brasil, com estação em Itabira do Campo em funcionamento a partir de 1882. Principal símbolo de progresso para o homem do século XIX, a estrada de ferro impulsionou as atividades econômicas da região, criando um corredor de escoamento para os produtos locais, que poderiam mais facilmente chegar ao Rio de Janeiro e ser exportados. Assim, a passagem do século XIX para o XX foi marcada pela diversificação da economia e, já no segundo quartel do século XX, pela industrialização da extração de ferro. As terras próximas ao Pico de Itabirito, outrora desvalorizadas pela decadência da mineração do ouro, foram revalorizadas e adquiridas por empresas mineradoras durante o século XX. Em 1919, a população de Itabira do Campo foi registrada em 5.816 habitantes.

3.1.5 Desenvolvimento de Itabira do Campo no final no século XX

O novo impulso propiciado pelas transformações econômicas, políticas e sociais ¹⁹ em Minas Gerais e em Itabira do Campo gerou um ambiente favorável à instalação da primeira usina siderúrgica moderna de Minas Gerais: a Usina Esperança, implantada a partir de esforços da firma Amaro-Gerspacher, em novembro de 1888, sob a direção de Jean Albert Gerspacher, diretor técnico da empresa. Em 1889, com o falecimento de Jean Albert, seu filho, Joseph Albert Fidele Gerspacher, concluiu o empreendimento. O primeiro alto forno da Usina Esperança entrou em funcionamento em 21 de junho de 1891. ²⁰

¹⁸ BURTON, Richard Francis. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

¹⁹ O aumento das instalações de pequenas fábricas em Minas Gerais, sintoma visível desde 1860, a crescente instalação da malha ferroviária, a efetivação do trabalho livre em 1888, o início do governo republicano em 1889, a construção da nova capital (Belo Horizonte) e a emergência de setores médios da sociedade começaram a transformar o panorama da região central mineira no final do XIX.

²⁰ ARQUIVO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABIRITO. *Histórico da Usina Queiroz Júnior SA*. Transcrição de Manuscrito do Sr. Flávio Braga Ribeiro. 2008.



No início de 1892 a Usina Esperança foi vendida à Sociedade de Forjas e Estaleiros (*Societé des Forges et Chantiers*), entretanto e empresa caiu em insolvência e a Usina foi paralisada e hipotecada ao banco da Lavoura e Comércio do Rio de Janeiro. Em 1890, Queiroz Júnior comprou, em hasta pública, todo o acervo da Usina, fundando a Cia Leandro & Queiroz. Em abril de 1910 foi inaugurado o alto forno, em carcaça de aço e maior produção. Seguiu-se um período próspero, entre os anos de 1935 e 1972, com a construção de mais três alto fornos, a fundição de aço e a ampliação de linhas de bondes. A empresa especializou-se na fabricação de produtos para a indústria automobilística, ferroviária, mecânica e máquinas em geral. Em 1992, a Usina Queiroz Júnior, após um longo período de crise, pediu a autofalência, sendo leiloada e arrematada pelo Grupo VDL. Com a nova denominação – VDL Siderurgia – a Usina foi reestruturada com moderna tecnologia. Atualmente cumpre importante papel na economia do município de Itabirito. ²¹

O crescimento das unidades fabris em Itabira do Campo reuniu, além da Usina Esperança (1888), a abertura da Companhia Industrial Itabira do Campo (1892), ligada ao ramo da tecelagem, além da abertura de fábricas de calçados e de alguns curtumes, sendo o mais significativo o Curtume de Santa Luzia (1896). Esses investimentos na abertura de fábricas, impulsionados pela potencialidade de abastecimento das demandas de Belo Horizonte, em expansão, e do Alto Vale Paraopeba, provocaram um crescimento da população de Itabira do Campo que em três décadas (1890-1919) triplicou o seu número, saltando de 2.000 para 5.816 habitantes. A região de Rio das Pedras (atual Acuruí), ao contrário, experimentou uma diminuição de sua população, sofrendo, nesse mesmo período, um decréscimo de praticamente 1/3, indicando a migração para a recém-constituída área fabril de Itabira do Campo.²² O aumento populacional e a inauguração da Estrada de Ferro provocaram a mudança do eixo de ocupação urbana, que se deslocou da antiga parte alta para a parte baixa, cortada pelo Rio Itabira (atual Rio Itabirito), aonde veio se instalar a fábrica de tecidos Companhia Industrial Itabira do Campo.

²¹ NOLASCO, Emílio F. *Itabirito em revista*. Edição Especial. Itabirito: Editora FAPI Ltda, 2007

²² PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABIRITO. *Histórico do Município de Itabirito*. Setor de Pesquisa História da Divisão de Memória e Patrimônio de Itabirito, 2008.





Figura 2: Itabira do Campo – 1902. Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABIRITO. *Histórico do Município de Itabirito*. Setor de Pesquisa História da Divisão de Memória e Patrimônio de Itabirito, 2008

O cenário fabril, o aquecimento econômico e o crescimento populacional motivaram o surgimento de ideias de emancipação municipal, já que Itabira do Campo era um distrito de Ouro Preto. Em 7 de setembro de 1923 o novo município foi formalizado com a denominação de Itabirito, cujo perímetro era composto pela Sede (antiga Itabira do Campo) e os distritos de São Gonçalo do Bação, Moeda, São José do Paraopeba e Boa Vista do Aranha. A partir de 1938, além da Sede, ficaram vinculados apenas os distritos de Rio das Pedras (atual Acuruí), São Gonçalo do Monte e São Gonçalo do Bação, conformação que ainda permanece.

Entre as décadas de 1920 e 1930, a Sede de Itabirito recebeu melhorias em seu espaço urbano, como a inauguração, em 1923, do serviço de abastecimento de energia elétrica para as empresas, repartições, vias públicas e parte da população; inauguração, em 1926, da nova fábrica de tecidos a Companhia Itabirito Industrial de fiação e tecelagem de algodão. Em 1934 as coletas de águas nos antigos chafarizes começaram a ser trocadas pelos serviços de captação e distribuição de água. As diretrizes de modernização importadas de outros centros, como Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, passaram a influenciar os modelos de edificação, resultando numa lenta substituição das construções tradicionais. ²³ Entre 1950 e 1991 a população de Itabirito triplicou, passando de 12.820 para 37.901 habitantes. Entre 1996 e 2015 esse número subiu para 49.768 habitantes (IBGE).

²³ Idem Ibidem.



3.2 Sobre o Coral Canarinhos de Itabirito

3.2.1 Os Coros

Um coro ou coral é entendido como um grupo de cantores e cantoras distribuídos por naipes segundo a tessitura de suas vozes²⁴. De modo geral pode-se dizer que os corais baseiam suas atividades na execução de peças musicais compostas especialmente para coro ou arranjos para coro de canções clássicas, religiosas e populares, com ou sem acompanhamento musical. Um coro misto - com vozes adultas, masculinas e femininas - compõe-se, ao menos na música ocidental, de quatro naipes: os **baixos**, os **tenores**, os **contraltos** e os **sopranos**. São incluídas, em alguns corais, duas vozes intermédias, os **barítonos** e os **mezzo-sopranos**, nomeadas de **2º tenor** e **2ª soprano**, respectivamente.

Os coros tem origem em períodos históricos bem remotos. Ainda que seja difícil estimar um marco inicial confiável para seu aparecimento, existem indícios no Egito e Mesopotâmia que sugerem sua existência relacionada a cerimônias de cunho espiritual e religioso. Como destaca Eduardo Fonseca:

Em sua origem grega, Chóros, representava um conjunto de aspectos que, somados, iam ao encontro do ideal do antigo drama grego de Ésquilo, Sófocles, e Eurípedes. O conjunto consistia em Poesia, Canto e Dança. O Cristianismo antigo o adotou com outros sentidos, passando para o termo latino Chorus que significava o grupo da comunidade que canta ou a abside (recinto poligonal em que termina o Coro da igreja) junto ao altar, separada da comunidade pelas cancelas e mais tarde também denominada o lugar onde se coloca o órgão²⁵.

Os coros passaram por várias transformações nos primeiros séculos depois de Cristo, encontrando seu apogeu no século XIII com uma estrutura a três vozes, relacionada principalmente à Escola Parisiense de Notre-Dame. Foi com o desenvolvimento desta técnica que se estabeleceu a tão comum estrutura de coral a quatro vozes. A relação dos coros com o serviço litúrgico e o louvor religioso é uma antiga tradição dentro do

²⁵ FONSECA, 2011. Disponível em: http://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-do-canto-coral. Acesso em: set/2013.

²⁴ Segundo o Dicionário Brasileiro Contemporaneo Ilustrado, tessitura significa: "disposição dada às notas musicais para se acomodarem a certa voz ou instrumento" (VOL III, p. 1036).



cristianismo ocidental. A partir do século XIV os corais passaram a assumir uma estrutura bem semelhante à atual, como sugere Fonseca:

A prática antiga já estabelecia que qualquer agrupamento, por menor que fosse, tinha que ser conduzido em unidade por alguém que mantivesse e guardasse essa unidade. Isso já era constatado desde o "Chóregos" grego com sua responsabilidade de condução, passando pelo "Magister" na igreja da baixa Idade Média. O desenvolvimento processa-se com uma série de mudanças e reformas. Em 1324 aparece o cânone "Summer is incumen in" na Inglaterra. Era uma sonoridade estranha para os padrões da época, mas que contribuiu de maneira decisiva para o desenvolvimento posterior do coro. Em 1330 aparece pela primeira vez uma missa completa a mais vozes - "Missa de Tournais" e a missa de Machaut de 1364 ²⁶.

Nos séculos passados os coros muitas vezes eram mantidos e estimulados pelos reis, clérigos e pessoas abastadas, que visavam manter os grupos de música para alegrar e dar o tom às festividades locais. Com isso disseminavam a doutrina religiosa ao mesmo tempo em que atraiam e integravam mais fiéis. O coral cumpria, dessa forma, um papel importante na disseminação de doutrinas religiosas e políticas, cativando o público através do espetáculo da música em coro.

A Reforma Protestante, principalmente com Martinho Lutero (1483-1546) na Alemanha, também potencializou a aliança entre música e fé. Lutero, responsável por traduzir a bíblia do latim para o alemão, contribuiu para tornar o texto sagrado mais acessível, impactando a questão religiosa com a cultura alemã. Seus hinos religiosos, escritos para louvor e adoração, influenciaram consideravelmente o ato de cantar em igrejas. Segundo Fonseca, ainda que os corais tenham sido muito relacionados às práticas religiosas, muitos deles foram se desenvolvendo e se desligando do clero. As irmandades passaram a se proliferar na Europa cantando canções profanas, além das tradicionais canções sacras.

Outra questão que favoreceu a expansão e a popularização dos corais foram os coros escolares, que tiveram sua expressão máxima alcançada com J.S. Bach (1685-1750) e Haendel (1685-1759), ambos relacionados ao contexto alemão. A partir do final do

_

²⁶ Idem Ib.



século XVII inúmeras associações de canto se aventuraram no terreno profano, estimulando a criação de escolas, fundações e conservatórios com o intuito de restaurar e renovar a prática do canto.

Com a introdução do canto coral como disciplina obrigatória em Paris no século XIX, os corais se tornaram ainda mais populares. Foi também neste contexto que se popularizaram na Europa os Festivais de Música. Esta medida influenciou outros países anos mais tarde, inclusive o Brasil no contexto da Escola Nova, no começo do século XX. Os Corais Orfeônicos já vinham sendo difundidos no país principalmente a partir da década de 1920. No início da década de 1930, contexto de ascensão de Getúlio Vargas ao poder, estes corais passam a ser contemplados por leis e decretos federais que visavam incluí-los nas escolas secundárias. Como destaca Lemos Junior:

A Reforma de ensino de Francisco Campos em 1931 foi resultado da intervenção do maestro Heitor Villa-Lobos em prol da educação musical e, em particular, do Canto Orfeônico na escola. Com esta reforma, o Governo Federal procurou expandir e tornar o ensino do Canto Orfeônico obrigatório na escola, não apenas no ensino primário, como também no ginasial. No entanto, as discussões e as ideias a respeito do ensino de Música já se encontravam presentes no cenário nacional desde o início do século²⁷.

Villa-Lobos, recorrendo a um discurso fortemente nacionalista, defendia a música brasileira de raiz e problematizava a questão artística no país, comparando-a com experiências de outros lugares. Havia a preocupação em difundir o ensino de música nas escolas primárias e secundárias como uma forma de educar as massas, principalmente a crescente população que passava a habitar os grandes centros urbanos e que servia de mão de obra para as indústrias em desenvolvimento.

A popularização dos Corais Orfeônicos foi além da Era Vargas. Em 1946, por exemplo, um processo de reformulação foi apresentado pelo ministro Raul Leitão Filho. Esta política pode ser apreciada por meio desta portaria Ministerial:

²⁷ LEMOS JÚNIOR, W. "O ensino do canto orfeônico na escola secundária brasileira (décadas de 1930 e 1940)". In: *Revista HISTEDBR On-line*, n.42, p.279-295. Campinas, junho/2011, p. 279.



FINALIDADE DO CANTO ORFEÔNICO

Na portaria Ministerial nº 300, de 7 de maio de 1946, referente ao ensino de canto orfeônico nas escolas secundárias do país, lê-se o seguinte:

- I O ensino de Canto Orfeônico tem as seguintes finalidades:
- a) Estimular o hábito de perfeito convívio coletivo, aperfeiçoando o senso de apuração do bom gosto.
- b) Desenvolver os fatores essenciais da sensibilidade musical, baseados no ritmo, no som e na palavra.
- c) Proporcionar a educação do caráter em relação à vida social por intermédio da música viva.
- d) Incutir o sentimento cívico, de disciplina, o senso de solidariedade e de responsabilidade no ambiente escolar.
- e) Despertar o amor pela música e o interesse pelas realizações artísticas.
- f) Promover a confraternização entre os escolares²⁸.

Esta política, ainda que voltada ao ambiente escolar, foi amplamente difundida nesta época. Este é o contexto, portanto, no qual a prática de coros disseminada pelo Coral Canarinhos de Itabirito está inserida e deve ser compreendida.

3.2.2 Os Pueri Cantores

A música tem sido um elemento determinante da forma musical do culto cristão e sua importância remonta à tradição judaica dos salmos. Atribui-se a Santo Agostinho o dito *quem canta reza duas vezes*, e São Paulo, em sua Epístola aos Colossenses, incentivava a música e os cânticos como forma de louvor: *A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao Senhor com graca em vosso coração.²⁹*

Nos últimos anos do século XIX a música dominante dentro das igrejas católicas na Itália enfatizava o acompanhamento da orquestra e o canto individual, conferindo um aspecto de ópera ao serviço litúrgico. Em 1903 o Papa Pio X publicou o *Motu Proprio Tra le Sollecitude*, reafirmando a primazia do canto gregoriano dentro da

²⁸ ARRUDA, 1960, p.153. apud LEMOS JÚNIOR, W. "O ensino do canto orfeônico na escola secundária brasileira (décadas de 1930 e 1940)". In: *Revista HISTEDBR On-line*, n.42, p.279-295. Campinas, junho/2011, p.291.

²⁹ BÍBLIA, Colossenses, 3-16.



liturgia eclesiástica e iniciando o renascimento do canto coral. Segundo Ratzinger, o fim da ênfase no

[...] acompanhamento orquestral, que sobretudo na Itália tinha desenvolvido característica de ópera, tinha o propósito de colocar a música da Igreja mais uma vez à serviço do texto litúrgico e da adoração. A música da Igreja não mais seria uma performance na ocasião do serviço litúrgico, mas seria a própria liturgia, isto é, estaria em companhia do coro de anjos e santos.³⁰

A *Tra le Sollecitude* reorganizou a música eclesiástica católica e estabeleceu as bases para o renascimento dos corais católicos como os conhecemos hoje. Por entender que o canto na Igreja não era simples espetáculo que tinha a Igreja como cenário, mas a própria liturgia católica, o *Tra le Sollecitude* também proibia as mulheres de participarem desses corais. O documento indicava que querendo-se, pois, ter vozes agudas de sopranos e contraltos, empreguem-se os meninos, segundo o uso antiquíssimo da Igreja. O documento do Papa Pio X também incentivava as paróquias a instituir suas próprias *Scholae Cantorum*, as escolas de canto, mesmo nas igrejas de menor importância, afirmando que através delas o pároco encontraria um meio fácil para reunir em volta de si os meninos e os adultos, com proveito para eles e edificação do povo. 32

Em resposta ao incentivo papal foi fundada em 1907, na França, a *Les Petits Chanteurs a la Croix du Bois*, uma associação cujo coral de crianças tinha como principal objetivo cantar a liturgia católica. Na Europa do período entre guerras esses corais cantaram em muitos países pela paz. A Segunda Guerra Mundial interrompeu o trabalho desses corais mas não conseguiu extinguir o projeto. Em 1944 Emmanuel Cardinal Suhard, o Arcebispo de Paris, aprovou a fundação de uma organização internacional de corais infantis para o serviço litúrgico, a Federação

RATZINGER, Joseph. "In the Presence of the Angels I Will Sing Your Praise: The Regensburg Tradition and the Reform of the Liturgy".In: Adoreums Bulletin. Vol. 2, Nos. 6-8 1996. Disponível em: http://www.adoremus.org/10-12-96-Ratzi.html Acessado em 05 de outubro de 2016.

³¹ PIO X, Papa. "*MOTU PROPRIO TRA LE SOLLICITUDE*". Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-x/pt/motu_proprio/documents/hf_p-x_motu-proprio_19031122_sollecitudini.html . Acessado em 05 de outubro de 2016.

³² Idem Ib.



Internacional de Pueri Cantores. A Federação manteve, inicialmente, Congressos Bienais na Europa e América e depois na África e Ásia. Em 1964 o Papa Paulo VI aprovou os estatutos da Federação que a partir de então foi oficialmente reconhecida como movimento eclesial.

Estimulada pelo reconhecimento da Santa Sé, foi fundada a Federação Nacional dos Meninos Cantores do Brasil em 1967 pelo Frei Leto Bienias e pelo Padre José Maria Wiesniesvsky. Seus corais mais antigos são os Canarinhos de Petrópolis (1942) e o Mater Verbis (1953), seguidos pelo Coral Dom Silvério (1953), os Pequenos Cantores de Cássia (1972) e os Canarinhos de Itabirito (1973). Atualmente são doze coros federados, todos das regiões sul e sudeste do Brasil. Em 1996 algumas modificações começaram a ser feitas nos estatutos da Federação Internacional Pueri Cantores e a partir de 2001 a Santa Sé passou a permitir o ingresso de mulheres nos corais. A Federação Internacional Pueri Cantores hoje está organizada em 35 países e mobiliza cerca de quarenta mil crianças e jovens cantores.³³

Em 2003, no centenário do Motu Proprio Tra Le Sollecitude, o Papa João Paulo II publicou um Quirógrafo papal recuperando o documento do Papa Pio X e propondo novamente alguns de seus princípios. No Quirógrafo o Papa João Paulo II reiterou a importância do canto coral para uma participação mais ativa e intensa do público nas celebrações litúrgicas e insistiu na importância de se cantar a liturgia. O Quirógrafo ainda indica que a música litúrgica dos corais deve atender aos requisitos específicos de cada momento:

> Os vários momentos litúrgicos exigem, de facto, uma expressão musical própria, sempre apta a fazer emergir a natureza própria de um determinado rito, ora proclamando as maravilhas de Deus, ora manifestando sentimentos de louvor, de súplica ou ainda de melancolia pela experiência da dor humana, uma experiência, porém, que a fé abre à perspectiva da esperança cristã. 34

ii let 20031203 musica-sacra.html . Acessado em 05 de outubro de 2016.

³³ SITE OFICIAL. Disponível em: http://www.puericantores.org/about-pueri-cantores,history . Acessado em 05 de outubro de 2016.

JOÃO PAULO II, Papa. QUIRÓGRAFO DO SUMO PONTÍFICE JOÃO PAULO II NO CENTENÁRIO DO MOTU PROPRIO TRA LE SOLLECITUDINI. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/2003/documents/hf_jp-



3.2.3 A fundação dos Canarinhos de Itabirito

O Coral Canarinhos de Itabirito foi fundado no dia 06 de setembro de 1973 pelo então vigário da Paróquia da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito, Padre José Francisco Xavier. Quando o Padre começou a organizar seus Canarinhos, já havia em Itabirito outros corais ligados às paróquias. Esses corais atendiam a missas e eventos católicos e eram formados principalmente por adultos. Existiam ainda os corais ligados às bandas de música, como o coral da Corporação Musical Santa Cecília, criado em 1887 e ainda ativo. O coral da Santa Cecília atuava em eventos religiosos cantando em latim e até cerca de 1910 era formado unicamente por mulheres. Outro coro famoso em Itabirito era o Coral Orfeônico Maria Velasco, criado pelo famoso Maestro Dungas, então regente da Corporação Musical União Itabiritense. Criado em 1958, o Coral do Maestro Dungas era composto especialmente por homens que também faziam parte da banda. Dessa forma, quando o Padre Francisco Xavier propôs a criação de um coral em 1973, ele estava atuando dentro de uma tradição de coros, já consolidada em Itabirito.

Francisco Xavier Gomes nasceu em 05 de fevereiro de 1918 na cidade de Mariana, no distrito de Cláudio Manoel (ou Boa Vista). Quando jovem estudou no Conservatório de Música de Belo Horizonte e posteriormente ingressou no Seminário Menor de Mariana, onde integrou o Coral e a Banda de Música como pistonista e requintista. 35



Figura 3: Padre Francisco Xavier Gomes. Fonte: Arquivos do Coral Canarinhos. Itabirito, dezembro de 1981.

Ao lado dos estudos em filosofia e teologia do Seminário, Padre Xavier dedicou-se ao trabalho de compositor e arranjador, compondo dobrados, marchas, valsas e peças religiosas.³⁶

Segundo Guilherme Woods Carvalho, membro do extinto Coral Padre Xavier e presidente dos Canarinhos de Itabirito, o Padre Francisco Xavier tinha uma formação

³⁵ GAZETA DE ITABIRITO. Itabirito, março de 1982.

³⁶ Idem Ib.



em música eclesiástica muito forte, já que [...] Mariana tem uma identidade muito grande com a atividade litúrgica da igreja, porque tem lá tem seminários e essas coisas, então tem sim uma identidade muito grande com a cultura musical.³⁷ Ainda em Mariana o Padre Xavier foi também organista e compôs o "Dobrado 28 de abril" em homenagem a Dom Lázaro. No Seminário Maior fundou a "Orquestra Dom Helvécio", onde tocava flauta e violoncelo, e mais tarde tornou-se o organista oficial do coro. Depois de se tornar pároco, Padre Francisco Xavier foi fundador ainda das bandas de música de Santa Cruz do Escalvado e Jeceaba.³⁸

Quando se tornou vigário da Paróquia da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem de Itabirito, em 21 de janeiro de 1967, Padre Xavier já apresentava, portanto, ampla experiência com música e já havia fundado pelo menos três bandas, sempre atuando no contexto da música religiosa. Foi pároco na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem até sua morte em 1981 e lá fundou o Coral Canarinhos e o grupo de flautas *Doces Menestréis*. ³⁹



Figura 4: Padre Francisco entrega a túnica para o Canarinho Denilson. Fonte: GAZETA DE ITABIRITO. Itabirito, março de 1982.



Segundo Guilherme Carvalho⁴⁰, Padre Xavier era muito ligado à música de Itabirito, tendo composto, para a comunidade, as canções *Sinos da Boa Viagem*, *Hino Canção a Itabirito* e *Carloseana*, esta sobre o amor de um casal da cidade. Algumas das composições do Padre tratavam ainda da natureza local, como *Ipê Você*, *Sabiá* e *Botão de Rosa*. Somam-se a essas canções o *Hino Canção a Itabirito*, lançado pelo Padre Xavier ao lado de Hilton Mourão Malheiros no Festival da Canção de Itabirito⁴¹. Para

³⁷ ENTREVISTA com Guilherme Woods Carvalho, 72. Itabirito, 14/07/2016.

³⁸ O ARQUIDIOCESANO. Mariana, 14/02/1982.

³⁹ GAZETA DE ITABIRITO. Itabirito, março de 1982.

⁴⁰ ENTREVISTA com Guilherme Woods Carvalho, 72. Itabirito, 14/07/2016.

⁴¹ GAZETA DE ITABIRITO. Itabirito, março de 1982.



Guilherme Carvalho, essa conexão musical e religiosa do Padre Xavier com a cidade dariam ao Padre [...] essa identidade com o município de Itabirito.⁴²



Figura 5: Coral Canarinhos. Fonte: Arquivo do Coral Canarinhos, s/d.

O Coral Canarinhos de Itabirito foi fundado no dia 06 de setembro de 1973,⁴³ e a primeira auxiliar de regência foi a contadora e maestrina Maria José Michel do Nascimento. Maria José Michel permaneceu no Coral por vinte e sete anos até se mudar para Belo Horizonte em 2000, para lidar com questões de saúde. Faleceu no dia quinze de setembro de 2011 e sua morte foi sentida por todos os canarinhos.

Além de contadora, Maria José era professora do curso de catequese, mantendo uma relação bem estabelecida com o Padre Xavier antes mesmo da fundação dos Canarinhos. Entre os primeiros cantores escolhidos para o Coro estava Ubiraney de Figueiredo Silva, que frequentava a missa na paróquia da Boa Viagem e foi aceito aos sete anos para integrar o coral recém-criado, a exemplo do que era o *Canarinhos de Petrópolis* e os os *Bem-Te-Vis de Diamantina*⁴⁴.

⁴² ENTREVISTA com Guilherme Woods Carvalho, 72. Itabirito, 14/07/2016.

⁴³ VII CONGRESSO NACIONAL DOS MENINOS CANTORES. Novo Hamburgo, 1989.

⁴⁴ ENTREVISTA com Ubiraney de Figueiredo Silva, 53. Itabirito, 14/07/2016.





Figura 6: Casamento de Maria Jose Michel e Tarciso Nascimento. Fonte Arquivo Coleção Itabirito da Faculdade de Arquitetura da UFMG. 14/5/1961



Figura 7: Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem. Arquivo Coleção Itabirito da Faculdade de Arquitetura da UFMG. s/d.

A pianista Lis Cândida Bastos também foi convidada pelo Padre Xavier para participar do projeto de criação do coral infantil. Lis Bastos era natural de Belo Horizonte e nessa época atuava em Itabirito como professora de piano particular e em escolas públicas. A pianista tocava ainda em igrejas e em espetáculos com o maestro Dungas e Jorge Senra. Apesar de seu interesse em educação musical, Lis Bastos não pôde aceitar de prontidão o convite por causa de seus outros deveres, especialmente a criação de seus filhos pequenos. Isso, no entanto, não impediu que ela tocasse eventualmente com os Canarinhos, participando de apresentações a pedido de Padre Xavier. 45

O Coral já completara dois anos quando a maestrina Maria José Michel se afastou temporariamente devido à sua gravidez. Na ocasião, Padre Xavier incorporou à equipe de regência, como substituta, a professora de música Ana Maria Domingos Marinho Silva, que lecionava nas escolas estaduais e nos cursos de noivos das paróquias da Boa Viagem e de São Sebastião. Ana Maria se recorda de que, quando Maria José Michel voltou à regência, o Padre não deixou que ela saísse: [...] quem tem duas tem uma, quem tem uma não tem nenhuma, eu não deixo você ir embora mais! 46

.

⁴⁵ ENTREVISTA com Liz Cândida Bastos, 86. Itabirito, 03/08/2016.

⁴⁶ ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.



Ana Maria Domingos havia feito o curso de Educação Musical no Instituto de Educação de Minas Gerais, em Belo Horizonte, mas foi depois da experiência nos Canarinhos que ela *tomou o gosto* pelos coros. Instigada pelo Padre, cursou Técnica Vocal em Belo Horizonte, uma novidade na época, e mesmo antes do curso terminar já transmitia aos meninos tudo o que aprendia. Com Maria José Michel, Ana Maria Domingos e o Padre Xavier, os Canarinhos de Itabirito cresceram e começaram a se consolidar na cidade.

Para compor o coro, Padre Xavier investiu em um processo contínuo de pesquisa por meninos cantores. Segundo Ubiraney de Figueiredo Silva, um dos primeiros integrantes do coro, o padre [...] andava com um diapasão, fazia seleção em escola, fazia seleção em vários lugares. E ouvindo ele fez uma prospecção humana até formar o grupo! ⁴⁷ Objetivando o ingresso na recém fundada Federação Nacional de Meninos Cantores, Padre Xavier cumpria à risca as diretrizes da entidade, buscando unicamente meninos. Sua intenção era formar um coral apto à produção imediata, razão pela qual as crianças passavam por um criterioso teste de aptidão.

Inicialmente a busca por meninos cantores priorizou as escolas públicas próximas à Paróquia, como as escolas Raul Soares e Professor Tibúrcio, já que havia uma preocupação com a locomoção das crianças. A maestrina Ana Maria Domingos aplicava também testes em seus estudantes na Escola Henrique Michel, onde lecionava. A busca se ampliou até alcançar crianças das escolas de todos os bairros e também as que frequentavam aulas de catecismo e missas na Igreja Matriz da Boa Viagem. Ana Maria Domingos se recorda: [...] quando as crianças estavam chegando ele dizia assim: 'canta pra mim o Parabéns Para Você.' E aí só de escutar o Parabéns ele já via se a criança era afinada ou não, e aí ele conversava com os pais e convidava para participar do Coral. ⁴⁸ Ana Maria afirma que hoje, com quatro coros e uma equipe maior, os Canarinhos de Itabirito podem aceitar cantores até sem treino algum, mas naquele momento o coral não poderia se dar a esse luxo. ⁴⁹

⁴⁹ Idem Ib.

⁴⁷ ENTREVISTA com Ubiraney de Figueiredo Silva, 53. Itabirito, 14/07/2016.

⁴⁸ ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.



O ex-canarinho Ubiraney se recorda de que em sua incessante pesquisa o Padre Xavier [...] selecionou um grupo bem interessante, bem diverso, pegou gente da maioria dos bairros. ⁵⁰ Durante esses anos iniciais a renovação era muito grande: [...] às vezes entravam trinta, quarenta crianças mas nem todas tinham aquela persistência em ir pra ensaios [...]. Acabava que depois a criança desinteressava e saía. ⁵¹



Figura 8: Coral Canarinhos. Fonte: Arquivo do Coral Canarinhos, s/d.



Figura 9: Coral Canarinhos. Fonte: Arquivo do Coral Canarinhos, s/d.



Figura 10: Coral Canarinhos. Fonte: Arquivo do Coral Canarinhos, s/d.



Figura 11: Coral Canarinhos. Fonte: Arquivo do Coral Canarinhos, s/d.

Os ensaios ocorriam em momentos distintos. Padre Xavier ensaiava os adultos, Ana Maria assumia os sopranos em sua própria casa e Maria José ensaiava os contraltos, também em sua residência. ⁵² O atual maestro, Eric Lana, se recorda de que os ensaios gerais eram anunciados pelo Padre que, ao tocar um *sininho*, convocava todos para o

⁵⁰ ENTREVISTA com Ubiraney de Figueiredo Silva, 53. Itabirito, 14/07/2016.

⁵¹ ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.

⁵² Idem Ib.



salão paroquial⁵³. Os ensaios gerais também aconteciam no adro da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem. O sucesso do coro entre os frequentadores da Paróquia foi imediato, conforme afirma Guilherme Carvalho: [...] logo que ele lançou essa ideia e esse coral começou a cantar e a embelezar as missas, a comunidade achou fantástico!⁵⁴

Pouco depois de compor o Coral, Padre Xavier fundou um grupo paralelo, dessa vez dedicado ao ensino da flauta doce e princípios de teoria musical às crianças: o *Doces Menestréis*. Com o grupo, [...] foi crescendo o conhecimento musical por causa do interesse na flauta doce. Porque ensinar teoria em si não tem tanto atrativo e eles eram novos, com sete, oito, nove anos⁵⁵.



Figura 12: Doces Menestréis. Fonte: Arquivo do Coral Canarinhos, s/d.

Padre Xavier criou também uma terceira instituição, a Associação dos Amigos dos Canarinhos de Itabirito - a AMICI - cujo objetivo era prover auxílio financeiro ao coro. As pessoas se associavam e contribuíam com uma mensalidade simbólica, conforme suas possibilidades. Embora hoje o Coral Canarinhos de Itabirito seja uma Associação Cultural registrada como OSCIP, a AMICI foi a primeira experiência institucional da entidade, tornando-se fundamental para tecer laços do coral com a comunidade local.⁵⁶

No dia 13 de novembro de 1977 o Coral Canarinhos foi admitido na Federação Nacional dos Meninos Cantores do Brasil⁵⁷. De acordo com Ana Maria Domingos, este

⁵³ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.

⁵⁴ ENTREVISTA com Guilherme Woods Carvalho, 72. Itabirito, 14/07/2016.

⁵⁵ ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.

⁵⁶ ENTREVISTA com Guilherme Woods Carvalho, 72. Itabirito, 14/07/2016.

⁵⁷ ITABIRITO NOTÍCIAS. Itabirito, julho de 1980.



ingresso trouxe consigo uma inovação. Até 1977 a Federação contava somente com homens, não só nos coros mas também entre os maestros e auxiliares de regência. Padre Xavier demandou uma mudança que representou uma significativa abertura na política da Federação: a aceitação de maestrinas: [...] como o Padre Francisco já era uma pessoa enfartada, quando o Coral foi convidado a participar da Federação Nacional, ele falou que ele só entraria se as duas auxiliares dele pudessem entrar com ele. Então, com isso, fomos nós duas no meio da 'homarada' lá.⁵⁸

Em 1978 os Canarinhos comemoraram o seu 5° Aniversário em noite de gala, com repertório de músicas clássicas, populares e folclóricas, além da estreia dos *Doces Menestréis* para o grande público⁵⁹. Sete anos após sua fundação, em 1980, o Coral faria sua primeira participação em um Congresso Nacional, em Divinópolis, onde se apresentou com 23 meninos e 19 adultos cantando "*Vigília Hodie Mecum eris*" e "É tão sublime" ⁶⁰. No mesmo ano a Prefeitura de Itabirito promoveu o II Festival de Corais, como forma de valorização do canto coral. ⁶¹ No ano seguinte, no dia 05 de novembro de 1979, o Coral Canarinhos de Itabirito recebeu o reconhecimento como instituição de utilidade pública, pela Lei n°1088.



Figura 13: Maria José Michel e Ana Maria Domingos (à esquerda) e Padre Xavier (à direita) com os meninos cantores. Fonte: ARQUIVO CORAL CANARINHOS. s/d

⁶⁰ ITABIRITO NOTÍCIAS. Itabirito, julho de 1980.

_

⁵⁸ ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.

⁵⁹ JORNAL DE ITABIRITO. Itabirito, 1978.

⁶¹ ITABIRITO NOTÍCIAS. Itabirito, setembro de 1980.



Em 1981 os três regentes passaram a frequentar aulas com o professor Eládio Pérez Gonzales, barítono paraguaio diplomado na França e residente no Rio de Janeiro⁶². No mesmo ano a revista da Federação Internacional de Pueri Cantores, editada na França, publicou fotos dos Canarinhos de Itabirito na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, fato que foi amplamente noticiado pela imprensa local⁶³. Nesse período, os jornais locais já publicavam sobre a necessidade de uma sede própria para a entidade.

No dia dezesseis de dezembro de 1981 faleceu aos 61 anos o maestro Padre Francisco Xavier Gomes, um momento difícil na história do coral, que demandou ajuda e solidariedade. Para Guilherme Carvalho, [...] ele é lembrado pelos Canarinhos, por outras obras que ele fez, pela forma com que ele conduziu a paróquia, ele era um pastor que sabia conduzir a paróquia com maestria e deixou saudades. ⁶⁴



Figura 14: Recorte do Jornal Itabirito Notícias, por ocasião do falecimento do Padre Xavier. Fonte: ARQUIVO CORAL CANARINHOS. Itabirito, agosto de 1981.

⁶⁴ ENTREVISTA com Guilherme Woods Carvalho, 72. Itabirito, 14/07/2016.

⁶² ITABIRITO NOTÍCIAS. Itabirito, maio de 1981.

⁶³ ITABIRITO NOTÍCIAS. Itabirito, agosto de 1981.



A pianista Lis Bastos tocou na Missa de corpo presente do Padre Xavier: [...] naquela emoção de tocar para ele eu prometi que já que eu não tinha ajudado antes, que daquele dia em diante o Coral não ia morrer! O que precisasse eu estava às ordens.⁶⁵

Lis Bastos levou essa promessa a sério e só saiu dos Canarinhos de Itabirito em 2010, por motivos de saúde: [...] durante os vinte e tantos anos que eu fiquei eu fui a organista titular do Coral Canarinhos de Itabirito. E eu tenho orgulho de falar isso. ⁶⁶ Seu engajamento no Coral foi tão grande que [...] chegou ao ponto que os meus filhos cobraram de mim. [...] eu respondia que compromisso do Coral é meu compromisso. ⁶⁷



Figura 15: Organista Lis Bastos. Fonte: Arquivo do Coral Canarinhos, s/d.

Além de maestro, Padre Xavier era também presidente do Coral Canarinhos de Itabirito. O vice-presidente era Ubiraney de Figueiredo Silva, então com dezesseis anos, que passou a cumprir um papel fundamental na gestão da entidade, após a morte do Padre Xavier:

Era meio que um presidente e primeiro ministro, porque eu tinha um séquito de adultos me ajudando, mas era eu que assinava. Então achei isso muito legal e respeitoso do pessoal mais velho que estava na estrutura. A gente segurou a barra, porque a morte do Padre foi realmente um baque para entidade, aquela coisa de tirar o pilar! E a gente ficou sem saber se a coisa ia se sustentar ou não.⁶⁸

Seguiu-se um período de instabilidades e inseguranças. O maestro Eric Lana atribui às duas maestrinas um papel importante na sustentação da entidade: [...] *a dona Ana Maria* e a dona Maria José juntas foram o esteio do Coral. [...] Elas é que foram as responsáveis por perpetuar isso daí.⁶⁹ O depoimento da pianista Lis Bastos confirma o

67 Idem Ib.

⁶⁵ ENTREVISTA com Liz Cândida Bastos, 86. Itabirito, 03/08/2016.

⁶⁶ Idem Ib.

⁶⁸ ENTREVISTA com Ubiraney de Figueiredo Silva, 53. Itabirito, 14/07/2016

⁶⁹ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.



protagonismo das duas auxiliares de regência naquele momento de crise: [...] *a Ana Maria segurou a maior barra, aquela sim.* [...] *Os alunos ficavam sentados na sala de visita dela, não cabia todo mundo no sofá e ficavam no chão. Ela e Maria José.* As duas maestrinas contaram com a ajuda de amigos para superar a dificuldade, como foi o caso do maestro Márcio Miranda, de Belo Horizonte:

Aí nós tínhamos um amigo muito próximo, o Luís Cardoso, apelido 'Luís Bolinha', e ele falou: "eu vou te ajudar!". E coincidiu que veio alguém na casa dele, não sei como, e chamava-se Márcio Miranda, e conversando com o Márcio Miranda ele aceitou ficar no Coral junto com a gente. Quando eu vi o Márcio Miranda eu falei "uai, eu conheço, eu já fiz um curso junto com ele!". Então assim ficou mais agradável, porque ele não era uma pessoa estranha. E ele ficou junto, tomou o pulso do Coral e nós duas continuávamos como auxiliares dele⁷¹.

Márcio Miranda conduzia o ensaio geral uma vez por semana. Os demais ensaios, ao longo da semana, eram conduzidos pelas maestrinas Ana Maria Domingos e Maria José Michel. Em 1983, o maestro conduziu os Canarinhos ao V° Congresso Nacional de Meninos Cantores do Brasil, em Juiz de Fora⁷². Os ensaios seguiram no salão paroquial por mais algum tempo, mas logo migraram para a Casa de Cultura Maestro Dungas. A saída da Paróquia foi tranquila, uma vez que o Coral não era uma instituição formalmente filiada à Igreja e mantinha sua independência⁷³.

3.2.4 Alçando Voo

O maestro Marcio Miranda permaneceu no Coral Canarinhos até 1984, quando foi substituído por Hélcio Rodrigues Pereira, mais conhecido como *Brasa*. Então com 25 anos, Hélcio estudava regência na UFMG e compunha o renomado coral Ars Nova, de Belo Horizonte. Como membro do Ars Nova, viajara por diversos países, tendo participado do Encontro Mundial de Corais em Seul, na Coréia do Sul, na programação dos Jogos Olímpicos.⁷⁴ Hélcio esteve à frente do Coral até 1999, após quinze anos de regência, tendo sido o maestro a permanecer por mais tempo nos Canarinhos.

⁷⁰ ENTREVISTA com Liz Cândida Bastos, 86. Itabirito, 03/08/2016.

⁷¹ ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016

⁷² GAZETA DE ITABIRITO. Itabirito, julho de 1986.

⁷³ ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016

⁷⁴ Jornal O Caminho Novo. Itabirito, setembro de 1989.



A troca de maestros, no entanto, não cortou os laços com Márcio Miranda que, em 1986, conduziu o grupo ao VI Congresso Nacional de Meninos Cantores em Xaxim, Santa Catarina⁷⁵. Tanto Márcio Miranda quanto Hélcio Rodrigues cultivam uma relação fértil com o Coral e são presenças garantidas nos aniversários dos Canarinhos até hoje.

Os Congressos Nacionais eram momentos especiais para os Canarinhos de Itabirito, quando se apresentavam em grandes teatros, entravam em contato com outros corais e apreciavam apresentações orquestradas. A pianista Lis Bastos acompanhou os Canarinhos em vários desses congressos: [...] *Petrópolis, Juiz de Fora, Curitiba, Novo Hamburgo, Xaxim, tudo eu acompanhei!* ⁷⁶

Em 1989 os Canarinhos de Itabirito participaram do VII Congresso Nacional de Meninos Cantores em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, onde se destacaram cantando músicas de Nelson Salomé. Kim Hi Jo e Ary Barroso. Por sua excelente performance, o escolhido foi coral para **Brasil** representar no Internacional Congresso Meninos Cantores na Holanda, em julho de 1990⁷⁷. Por falta de apoio e recursos financeiros o grupo não pôde fazer a viagem.



Figura 16: Recorte do Estado de Minas. Fonte: Arquivo do Coral Canarinhos, 16/07/1989

⁷⁶ ENTREVISTA com Liz Cândida Bastos, 86. Itabirito, 03/08/2016

⁷⁵ GAZETA DE ITABIRITO. Itabirito, julho de 1986.

⁷⁷ ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, julho de 1992.



Em 1992 a AMICI organizou com sucesso a campanha "Gaiola de Ouro, Adote um Canarinho" para arrecadar fundos para o VIII Congresso Nacional de Meninos Cantores, em Petrópolis, Rio de Janeiro, a ser realizado naquele ano. Os Canarinhos de Itabirito nesse momento eram presididos por Ubiraney de Figueiredo Silva e contavam com 47 cantores, 37 deles com menos de 15 anos. No dia oito de dezembro do mesmo ano o Coral também produziu e participou do Oratório "*O Messias*", de Haendel, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte. Em valores da época, o espetáculo foi orçado em U\$8.000,00 e a produção, apesar de ter contado com o apoio de algumas empresas, como a Vale do Rio Doce, gerou dívidas que foram assumidas pelos produtores. ⁷⁹



Figura 17: Recorte do Jornal Caminho Novo – apresentação no Palácio das Artes. Fonte: Arquivo do Coral Canarinhos, 16/07/1989

A partir de 1992 os Canarinhos de Itabirito iniciaram um momento de profissionalização administrativa. De acordo com Ubiraney de Figueiredo, a entidade se inspirou na Corporação Musical Santa Cecília, também denominada *Banda Velha*, fundada em 1887, cuja gestão administrativa era considerada muito competente pelo Coral. Como parte desse processo de renovação, foi convidado a presidir o Coral o músico e advogado João Batista dos Reis Gonçalves, tesoureiro da diretoria da Banda

⁷⁸ ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, abril de 1992.

⁷⁹ CAMINHO NOVO. Caderno de Cultura do Jornal Imagens, nº 22.



Santa Cecília. A intenção dos Canarinhos era trazer a cultura administrativa da Banda Velha para dentro dos Canarinhos, renovando o Coral através do contato com uma instituição musical tradicional de Itabirito. O ex-canarinho Ubiraney destaca a importância da presença de João Batista dos Reis Gonçalves no Coral, possibilitando a modernização administrativa e a ampliação dos horizontes da instituição.⁸⁰

A exemplo da Corporação Musical Santa Cecília, os Canarinhos de Itabirito sonhavam com sua sede própria, onde alcançassem autonomia e pudessem crescer. Na ocasião, o grupo foi convidado para se apresentar na reinauguração da Capela do Senhor Bom Jesus do Matozinhos, que acabara de ser restaurada na gestão do prefeito Waldir Salvador de Oliveira. A maestrina Ana Maria teria se aproveitado da oportunidade, chamando a atenção do prefeito ao microfone [...] olha, o Coral está aí, está participando, mas a gente precisa de um espaço, precisa de uma sede. 81 E foi então que o prefeito vislumbrou que o prédio setecentista situado ao lado da Capela do Matozinhos, que já havia abrigado o Museu do Metal e depois a Escola de Música, poderia ter um novo uso. Em 1993 o Coral foi autorizado a ensaiar no imóvel que, entretanto, foi mantido sob a propriedade do município.

O edifício do século XVIII encontrava-se naquela época em condições muito precárias de conservação e, para restaurá-lo, o Coral Canarinhos aprovou um projeto de recuperação junto à Lei Estadual de Incentivo à Cultura. Os recursos captados, no entanto, não foram suficientes para realizar a restauração completa. Para concluir as obras, houve uma grande e importante mobilização das famílias dos cantores. As mães dos alunos organizavam bingos e brechós e preparavam quitandas, roscas e bolos, que eram vendidos em bazares e nas portas das Igrejas. 82 O atual maestro Eric Lana sublinha as dimensões da mobilização durante a década de noventa: foi uma mobilização muito grande pra conseguir. De 1993 até 2003 foi colocar um telhado e depois de 2003 foi viver debaixo desse teto e prosperar na sua sede.83 No final de 2004 a obra foi finalmente concluída.

81 Idem Ib.
82 Idem Ib.

Av. Queiroz Junior, 635 . Itabirito . CEP 35450-000 . Minas Gerais 31 3561 4000 . www.itabirito.mg.gov.br

⁸⁰ ENTREVISTA com Ubiraney de Figueiredo Silva, 53. Itabirito, 14/07/2016.

⁸³ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.





Figura 18: Sede do Coral Canarinhos, antes do processo de restauração. Fonte: Arquivo do Coral Canarinhos, 1993.



Figura 19: Sede do Coral Canarinhos. Fonte: ASSIS, Adriana. 14/07/2016.

Nesse período de dificuldades, os rápidos resultados artísticos do grupo contrastavam com a morosidade de suas vitórias estruturais:

Quem viesse na instituição via que o grupo não tinha sede, era uma casa de poucos recursos. Se olhar pela história artística ela é muito bonita, muitos momentos muito bonitos, boas apresentações, bons desempenhos, foi muito elogiado, cresceu e foi se tornando conhecido! (...) Mas em relação a conseguir esse espaço, os passos foram mais lentos.⁸⁴

Em 1999, após quinze anos de regência, o maestro Hélcio Rodrigues Pereira deixou os Canarinhos de Itabirito. Era fundamental que o grupo admitisse um novo maestro, devido ao planejamento para se apresentar no Congresso Nacional de Meninos Cantores em Belo Horizonte, que ocorreria dentro de dois anos. O congresso estava sendo organizado pelo coro *Mater Eclesia*, de Santa Luzia, e pelos próprios Canarinhos de Itabirito. A solução encontrada foi buscar um maestro entre os músicos formados pelo próprio Coral. Márcio Lima, que fora um canarinho de primeira hora, e que regia então os *Doces Menestréis*, encarregou-se da árdua tarefa de reger o Coral e prepará-lo para o XI Congresso Nacional de Meninos Cantores⁸⁵.

Márcio Lima permaneceu até 2002 na regência, quando foi substituído por outro excanarinho, o maestro Eric Lana, então com 20 anos, estudante da Escola de Música da UFMG. Hoje mestre em música e ainda maestro do Coral, Eric Lana foi o quinto

⁸⁴ Idem Ib.

⁸⁵ DIÁRIO DA TARDE. Caderno 2. Belo Horizonte, julho de 2001.



maestro da instituição. Lis Bastos permaneceu como pianista principal dos Canarinhos até 2010 e Ana Maria Domingos continua como presidente benemérita do Coral, completando quatro décadas na instituição.

Tabela 1	
Período	Maestro dos Canarinhos de Itabirito
1973 a 1981	Padre Francisco Xavier
1982 a 1984	Marcio Miranda
1984 a 1999	Hélcio Rodrigues Pereira
2000 a 2002	Marcio Lima
2002 até o presente	Eric Lana

Em 2001 houve ainda uma mudança na Federação Internacional Pueri Cantores e os corais da Federação passaram a aceitar também meninas, abrindo espaço para mais uma renovação. Desse modo, o ano 2002 foi decisivo para o Coral, que finalizava as reformas na sua nova sede, se adaptava ao novo maestro e à entrada de meninas. ⁸⁶

Para Eric, os laços que ele tecia com os Canarinhos desde 1990 foram fundamentais para sua motivação: quando eu cheguei, com muitos desafios, muita timidez, ainda uma pessoa jovem buscando ali, mas já com aquele amor pelo Coral, e isso que motivou.⁸⁷



Figura 20: Maestro Eric Lana. Fonte: ASSIS, Adriana. 14/07/2016.



Figura 21: Meninas recém admitidas no coral. Fonte: Arquivo do Coral Canarinhos, s/d.



Figura 22: Os Canarinhos e sua composição diversificada, com a entrada de meninas. Fonte: Arquivo do Coral Canarinhos, s/d.

⁸⁶ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.

⁸⁷ Idem Ib.



3.2.5 Voando Alto



Figura 23: Os Canarinhos diante da Capela do Matozinhos. Fonte: Arquivo do Coral Canarinhos, s/d.

Nos tempos iniciais de formação do Coral, Ana Maria Domingos se recorda das palavras do Padre Xavier: *Ana Maria, você vai ver! O nosso Coral é uma sementeira e dessa sementeira vai sair o regente pro nosso Coral!* ⁸⁸ A partir de 2000, com a entrada de Márcio Lima como maestro, e depois com Eric Lana, a profecia do Padre parecia ter se completado. Mas a produção de artistas do Coral e de sua equipe não parou por aí. Hoje o Coral possui em sua equipe:

[...] treze pessoas, profissionais, eu já tenho mestrado, a Thays (Simões) está terminando o doutorado e o Filipe (Nolasco) tem mestrado. São pessoas super estudadas, especializadas, os meninos que estão estudando estão gostando, estão querendo permanecer na música e a gente tenta acolher, mas isso preocupa. Garantir um profissionalismo estrutural, administrativo, porque o profissionalismo artístico já cresceu. São profissionais muito competentes. Desde muito novo começaram a desenvolver de forma muito séria com a música. ⁸⁹

O grupo se consolidou como Associação Cultural Sem Fins Lucrativos, credenciado como OSCIP, recebendo o nome de "Associação Cultural Coral Os Canarinhos de Itabirito". Abrange hoje diversos grupos musicais. O *Pequeninos Canarinhos*, voltado à educação infantil, admite crianças de cinco a oito anos de idade, sendo regido por

⁸⁸ ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.

⁸⁹ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.



Carlos Pedrosa. Dos oito aos onze anos, as crianças integram o grupo Canarinhos Postulantes, regido por Filipe Nolasco Pedrosa. No coro principal, que recebe o nome da entidade e é regido pelo maestro Eric Lana, os cantores começam com onze anos e podem ir até o final da juventude. Para os mais experientes foi fundado, por Thays Simões e Eric Lana, o grupo Canarinhos Em Cena, que abrange canto e performances teatrais.



Figura 24: Grupo Canarinhos em Cena, s/d.



Figura 25: Grupo Canarinhos em Cena, s/d. Fonte:http://canarinhosdeitabirito.org.br/galeria/. Fonte:http://canarinhosdeitabirito.org.br/galeria/.



Figura 26: Os grupos reunidos após apresentação do projeto Cordas, Sopros e Sonhos, s/d. Fonte: http://canarinhosdeitabirito.org.br/galeria/.



Além do coros dos Canarinhos, outros de seus grupos continuaram a prosperar e novos foram criados. Depois do coro principal, o grupo mais antigo dos Canarinhos é o grupo de flautas *Doces Menestréis*, que já possui quatro décadas, sendo regido por excanarinhos desde os anos noventa⁹⁰. Há ainda a *Camerata de Cordas Padre Xavier*, uma orquestra de violinos, violas e violoncelos, e a *Camerata de Violões*, que conta somente com violões. Duas vezes por ano todos os grupos dos Canarinhos fazem uma apresentação conjunta em um projeto chamado *Cordas, Sopros e Sonhos*. Ao todo, a "Associação Cultural Os Coral Canarinhos de Itabirito" atende cerca de trezentos cantores.



Figura 27: Os grupos reunidos, Camerata de Cordas Padre Xavier e Doces Menestréis. Fonte: Arquivo do Coral Canarinhos, s/d.

Canarinho desde 1990, o atual maestro Eric Lana, ao recordar os grandes momentos do Coral, faz questão de mencionar os Congressos Nacionais, mas afirma que seu marco singular foi a turnê de quarenta anos do Coral pelo Chile. Segundo o maestro, [...] desde criança que eu ouvia que o Coral tinha que extrapolar suas fronteiras, que era um sonho!⁹¹ Ainda fazia parte da memória coletiva do Coral a impossibilidade de participar do Congresso Internacional de Pueri Cantores na Holanda em 1990, de forma que os Canarinhos sonhavam com uma turnê internacional para a comemoração de seus quarenta anos. Foram adotadas diferentes estratégias para angariar os recursos, como entradas simbólicas nas apresentações, apresentações em casamentos e venda de

⁹⁰ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.

⁹¹ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.



quitandas. Com esta mobilização da comunidade, a viagem aconteceu e tornou-se um marco na história do grupo que recebeu muitas homenagens pelas cidades chilenas por onde passou. ⁹² Além do sucesso alcançado pelo Coral, o ex-canarinho Ubiraney de Figueiredo destaca a também a crescente profissionalização dos membros da entidade. ⁹³

Em 2013, no aniversário de quarenta anos da entidade, a Prefeitura de Itabirito cedeu oficialmente ao Coral o imóvel setecentista que os Canarinhos recuperaram e onde ensaiavam há cerca de dez anos. A conquista da sede, no entanto, abriu as portas para novos desafios: [...] não só cuidar da voz e cuidar das pessoas, mas cuidar da casa também. Então o objetivo nosso em âmbito federal é buscar parcerias para otimizar o espaço. Porque o grupo cresceu, a família foi aumentando, e a casa está ficando pequena.⁹⁴

A propriedade conta com uma área edificada e um amplo quintal com pomares e ruínas de antigas benfeitorias outrora existentes. Em 2016 foram realizados esforços para limpar as áreas externas e apropriá-las para uso do Coral. Segundo Eric Lana, [...] nós juntamos os pais todos, fizemos um mutirão, limpamos todo o espaço [...] e vimos a maravilha natural que ele tem, as jaboticabeiras, a muralha histórica. [...] E começamos a trazer eventos pra cá também. 95 Os corais passaram então a se apresentar nesse novo espaço da sede em um evento chamado Música nas Ruínas.



Figura 28: Evento Música nas Ruínas, s/d. Fonte: http://minutomais.com/itabirito/oportunidade-faca-parte-dos-canarinhos-de-itabirito.html

⁹² Idem Ib.

⁹³ ENTREVISTA com Ubiraney de Figueiredo Silva, 53. Itabirito, 14/07/2016.

⁹⁴ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.

⁹⁵ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.



Atualmente a Associação Cultural Coral Os Canarinhos de Itabirito busca seu credenciamento como utilidade pública nas esferas estadual e federal. É mantida por meio de doações e recursos financeiros de projetos apresentados em editais em Itabirito, no Estado de Minas Gerais, no Ministério da Cultura e outras fontes.

A Associação tem sua própria logomarca e mantém o endereço eletrônico: http://canarinhosdeitabirito.org.br/, onde podem ser encontradas informações sobre o coral, depoimentos, meios de ajudar, loja virtual, galeria de fotos, contato e a agenda de apresentações e eventos. O grupo mantém ainda uma página no facebook para o compartilhamento de notícias, a cobertura de eventos e para permitir a interface com o público.



Figura 29: Logomarca do Coral Canarinhos de Itabirito. Fonte: http://canarinhosdeitabirito.org.br/



Figura 30: Corpo de cantores da Associação, diante da sede própria, s/d. Fonte: http://canarinhosdeitabirito.org.br/galeria/



4. **DEPOIMENTOS**

Depoimento de Guilherme Woods Carvalho, 72 anos, 14/07/2016, concedido a Matheus Machado Vaz / Itabirito, Minas Gerais.

M: Matheus Machado Vaz

G: Guilherme Woods Carvalho

G: O Coral é uma instituição muito querida em Itabirito. Ele foi fundado pelo padre Francisco Xavier e ao longo da sua existência o coral tem sido uma instituição muito querida na cidade e tal, porque trabalha com as crianças e os jovens. E essa preparação traz um crescimento para o jovem, um sentido de compromisso, de disciplina. Eu costumo dizer que a música tem o condão de amoldar o caráter. O músico é uma pessoa cordada, é uma pessoa do bem, digamos assim. Então o Coral ao longo da sua existência, desde o tempo do padre Francisco Xavier, ele ajudou muito na formação de jovens. E comigo é o seguinte, eu tenho quatro filhos e esses meus filhos participaram do coral simultaneamente. E foi fundamental pra formação deles esse convívio de grupo, a musicalidade. Eles foram jovens que não me deram nenhum trabalho, foram bons estudantes, aprenderam o senso de responsabilidade, de compromisso, e o coral ajudou muito nisso. E além de ser vizinho do Coral, eu tenho essa dívida de gratidão com o Coral por essa formação dos meus filhos aqui. Nós que participamos como familiares do Coral a gente não desliga, a gente vive esse coral, a gente vai ter essa ligação pra sempre. Os meus filhos são ligados ao Coral, de vez em quando eles aparecem, de vez em quando tem uma chamada para eles participarem de um evento de ex coralistas que a própria instituição promove. E eles vêm com aquela alegria e participam. O Coral tem essa história na nossa comunidade na formação das pessoas, passando um pouco de cultura pra nossos jovens. Recentemente nós fizemos um levantamento aqui no Coral e chegamos à conclusão que pelo menos 30% das nossas crianças são oriundas de famílias em estado de vulnerabilidade. Então tem esse aspecto social. Nós temos vários alunos que a gente tem que doar o uniforme pra ele, ele não pode comprar nem a camisa do Coral, mas aqui ele é acolhido. Nossos coralistas não pagam nada, a instituição fornece tudo, e a gente sobrevive aí de mágica, porque não é fácil não. O Município ajuda na medida do possível, a gente tem que procurar essa



parceria com o poder público, mas é uma participação insípida, não resolve, então a gente tem que complementar buscando outros parceiros. E aí a gente aproveita a família dos coralistas para algumas promoções, a gente vive de muito trabalho de doações, de quermesses, pra gente inteirar aí o que é necessário, além dessa incessante busca de patrocínio, de alguma ajuda de empresa ou prefeitura. A gente não sabe como que fecha tudo, mas o fato é que dá certo. É uma construção tão bonita, as pessoas trabalham aqui de uma forma tão espontânea, tão de coração, que as coisas acontecem. Às vezes o Eric fala "vamos fazer isso" e eu fico pensando como é que vamos fazer e tal, mas dá certo. Dá certo porque a gente acaba conseguindo a adesão da família, dos pais dos próprios coralistas que vivem uma relação de amor com a instituição. Qualquer dos nossos alunos aqui se você perguntar se quer sair, não quer sair de jeito nenhum. Já teve caso de pais aqui dizerem "tá difícil, eu tenho que trazer de carro, vir buscar... mas ele não quer sair, ele ama isso aqui! Então eu tenho que fazer esse gosto dele". Então é assim, a gente acolhe os nossos coralistas, e a gente tenta fazer daqui a casa deles, uma extensão da casa deles. Eles são acolhidos de uma forma bastante carinhosa, bastante receptiva, de uma forma que ele se sinta bem e aqui ele cresce. Cresce como pessoa, aqui ele recebe esse conhecimento cultural através da arte, da música, que eu acho fundamental. (...)

G: Agora recentemente, até por inciativa do nosso maestro Eric, resolveu-se fazer música nas ruínas, que é o aproveitamento desse espaço que temos aqui, que complementa a nossa sede. Isso aqui era muito fechado, só arborizado e tal, aí um serviço de limpeza, montagem de um palco e vamos fazer uma manhã cultural com a apresentação dos corais, apresentação do grupo de flautas, e a coisa pegou! Uma vez por mês. E interessante que o nosso público – lógico que as pessoas que gostam de cultura vêm também – mas se você quer ver esse espaço aqui cheio é fazer uma apresentação do nosso coral de iniciantes, que tem idade entre 5 e 8 anos. Vem o tio, vem o padrinho, vem o avô, vem a avó, vem pai, vem a mãe, e vira um acontecimento, sabe? É muito gostoso. E a gente aproveita e faz um almoço, faz um café, faz uma quitanda, a gente vende algumas coisas, cobra um ingresso simbólico e acessível a todos, e com isso a gente vai fazendo uma rendazinha pra inteirar pra fazer uniforme, pra custear uma viagem, uma apresentação fora. (...)



G: O que a família dos nossos coralistas podem dar é isso aí, é participação com o trabalho, é a doação de uma quitanda, a confecção de um almoço, e eles vem assim com uma determinação, com uma boa vontade que as coisas acontecem. E é dessa forma que essa instituição vem sobrevivendo e crescendo. Hoje os Canarinhos tem uma expressão estadual e até nacional. Por exemplo, essa participação agora em Itajaí, foram alguns corais do Brasil que foram convidados a participar e o Canarinhos foi um deles. Então a gente procura conseguir os meios pra que isso aconteça, sabe? E vem dando certo. (...)

G: Em verdade os meus filhos, quando ingressaram no coral a sede não era aqui ainda. Este imóvel não tinha sido ainda destinado ao Coral. Os ensaios eram realizados lá na Casa de Cultura, na Prefeitura. Mas era um espaço que era dividido com outras atividades, tinha dia e hora marcado pra poder fazer as coisas, a gente era muito tolhido. Então havia a necessidade de ter uma sede, de ter um espaço do Coral para que as atividades fossem desenvolvidas de uma forma mais ampla. E aí surgiu a possibilidade do município ceder este espaço aqui, este casarão, inicialmente como um comodato e posteriormente através de uma lei municipal esta casa foi doada para a instituição. Então hoje nós temos o nosso ninho, onde a gente acolhe, hoje, cerca de trezentos alunos. Então é uma escola que, como eu disse, tem essa função social de acolhimento. E a gente trabalha mesmo preocupado com a formação desses nossos coralistas. E a intenção é essa, fazer com que eles tenham (...). Alguns continuam, tomam gosto, vão fazer música. Nós já temos aí um número considerável de ex-alunos nossos que hoje são maestros. Atualmente os nossos maestros foram coralistas (dos Canarinhos). Tiveram um início aqui, buscaram formação e estão hoje na direção musical da instituição. (...)

G: O Padre era uma pessoa extraordinária, uma pessoa de carisma, tinha um coração enorme. Eu só não gostava porque ele era atleticano doente! (...) Eu lembro, por exemplo, de uma ocasião em que o Atlético (Mineiro) veio jogar aqui na cidade, o juvenil do Atlético, e o presidente do União, eu era diretor do União nessa época, fez questão de convidar o Padre pra assistir o jogo, mas não foi da arquibancada não, foi dentro do campo. Você precisava ver a importância do Padre Francisco. Ele era uma figura humana extraordinária. (...) Era uma partida amistosa, e o Padre se sentiu a pessoa mais importante vendo o seu Galo jogar! Ele tocava acordeão muito bem, era tecladista, compositor, uma pessoa amante da música! (...) E aí ele teve essa ideia de



criar esse coral com o fito de louvar a Deus e enriquecer a missas com o canto. Como é feito na Europa, isso é muito comum na Alemanha, as paróquias todas tem seu coral de meninos cantores. (...) Ele buscou essa ideia lá mas ele estava enxergando longe, ele estava vislumbrando que ele estava colocando em Itabirito uma sementeira. Porque aqui virou uma escola formadora de pessoas, e ele vislumbrou isso, o Padre teve essa visão de futuro e sabia. Tem até uma passagem em que ele, já no leito de morte, teria pedido à dona Ana Maria, que era maestrina do Coral, que cuidasse do Coral, que não deixasse morrer. E ela assumiu esse compromisso com ele. Ela hoje é nossa presidenta de honra no Coral, é uma pessoa muito estimada em nosso meio, e ela assumiu esse compromisso com o Padre de levar adiante essa instituição e está cumprindo regiamente esse compromisso assumido. E é isso, o Padre enxergou que essa instituição ia crescer, ia criar bons frutos e ia ser uma instituição que ia ser fundamental na função cultural do município. Ele enxergou isso, eu tenho certeza que ele enxergou dessa forma. E na época dele o Coral tinha 25 meninos, hoje nós temos 300 alunos. (...)

G: A nossa comunidade é muito tradicional, é uma cidade antiga, de famílias tradicionais, e as pessoas tem um apego muito grande à questão religiosa. (...) Então, logo que ele lançou essa ideia e esse coral começou a cantar e a embelezar as missas a comunidade achou fantástico! (...) E o Padre criou a instituição dos Amigos do Coral, em que as pessoas tinham que ser sócias para colaborar, contribuindo com uma mensalidade simbólica, cada um à sua maneira, dava o que queria ou o que podia. E ele criou essa associação pra ajudar nos custos, porque a paróquia não tinha a condição de manter o Coral. E foi uma das coisas que ajudou a trazer essa verdadeira admiração que a cidade tem por esta instituição. Eu posso falar de cadeira que os Canarinhos é uma instituição, hoje nós somos uma OSCIP, que é uma Organização Sociocultural de Interesse Público, reconhecida pelo governo federal, somos reconhecidos pelo município como sociedade de interesse público e estamos pleiteando no Estado. (...) Então hoje a gente tem um compromisso maior ainda, enquanto instituição, de levar adiante esse projeto social que eu considero da maior valia. Eu acho que toda cidade deveria ter! E é até interessante, porque em algumas cidades que a gente apresenta eles perguntam "como é que vocês conseguem? Como é que foi isso?". E a gente começa a falar sobre a história do Coral e eles ficam admirados! É mesmo muita doação, muito a forma bonita como esse Coral cresceu, o amor que o Padre Francisco tinha pelo Coral, o



quanto que ele gostava da comunidade, e ele vislumbrou isso, que esse Coral seria realmente uma sementeira, que as pessoas que passassem por aqui receberiam, além da instrução musical, carinho, receberiam também ensinamentos valiosos para a vida. (...)

G: Eu sempre fui muito mais como colaborador do que como sócio da entidade. Houve uma época em que a situação estava muito difícil e então a gente viajava no carro da gente! Eu tinha amizade com o dono de uma empresa de transporte então ia lá e pedia um ônibus, eles arrumavam. Então fazia esse tipo de coisa para sair mostrando o trabalho que era feito. O nosso maestro naquela época era do Palácio das Artes, o Hélcio, ele vinha de Belo Horizonte, era uma dificuldade danada manter a instituição. Mas a gente conseguia, porque nenhuma porta que a gente bateu fechou pra gente, pelo contrário, a gente sempre foi muito querido aí na comunidade, toda bandeira que a gente levanta aqui para o Coral é muito bem acolhida pela comunidade da cidade.

G: (...) A gente vive cada ano. A gente tem a sobrevivência garantida até dezembro, o ano que vem ainda não, mas eu creio firmemente que a gente vai conseguir, como sempre conseguiu, achar saídas. (...)

G: O Padre é de uma comunidade próxima de Mariana, um lugarejo, e ele teve sua vida sacerdotal em algumas cidades e depois veio designado por Mariana para assumir a paróquia aqui da Boa Viagem. (...) Mariana tem uma identidade muito grande com a atividade litúrgica da igreja, porque tem lá seminários e essas coisas, então tem sim uma identidade muito grande com a cultura musical. (...) Ele foi menino cantor talvez, ele tem essa formação também. E ele foi pároco daqui da Boa Viagem por muitos anos, e ele era um líder além de ser um Padre. Era uma pessoa preocupada com as questões do município. E ele era muito tímido (...) mas tinha essa vivência comunitária intensa, sabe? E ele é lembrado pelos canarinhos, por outras obras que ele fez, pela forma com que ele conduziu a paróquia, ele era um pastor que sabia conduzir a paróquia com maestria e deixou saudades. Ele morreu precocemente, podia ter vivido muito mais. Mas dizem que é assim, que as estrelas que brilham muito, por essa intensidade do brilho, às vezes são estrelas cadentes. Mas o Padre realmente foi um expoente na trajetória da cultura de Itabirito. (...)

G: O que eu acho que é inesquecível do Coral, eu tive a oportunidade a oportunidade de participar de algumas apresentações do Coral, como em Novo Hamburgo. Nós fazemos



parte da Federação Nacional de Meninos Cantores do Brasil, e de três em três anos há um congresso desses corais, um encontro que é agendado em uma região do país, normalmente acontece em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, aqui em Minas Gerais... E eu tive o privilégio e a satisfação de participar de um congresso realizado lá em Novo Hamburgo, e de um congresso realizado em Petrópolis. E agora recentemente participei de um outro encontro em Petrópolis, então em Petrópolis eu fui duas vezes. São momentos assim, inesquecíveis, a gente fica inebriado de ver o movimento, os meninos, a música... Eu sou apaixonado com música! Interessante, eu fui cantor de um coral aqui da cidade que por sinal tinha o nome do Padre, o Coral Padre Francisco Xavier. Eu tive a oportunidade de ser cantor mas nunca passei de mediano. Mas como apreciador não, eu adoro música. (...)

G: Itabirito tem uma Casa de Cultura que faz uma homenagem a um maestro que foi também um ícone da música aqui que é o Maestro Dungas, que era o regente de uma banda aqui da cidade e era também um musicista. Carnavais inesquecíveis, montava as bandas, compunha os arranjos, fazia as marchinhas. O Dunga foi uma pessoa extraordinária também que deixou saudade. E o município fez uma homenagem a ele e essa Casa de Cultura recebeu o nome dele. Então Itabirito tem uma Casa de Cultura onde normalmente se desenvolvem atividade culturais, aulas de piano, de teatro, alguns corais de outras paróquias utilizam o espaço pra fazer seus ensaios e o coral Padre Xavier utilizava também utilizava lá. (...) Muitos anos.

G: Nos Canarinhos o menino cantor não paga nada, mas é exigido frequência, é exigido dele um comportamento adequado, então a gente trabalha muito a questão do compromisso e da disciplina. E tem uma atividade interessante que esse coral faz de apoio a essas famílias que é acompanhamento escolar. O nosso cantor aqui ele tem que ter boa nota na escola. (...) Então a gente ajuda a família a estar resolvendo essa questão. (...). A dona Ana faz esse trabalho de estar olhando os boletins e tal. A gente faz esse acompanhamento escolar deles, porque uma das questões que a gente exige deles é bom desempenho na escola. (...)

G: Postura. Eles aprendem: "você está comendo com a boca aberta, não pode!", "o seu lixo você é responsável por ele!". Agora a gente está trabalhando com um projeto aqui em que a gente traz profissionais da área de psicologia, de várias áreas, recentemente o



Corpo de Bombeiros veio fazer uma palestra sobre primeiros socorros, sobre emergência. Na véspera do carnaval uma psicóloga veio falar pros nossos préadolescentes sobre a questão da sexualidade, do comportamento na rua (...). E foi passado pra eles de uma forma lúdica as consequências, o que é correto, o que não é, então a gente trouxe uma profissional aqui pra dar uma aula pra eles sobre essa questão. (...) A gente busca uma fonoaudióloga no dia da voz, a gente tá sempre passando conhecimento pra eles, a gente tenta complementar a questão cultural e formar o cidadão, passar valores. Além do canto, da arte, da música, ser um valor extraordinário pra pessoa, a gente procura passar outras coisas pra eles também. Essa oportunidade agora dessa viagem a Itajaí, de conhecer novas culturas. Então a gente trabalha com eles a questão do comportamento: "olha, não pode falar alto em determinados ambientes". Olha a questão de grupo, porque não podemos nos dispersar já que somos poucos pra tomar conta do grupo, então se estiver curioso com alguma coisa peça a um de nós. (...) Tem hora que a gente é até paternalista com eles, mas dentro dessa busca de passar valores. (...) E tem saído bons cidadãos daqui. A gente tem orgulho dos nossos excoralistas (...).

G: A disciplina, o espírito de grupo, são situações que preparam a pessoa para a vida. Nenhum deles (seus quatro filhos) seguiu música, hoje um é engenheiro, o outro é economista, o outro é médico e o outro é psicólogo, meus quatro filhos. Mas todos tiveram essa formação musical, todos eles tocam instrumentos que aprenderam aqui, tem essa formação musical que a pessoa leva pra vida. Então nós temos esse compromisso e essa dívida de gratidão com a instituição, então quando me convidaram pra ser presidente eu falei, uai, isso é um privilégio, uma honra. Mas é um trabalho de doação, de total doação, que você paga pra trabalhar pra ajudar a instituição. Tem que ser com esse espírito (...). Mas é uma realização pra gente, porque é o coroamento de um trabalho. Porque a gente seguiu esse coral desde o início (...), e depois de uma determinada fase meus filhos participaram dessa instituição, viajaram pra Petrópolis, foram pra Novo Hamburgo... (...)

G: Além do canto ensina-se aqui também a teoria musical, e nós temos aqui grupo de flautas doces, que chama Doces Menestréis, que o padre fundou e até hoje existe e tal. E eles aprenderam muito de música, os Doces Menestréis viajavam muito. E aí criou-se esse vínculo, essa amizade. Os ex-coralistas aqui não esquecem essa instituição não. (...)



G: Essa casa acolheu certa vez a Associação do Padre Xavier que tinha um coral Padre Xavier, que eu fazia parte. E o Hélcio teve uma fase em que o Coral tava em dificuldade, e eu acompanhei ele muito, e aí teve uma apresentação no Cine Teatro Pax e ele falou "vem cá, você vai cantar com os canarinhos. Vem cá, essa música você sabe" Então eu já cantei com os canarinhos. (...)

G: O Padre foi uma pessoa ligada à música de Itabirito, ele fez músicas aqui pra comunidade, ele fez músicas pra outros corais cantarem, ele fez músicas aqui do sertanejo, homenageando árvores, homenageando pessoas, então ele criou esse vínculo com o município. Então o Padre Xavier tem essa identidade com o município de Itabirito, ele faz parte da história do município. Então esse coral tem esse nome porque ele era um musicista, um compositor.



Depoimento de Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34 anos, 14/07/2016, concedido a Matheus Machado Vaz / Itabirito, Minas Gerais.

E: Eric Vinicius de Aguiar Lana

M: Matheus Machado Vaz

E: Eu venho de uma família de músicos. E o legal é isso, o meu pai era tubista, tocava na banda de música, meus tios avós e meus familiares sempre se envolveram com música. E os Canarinhos de Itabirito quando eu era criança aqui já era um coral muito reconhecido. Muita gente comentava sobre o coral, eu via muitas crianças indo. Eu tinha um primo que cantava nos Canarinhos e uma certa vez eu lembro dele comentando que ele ia fazer uma viagem pro Rio Grande do Sul cantando com o Coral, e eu já tinha essa vontade de ingressar em alguma coisa de música. Eu via meu pai tocando, eu queria tocar na banda, queria estar caminhando com ele. E foi assim que começou minha história com o Coral, um certo dia voltando falou "olha, eu fiz teste pra entrar nos Canarinhos e eu passei, você não quer ir lá também não?" E eu "opa, vou lá também", tava na rua, fui lá na casa da dona Ana Maria. Ela fez um teste no piano, tocou umas notas, eu nem faço ideia do que que eu fiz lá mas ela falou "você está aprovado!". A partir daí mudou tudo, minha vida mudou. Eu tinha de oito pra nove anos de idade e depois disso daí eu comecei a participar do Coral, e enfim, dentro do Coral foi aparecendo outras coisas também, outros grupos. Nós mesmos, não só com o Coral mas pelo Coral tocávamos flauta e etc., aquelas amizades que vão surgindo desde a infância e isso daí foi trazendo pro caminho da música. (...) E eu recordo bem que um dos primeiros momentos de apresentação foi quando a gente esta se preparando pra ir pra um Congresso lá em Petrópolis, no Rio de Janeiro. E eu cantava já no Coral há um tempo, já tinha até ganhado o uniforme já, porque tem todo um momento pra ganhar o uniforme, a gente não entra e ganha o uniforme, espera um pouco, tem uma etapa que a gente vai construindo ali. E quando a gente foi em Petrópolis foi muito legal, porque eu tinha uns nove anos de idade e eu pude ver pela primeira vez uma Orquestra Sinfônica! Achei isso a coisa mais fantástica! Eu lembro dos instrumentos de metal até brilhando com a luz do teatro. Isso aí foi o que mais me motivou: "nossa é isso aqui que eu quero, é muito bonito!". E essa paixão que vai dando pelo Coral desde muito novo. A gente ensaia muito pra participar dos eventos, pra dar tudo certo. O maestro que a gente tinha



era o Hélcio Rodrigues Pereira, que tinha o apelido de Brasa. (...) Ele cobrava da gente e eu achava o maior barato, porque quanto mais ele cobrava mais a gente conseguia fazer boas apresentações. Nesse momento isso que foi mexendo comigo, essa possibilidade de conseguir fazer as coisas, de conseguir ir além, isso que foi bacana. (...)

E: Eu fui continuando! Continuei até a adolescência, depois até um certo período, quando eu já estava estudando fora. Foi até por intermédio de um dos maestros que também regeu o Coral, e que era meu professor de Flauta, uma certa vez veio aqui uma pessoa e assistiu uma apresentação nossa e eu consegui uma bolsa de estudos em Belo Horizonte. Eu já estava estudando na Fundação de Educação Artística e ainda estava no Coral. Depois desse momento eu já estava totalmente envolvido com a música: já tocava teclado com o Coral acompanhando as músicas, era cantor mas já ajudava de certa forma também. Até que eu passei na Faculdade de Música (...) e até um certo momento eu fui paralelo, depois eu parei um pouquinho: um tempo assim de 2001 até 2002. Depois em 2003 eu fui pego de surpresa: chegou pra mim o convite pra reger o Coral! Eu era um garotão, eu fiquei super ansioso! (...) Eu estava com por volta de dezenove, vinte anos. Tinha eu e tinha também o maestro que era o Marcio e estava junto, mas aí ele começou a trabalhar com as aulas de música, e o Coral voltou a funcionar na sede dele, aqui no Museu do Ferro. E a partir daí foi muito legal, porque o Coral só tinha meninos, (...) e eu entrei e começou a receber meninas também. A gente estava em uma situação já muito difícil financeiramente e também de cantores, tinha muito poucos meninos, a situação estava muito difícil. E eu entrei no Coral com muitos problemas, porque o Coral investiu muito pra conseguir botar a casa em pé pra ele funcionar. Eu peguei esse início já com os Canarinhos com um lugar fixo pra ensaiar e com a chegada das meninas, que trouxe toda uma diferença pra atividade. (...) Isso foi por volta de 2003, eu tinha mais ou menos uns 20 anos quando entrei como maestro. (...) Aí eu fiquei na Faculdade e no Coral, e foi muito bacana porque desde novo eu aprendia um pouco e podia fazer aqui, e muito do que eu aprendi aqui eu chegava na Faculdade já adiantado. (...) As vivências que a gente tem como cantor aqui são muito ricas. Quando eu era cantor do Coral, a gente foi pra Pernambuco, o Coral foi pro Rio de Janeiro, foi pra vários lugares fazer apresentações. Apresentava com orquestras! E com isso eu peguei com uma bagagem legal! E aí quando eu cheguei, com muitos desafios, muita timidez, ainda uma pessoa jovem buscando ali, mas já com aquele amor



pelo Coral, e isso que motivou. E eu estou aí como regente desde 2003, então já são treze anos à frente do grupo. E entrei como Canarinho em 1990. Então a década de noventa toda eu passei no Coral, dois mil também, e até hoje estou aí. (...)

E: Tem o Felipe, tem o Rogério, isso virou uma característica, agora é um costume (dos Canarinhos). É um conhecimento de cantor pra cantor. O Padre Francisco falava (...) e passou isso para a dona Ana Maria, que também é regente aqui do Coral, que aqui é uma sementeira. (...) Que daqui mesmo iam sair outros maestros. Isso virou uma profecia que se concretizou. Antes de mim o maestro que regia foi cantor também novinho no Coral e participou por m bom tempo. E depois eu fui aluno dele e continuei tocando essa empreitada. Têm vários agora que estão comigo agora, que eu posso dizer que foi do meu plantio, que é o Felipe, o Rogério, o Carlinhos, pessoas que hoje trabalham conosco e continuaram com o caminho da música. E fora na cidade, porque em Itabirito é quase unânime, muitos meninos que começaram novos na música iniciaram sua trajetória aqui. A gente tem cantores como o Telmo Lins, o Serginho Barbosa, um grupo que chama Cachaça com Arnica, quase todo mundo já foi Canarinho quando criança. Já é uma identidade, a gente costuma brincar que são os Canarinhos para sempre. (...)

E: Já tem netos de Canarinhos frequentando aqui! (...)

E: O Coral foi fundado em 1973, o Padre Francisco morreu em dezembro de 1981, eu nasci em março de 1982. (...) Foi um período muito duro para o Coral, foi quase um juramento no leito de morte dele: "olha gente, não vamos acabar com isso não!". E aí foram aparecendo outras pessoas pra ajudar, tinha uma pianista muito importante chamada Lis Bastos, (...) e ela continuou tocando teclado, a dona Ana Maria continuou ensaiando o grupo, aí conseguiram um maestro mais novo em Belo Horizonte. Depois que veio o Hélcio, que ficou dezesseis anos regendo o Coral, e com ele que eu tive o contato mais próximo. (...) O Hélcio foi formado nessa linha de coral, mas ele era de Divinópolis, mas como ele era de um coral que era praticamente irmão do nosso coral, ele esteve sempre envolvido com essa formação de canto coral. O Marcinho, que é o regente que veio depois do Hélcio e que foi meu professor, começou aqui no Coral novinho mesmo, foi canarinho mesmo. A partir daí virou essa coisa: muitas pessoas que estão conosco já foram Canarinhos. (...) Tem muitas mulheres que falam "na minha



época não podia, agora eu estou realizada porque minha filha está podendo participar". (...)

E: O primeiro objetivo inicial do Coral era louvar a Deus através da música, então o Coral cantava, e ainda canta, em Missas e participava de eventos litúrgicos. [O Padre Francisco] Era um ótimo músico, ele compunha peças maravilhosas, até tem algumas músicas que nós gravamos em um CD, que foi quase todo em homenagem a ele. E ele fundou um grupo pra ajudar os meninos a aprender música com aulas de flauta. Hoje chama musicalização, na época chamava Teoria da Música. E aí ele pôs o nome de Doces Menestréis, então é um grupo bem antigo. E esse Marcinho, que foi reger o Coral paralelo ao Hélcio, cuidava desse grupo, os Doces Menestréis, porque o Márcio foi da primeira formação do grupo de flautas. E ele continuou com o grupo e eu participei, entrei novinho, já com dois anos de Coral. Eu via o grupo tocar, achava o maior barato e comecei a participar e agora eu também estou regendo esse grupo. Então já é uma história longa com os Doces Menestréis, o carinho é quase que o mesmo com o Coral. É um filho do Coral e a gente carrega o mesmo orgulho da entidade. (...)

E: O Coral (...) funcionava lá no salão paroquial da Igreja da Boa Viagem. (...) [O Padre Francisco] Tocava um sininho pros meninos pra começar o ensaio, aí subiam lá pro salão paroquial e tinha um espaço lá que eles ensaiavam. Então acho que durante todo o período em que ele foi maestro do Coral, o Coral funcionou no adro da Igreja, no salão paroquial pertinho da Matriz da Boa Viagem.

E: (...) No início o Padre tinha uma maestrina, a dona Maria José, eu cantei um pouco com ela também. (...) Dividiam os meninos, um pouquinho participava com ela, um pouquinho com ele, depois juntava os dois grupos. (...) Depois ela ficou grávida, e o Padre falou assim "eu preciso de chamar mais uma pra me ajudar!", e a dona Ana Maria já tinha um envolvimento muito grande com a música, já era professora de música na escola, ela veio um ou dois anos depois do Coral ser fundado e está aí até hoje! Ela não larga o Coral e pra gente é o elo com o passado, é nossa alma do Coral, porque ela que faz o Coral ter essa raiz. Ela conta as histórias do passado, ela me formou muito não só musicalmente mas como pessoa, formou tanta gente e até hoje forma! (...) Quarenta e um anos de Coral! (...)



E: Os recursos financeiros são muito escassos, e a gente promove promoções! Os pais fazem quitandas, comidas, e a gente vende. Acaba que os próprios pais compram! Mas vem a comunidade adquirir, e era ela [a dona Ana Maria] que cuida disso tudo! (...) Ela cuida das notas escolares, monitora o desempenho escolar dos meninos! (...) Ela tem lá todos os boletins de todos os alunos, então ela sabe aquele que está com mais deficiência, (...) e dá os conselhos dela. Porque é uma condição também desde a minha época as crianças irem bem na escola, pra não perderem oportunidades aqui e na vida.

E: A dona Ana Maria e a dona Maria José juntas foram o esteio do Coral. Obviamente que elas convidaram outros maestros. (...) Tinha um que chamava Márcio Miranda e que vinha de Belo Horizonte pra dar o ensaio, para ajudá-las nesse trabalho, mas elas é que foram as responsáveis por perpetuar isso daí. O Márcio Miranda ficou de 1982 a 1985, em 1985 o Hélcio chegou. Aí o Hélcio foi de 1985 até o ano de 1999, 2000, ele ficou a maior parte do tempo até agora, é o campeão! (...)

E: O Hélcio com muita frequência vem a Itabirito, ele assiste os concertos, quando eu comecei como maestro ele vinha me dar força, me dava conselhos, sempre torceu por nós. Eu acho isso nobre, ele não pôde continuar por uma questão financeira, ele não morava em Itabirito, mas ele continua com o mesmo carinho pelo grupo e torce muito pela gente. (...) Quando tem apresentação ele vem e prestigia, quando tem oportunidade eu falo: "rege essa música aí". Aí ele volta a reger o Coral e eu volto a cantar, é sempre um momento emocionante! Geralmente a gente faz isso nos aniversários do Coral que é no mês de setembro. Antes do Hélcio teve o Márcio Miranda, e antes o Padre Francisco, e a dona Ana Maria sempre aí como regente honorária, sempre ajudando a ensaiar. Até há pouco tempo, quando eu entrei no Coral (como regente) ela já não estava mais ensaiando o grupo propriamente. Eu entrei com uma disponibilidade maior e assumi mesmo os ensaios, mas ela sempre ensaiava o grupo, muitas vezes regia o coral. Foram esses os maestros: começa com o Padre Francisco, o Márcio Miranda, o Hélcio, o Márcio Lima e depois fui eu. Hoje é até difícil, porque o Coral que era um viraram vários corais. Então tem os Canarinhos mesmo, que é o principal que eu trabalho, mas junto desse grupo tem outros pequenos grupos, que também tem maestros que foram canarinhos, como os Pequeninos Canarinhos, que virou uma escolinha. Sempre tinha essa vontade, às vezes batia um menino na nossa porta, com cinco, seis, sete anos, (...) mas o Coral ia ficar muito discrepante com essa questão de idade, aí a gente começou a



pensar "porque não começar a aceitar mais cedo?". Aí o Carlinhos estava estudando música e foi tudo caminhando pra esse ponto. Hoje são quatro grupos. Inclusive tem um pra quem já não é tão canarinho assim, já está com uma idade adulta e com dificuldade de conciliar agenda. (...) Primeiro tem os mais novos, os Pequeninos Canarinhos, que começa com cinco e vai até os sete, oito anos de idade. Os Canarinhos Postulantes vem de oito anos até os dez, quase onze. Depois tem o meu grupo, que é o Canarinhos de Itabirito, que é o mais antigo e leva o nome da instituição. Ele começa com uma idade de onze e vai até o final da adolescência, juventude. Quem é jovem e quer participar continua participando, e tem muitos assim. E depois desse grupo tem o Canarinhos em Cena, que é esse grupo que eu falei em que a pessoa mais nova tem uns quinze, dezesseis anos. É um grupo mais performático, um grupo com pessoas que já participaram como Canarinhos (...), então eles já tem uma forte experiência musical. E esse grupo se reúne, ensaia e faz performances musicais e teatrais. Então são esses quatro grupos corais, aí a gente tem os grupos instrumentais. Com essa história que o Padre Francisco inaugurou de ter sempre uma escola não só de canto mas também de instrumentos, a gente tem esses grupos de Flauta, Violino, Viola, Violoncelo e Violão. Então nesses grupos além de cantar os meninos tem que tocar um instrumento. A gente tem três grupos de instrumentos: os Doces Menestréis, que já falei, a Camerata de Cordas Padre Xavier, que é uma orquestra de violinos, violas e violoncelos, e a Camerata de Violões, que é um grupo de violões que o Carlinhos fundou que é um coral de violões.

E: De seis em seis meses a gente faz uma audição de instrumentos e nessa audição todos se apresentam juntos. O nome desse projeto é Cordas, Sopros e Sonhos e a madrinha é a dona Ana Maria. (...) Esse projeto foi aprovado aqui na Lei Municipal (de incentivo à cultura) e ela que foi como empreendedora e ela é a madrinha desses instrumentos.

E: Conseguimos verba já em âmbito estadual, inclusive foi isso nesses dois últimos anos o que fez a entidade ser potencializada e conseguir ampliar suas atividades foi via projeto de lei estadual. Em âmbito federal a gente ainda não aprovou nenhum projeto, estamos buscando e é um sonho de todos nós. (...) Quando o Coral fez quarenta anos o prefeito resolveu assinar um documento, mas a comunidade como um todo falou "essa casa é dos Canarinhos!". (...) E agora surgiram novos desafios, não só cuidar da voz e cuidar das pessoas, mas cuidar da casa também. Então o objetivo nosso em âmbito



federal é buscar parcerias para otimizar o espaço. Porque o grupo cresceu, a família foi aumentando, e a casa está ficando pequena.

E: Este ano nós começamos com essa iniciativa de conhecer o espaço na sua totalidade. A gente usava a casa mas tinha um quintal precioso, que a gente já via mas não conseguia explorá-lo. Mas aí uma certa vez nós juntamos os pais todos, fizemos um mutirão, limpamos todo o espaço (...) e vimos a maravilha natural que ele tem: as jaboticabeiras, a muralha histórica. (...) E começamos a trazer eventos pra cá também. Os corais se apresentam dentro desse espaço aqui em um projeto que chama Música nas Ruínas e que está pegando e deu muito certo. (...) E o objetivo é ver essa demanda que a gente tem por mais salas de aula, espaços pra ensaio um pouco maior que a nossa casa, enfim, uma estrutura um pouco melhor (...). O sonho é ampliar esse espaço, usar na totalidade para conseguir ter todos os alunos juntos aqui.

E: Essa casa até então era o Museu do Ferro, um museu dedicado a peças da siderurgia, Itabirito tem um alto-forno importante, então em certo momento fizeram um museu com essas peças e aqui funcionou muitos anos com isso. Um certo momento esse museu se desfez e se tornou a Escola de Música Padre Xavier, com o nome do fundador do Coral, mas até então ele não era pro Coral. Era uma escola livre, o imóvel era municipal mas as pessoas que atuavam aqui davam aulas de piano e diversos instrumentos. E num certo momento o Coral ensaiava paralelamente nessa casa. Desde que eu entrei o Coral já ensaiava nessa casa. Depois a casa foi ficando em um estado em que era muito difícil de ensaiar, e já era um objetivo pro Coral melhorar a condição dessa casa, aí foi feito um comodato com o Município. Ficou em empréstimo pros Canarinhos. Já tinha sido fundada a Casa de Cultura, então foi uma coisa positiva, porque aí o Coral tinha um espaço pra ensaiar enquanto tentava colocar a casa em ordem, consertar a casa. Foi um período muito duro, foram dez anos, porque tudo dependia de recursos e é um grupo com poucos recursos. Foi um esforço de muitas pessoas, de presidentes, das famílias que tinham meninos e já gostavam do Coral. Foi uma mobilização muito grande pra conseguir. De 1993 até 2003 foi colocar um telhado, e depois de 2003 foi viver debaixo desse teto e prosperar na sua sede. (...) O que é legal é isso, apesar da sua dificuldade financeira o Coral sempre teve um compromisso artístico muito sério no desenvolvimento das apresentações, então você começa a falar do artístico do grupo você comemora! O grupo teve muitas projeções positivas, o grupo apresentou em



eventos de âmbito internacional e foi muito aclamado, mas ao mesmo tempo com uma fragilidade! Quem viesse na instituição via que o grupo não tinha sede, era uma casa de poucos recursos. Se olhar pela história artística ela é muito bonita, muitos momentos muito bonitos, boas apresentações, bons desempenhos, foi muito elogiado, cresceu e foi se tornando conhecido! (...) Mas em relação a conseguir esse espaço os passos foram mais lentos. (...)

E: Hoje o Coral é uma Associação Cultural Sem Fins Lucrativos atualmente credenciado como OSCIP. Ele já está buscando outros credenciamentos também, já está com credenciamento de utilidade pública estadual e federal em andamento e já tem o credenciamento de utilidade pública municipal. É uma entidade solidificada já com pelo menos 20 anos de documentação já. Na verdade em 1979 foi o credenciamento em Utilidade Pública municipal! (...)

E: Tem pontos que são marcantes na vida do Coral: quando ele sai do estado e vai apresentar fora, quando ele extrapola as fronteiras. (...) Um momento bonito que eu me recordo foi em 1992, quando o Coral apresentou uma obra importante junto com outros coros, que foi o Messias, de Handel. Foi no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com a Orquestra Petrobrás Sinfônica, foi um negócio muito bacana. (...) Em 1993 a gente trouxe isso pra cá, pro Palácio das Artes, e aí com o coral dos Canarinhos de Itabirito à frente da produção. (...) Foi muito bacana, com outros coros, centenas de cantores. (...) Um momento importante também foi quando o coro teve uma apresentação em Recife, em Pernambuco, o Brasil Canta. Era um evento onde os coros eram selecionados pra participar e o Coral fez uma ótima apresentação lá. Todas essas apresentações dessa década de noventa foram muito prestigiadas, o grupo estava numa condição muito boa. A década de oitenta também foi tão boa quanto. (...) Mas eu acho que o marco singular foi quando o grupo pôde fazer uma turnê internacional, quando a gente foi pro Chile quando o grupo fez quarenta anos. Foi em 2013, eu já estava como maestro, e desde criança que eu ouvia que o Coral tinha que extrapolar suas fronteiras, que era um sonho! Em certo momento também o Coral fez um desempenho brilhante e foi convidado a um congresso na Holanda, mas por ausência de recursos não conseguiu ir. Em 1994 foi convidado também para um congresso em Roma para representar os coros do Brasil e também não teve condições de ir. Enfim, foram momentos, eu fiquei pensando assim: com 20 anos o Coral não conseguiu, com 30 anos não conseguiu, com 40 a nossa



geração não vai poder deixar passar isso! Aí a gente lutou, fez de tudo! Toda apresentação a gente cobrava uma entrada simbólica, mas sempre envolvendo muito a comunidade. Queriam o Coral pra cantar em casamento a gente ia e cantava em casamento, queriam pagar de três vezes a gente deixava pagar de três vezes, foi juntando recurso pra cumprir esse sonho. (...) A gente localizou um espaço possível no Chile e foi tudo empreendido com recursos de quitanda! A gente conseguiu fazer uma turnê lá e foi bacana. Não foi um passeio no Chile, o maestro lá que cuidava da parte artística, representante dos coros chilenos, que nos convidou e lá a gente fez apresentações muito bacanas. A gente recebeu homenagens das cidades onde a gente se apresentou! Os meninos puderam conhecer a neve! Inaugurou uma maturidade pro grupo de poder ter conhecido em outro país. (...)

E: As pessoas que foram participando do Coral foram os entusiastas que já tinham algum envolvimento com a Paróquia e também professoras de música, como a dona Ana Maria, enfim, e os próprios pais. Porque ainda muito novo o Coral já começou a ter uma associação que chamava Associação dos Amigos dos Canarinhos de Itabirito. É até bonito, você pega o livro aqui que tem os sócios, esses padrinhos dos meninos, e a primeira assinatura é do Padre Francisco, ele foi o primeiro sócio! Ele falou "eu vou acreditar nisso aqui". (...) Muito no início já tinha esse envolvimento da comunidade. Ele compunha músicas que envolviam a comunidade: tinha uma música que chamava Tarcísio Toca o Sino, que falava de um sujeito que até hoje toca o sino aqui na cidade! Ele tinha essa coisa com a comunidade, sabe? A comunidade sentia esse apreço pelos canarinhos porque eles cantavam coisas do cotidiano dela. E só foi crescendo. (...) É uma coisa muito familiar, a gente não se considera muito entidade, nesse sentido, é muito uma família. Todo mundo que se dirige ao nome dos Canarinhos fala família Canarinhos, "eu já fui da família Canarinhos". Essa relação com a comunidade é muito forte. Sempre teve boas relações públicas com prefeitos, vereadores, secretários, pessoas que inclusive já cantaram aqui. Eles foram crianças aqui no Coral e hoje estão aí ocupando cargos públicos. (...)

E: Existiu uma campanha que era para doar o uniforme, era um ato simbólico para um empresariado local: tal cantor precisa de um uniforme e a pessoa arcava com o custo e era feito esse uniforme. Além das quitandas que eram feitas nas portas das missas, que era uma coisa muito forte, os próprios pais que vinham começaram a fazer pizzas,



começaram a fazer bingos, festival e sorvetes, Café Concertos, onde os meninos cantavam e tocavam. E a comunidade cultural interage com o grupo, no Café Concerto tinha o Coral mas tinha também outros artistas locais, então sempre teve essa interação.

E: [ganhar o uniforme] É um divisor na vida de quem participa do Coral, você se sente cantor. Acho que pesa isso na pessoa, "opa, agora eu ganhei meu uniforme", e eu percebo isso até hoje. Pelo menos comigo foi muito marcante: "eu vesti a roupa!". De vez em quando eu vejo alguns dessa geração: agora é uma nova geração, o filho veste a roupa e a foto aparece na internet. (...). Isso é uma coisa muito forte. (...) Tinha uma cerimônia de investidura que é uma coisa que a gente quer retomar mas ainda não conseguiu, que era um momento de receber o uniforme. Quando o grupo tinha uma ligação muito forte com a Igreja, e o Padre regia, o cantor recebia a batina na Missa. Era um costume dessa federação que o Coro participa. (...) O nosso grupo faz parte de uma entidade que unifica esses coros que tem essa característica de também prestar um serviço litúrgico, de cultivar a música sacra. (...) A túnica do Coral é uma batina de coroinha. (...) Tem coros que são milenares na Europa, e o padre se inspirou nisso. (...) Ano que vem nós vamos ter um congresso internacional, os congressos normalmente são em Roma, como Papa, e no outro ano em um outro país. O ano fora vai ser aqui no Brasil, no Rio de Janeiro. E inclusive o nosso Coral está com uma demanda interessante, porque eu que sou o responsável pela direção artística do Congresso e o Felipe é o responsável pela Direção Executiva. Então nós acabamos virando um grupo pra sediar o Congresso Internacional, que está ajudando na organização de sediar esse Congresso. Aí eu fico pensando: "será que o padre está vendo tudo isso?" Porque é tudo fruto dele, não conheci essa pessoa, mas a gente vive isso de levar esse legado, é uma coisa muito forte aqui no coral.

E: A dona Ana Maria e a dona Maria José eram catequistas (...), tinham uma forte ligação com a religião, e muitas pessoas no Coral tinham ligação religiosa. E até hoje tem. A gente tem uma tradição em que o grupo, pelo menos duas vezes por mês está cantando na Missa. Então um domingo sim, dois não, às três horas da tarde, você vai estar ouvindo os Canarinhos cantando aqui. É uma tradição no serviço litúrgico daqui, uma tradição com a comunidade. Desde que eu era novinho, e era mais cedo, era oito da manhã, hoje está mais fácil que é três horas da tarde. Na minha geração era acordar cedo e ir cantar a Missa. É um momento pra agradecer a Deus também, a gente tem essa



formação espiritual. A dona Ana Maria trabalhou muito isso na minha geração, e o Padre certamente trabalhou isso na geração dele, e isso foi sempre uma proteção para a entidade, uma coisa forte. (...) Hoje a dona Ana Maria ainda faz esse trabalho. (...) O bacana é que hoje tem padres que já foram Canarinhos! Então a gente tem padres que de vez em quando nos visitam, e a gente convida eles pra dar uma palavra de fé pros meninos. A grande maioria é católico, então eles comungam, confessam com o padre. E o padre é muito bacana, ele já foi canarinho, e aí rola uma proximidade. Porque antigamente era uma coisa de respeito, de muito medo, e ele suavizou isso com esses meninos. (...) Agora a gente está indo pra Itajaí, Santa Cantarina, na semana que vem, e o ponto final desse congresso é uma missa solene. E a gente ensaia obras sacras, teve um ano que foi uma Missa de Mozart, ano passado foi uma Missa de um compositor holandês, com orquestra e tudo. Esses momentos são viradas pra gente, porque a gente tem um contato artístico com tantos outros grupos, geralmente vai de sete a dez grupos de outros estados, e a gente vê tantos outros corais com a mesma ideologia, (...) o próprio Padre participou de algum desses congressos, quando o Coral se filiou ele era regente. Ele pôde aproveitar pouco do Coral, uns nove anos, mas ele semeou bem.

E: Tem um coral que tem a mesma característica nossa, que é dessa federação, cujo regente deles foi muito amigo do Padre, e que eles também foram cantores na mesma época que a minha e nós viramos maestros agora. E a gente vai se encontrar agora nesse final de semana. E ele falou: "eu tenho um menino, você precisa de ver, ele canta um Salmo que é incrível! Mas ele não é católico. Mas ele canta beleza, a família dele é evangélica, e enfim, ele canta, o padre gosta, ele gosta, a mãe dele vai até assistir ele cantar!" Então o Coral é aberto a qualquer religião, tem cantores que tem outras religiões e tem famílias que não seguem nenhuma religião e estão aí. E os meninos cantam a Missa, cantam como artistas. Às vezes quando começam eles ficam com medo porque o Coral canta na Igreja, aí eu instruo e a pessoa participa como artista. Tem tanto ganho ali, né? Um ganho espiritual normal, é saudável. Nunca foi um problema ou algo que afastasse. Tanto é que a gente é chamado a cantar em cultos ecumênicos, essas formaturas, já cantou músicas folclóricas, a gente canta candomblé e já cantou muita coisa já! O próprio Padre que fundou o Coral tinha composições litúrgicas mas tinha músicas universais mesmo, para a natureza, falava de amor de um casal, falava de um ipê, ele tinha uma visão muito humanista. Tinha a relação de Deus mas sempre aquela



coisa que a música é muito humana, não é só divina. Eu fiz a direção artística do CD que a gente gravou e eu procurei escolher as peças que representaram esse período em que ele esteve com o Coral, mas também esse lado dele em que ele não era Padre! Como artista, como compositor. (...)

E: O Coral é um costume tradicional aqui, mas a gente vê que a nossa prática a cada dia está tendo que ser transformada, e de certa forma quase que deturpada pros costumes da contemporaneidade. Então eu acho que a primeira coisa é "tomar conhecimento de". É um trabalho que a gente procura fazer, a gente começou a se apresentar mais para as pessoas verem. (...) A gente fez um projeto que chamava Onde O Povo Está em que a gente ia cantar na beira do rio, a gente saiu de dentro da Igreja literalmente! Isso foi uma coisa importante, garantir pra gente essa coisa de funcionar em outros espaços. E essa divulgação mesmo do que é o canto Coral, como a gente desenvolve as nossas atividades aqui. Uma coisa importante é a gente proteger o nosso patrimônio aqui do Coral, a gente tem uma casa que é muito frágil, uma casa de 1700, às vezes você precisa de fazer uma pequena interferência nela e você tem que ter muito cuidado com isso. E hoje em dia você precisa de muito recurso pra isso. Não adianta a gente falar "ah, a pedra caiu aqui, vamos botar tudo em pé de novo!". A gente tem que ter um cidadão com consciência histórica, e isso traz dificuldades pra gente, porque é um grupo muito instável. Ele tem apoio, mas ele não tem patrocínio. A questão do recurso financeiro é o que mais preocupa.

E: São treze pessoas, profissionais, eu já tenho mestrado, a Thaís está terminando o doutorado, o Felipe tem mestrado. São pessoas super estudadas, especializadas, os meninos que estão estudando estão gostando, estão querendo permanecer na música e a gente tenta acolher, mas isso preocupa. Garantir um profissionalismo estrutural, administrativo, porque o profissionalismo artístico já cresceu. São profissionais muito competentes. Desde muito novo começaram a desenvolver de forma muito séria com a música. (...) Então essa é a grande preocupação nossa, ter uma estabilidade financeira, e eu sinto que não é uma coisa distante, é algo que a gente conseguiria se a gente tivesse medidas de proteção do Coral para cuidar dessas coisas. Hoje chegamos a um número razoável, temos trezentos alunos e acho que podemos parar por aí por enquanto, até que a gente consiga dar qualidade pras trezes pessoas atuando. Que a estrutura não fique tão na corda bamba assim (...)



Depoimento de Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72 anos, 03/08/2016, concedido a Matheus Machado Vaz / Itabirito, Minas Gerais.

A: Ana Maria Domingos Marinho Silva

M: Matheus Machado Vaz

A: O meu contato [com os Canarinhos] iniciou-se em agosto de 1975. Ficou muito marcado porque eu fui acertar uma espórtula de Missa por intenção da alma da minha mãe. Aí o Padre me convidou, falou que era ele mais a Maria José Michel que trabalhavam com o Coral e que ela estava grávida e ia se afastar, e que ele precisava de uma pessoa para ajudá-lo. E ele estava acanhado de me pedir porque ele sabia que eu era muito compromissada, porque eu dava aula em escola, dava aula nos cursos de noivos nas Paróquias da Boa Viagem e de São Sebastião, e aí era mais um compromisso, né? Aí eu falei "uai, Padre, se é pra servi-lo eu aceito sim." Então eu aceitei. Quer dizer, seria pelo período em que estava afastada a outra regente. Quando chegou a época que ela voltou eu falei com o Padre: "olha Padre, agora está na hora de eu dar tchau." Mas ele foi danadinho, porque ele deixou eu tomar o gosto do que era coral mesmo, né? Quando eu falei que eu já estava de saída ele disse assim: "quem tem duas tem uma, quem tem uma não tem nenhuma, eu não deixo você ir embora mais!". E com isso, no Coral, parece que tem quarenta e um anos que estou aqui. Eu agora posso falar que sou a peça mais antiga! Porque o Padre ficou com o Coral sete para oito anos, e aí faleceu. Estou lá até hoje!.

A: Eu era a auxiliar dele na regência. Eu fiz o curso de educação musical em Belo Horizonte no Instituto de Educação e foi um dos motivos que ele me convidou, porque ele sabia que eu tinha um pouco de experiência com o trabalho. E com isso eu fiquei incentivada, eu fui para Belo Horizonte fazer Técnica Vocal e as aulas que eu recebia lá eu passava para os meninos aqui. Porque na época era uma novidade, né? Nós não estávamos acostumados com isso. A partir daí o Coral foi crescendo. Éramos nós dois e Maria José, éramos três. Com a morte dele ficou assim muito triste. E como que iam ficar duas mulheres mães de família para tomar conta do Coral? Não tinha condição. Aí nós tínhamos um amigo muito próximo, o Luís Cardoso, apelido Luís Bolinha, e ele falou: "eu vou te ajudar!". E coincidiu que veio alguém na casa dele, não sei como, e chamava-se Márcio Miranda, e conversando com o Márcio Miranda ele aceitou ficar no



Coral junto com a gente. Quando eu vi o Márcio Miranda eu falei "uai, eu conheço, eu já fiz um curso junto com ele!". Então assim ficou mais agradável, porque ele não era uma pessoa estranha. E ele ficou junto, tomou o pulso do Coral e nós duas continuávamos como auxiliares dele. Passaram os anos, depois veio o Brasa, depois veio o Marcinho, e depois o Eric.

A: Nós fomos as primeiras mulheres que entramos na Federação Nacional (de Meninos Cantores do Brasil). Até então era só homens. Lá em Petrópolis era o Frei Prim, o Frei Leto e o Padre José Maria. Mas como o Padre Francisco já era uma pessoa enfartada, quando o Coral foi convidado a participar na Federação Nacional, ele falou que ele só entraria se as duas auxiliares dele pudessem entrar com ele. Então, com isso, fomos nós duas no meio da homarada lá. (...) Éramos só nós duas.

A: Quando eu entrei pro Coral o meu filho mais velho tinha uns sete anos. E eu me lembro que ao fazer uma festinha aqui em casa eu convidei o Padre, porque o Padre já era nosso amigo, e ele deu pro meu filho de presente uma flautinha doce. Aí eu fiquei muito entusiasmada com o flautinha. E como eu não conhecia pessoa que desse aula aqui, e eu estudava piano em Belo Horizonte, eu arrumei um lugar pro meu filho estudar flauta doce. Com esse negócio do meu filho começar a estudar a flauta doce, outras crianças interessaram comprar flauta. Aí o Padre interessou em dar aula pras crianças. Que era justamente os vizinhos dele lá perto da Igreja. Aí eu falei pra ele "uai, Padre, se o senhor está dando aula pra esses meninos eu não vou levar meu filho mais pra Belo Horizonte, não! O senhor fica com ele também!". E foi aonde nasceu os Doces Menestréis, que passou a ter aula com ele. Com isso o meu filho entrou pro Coral e o Padre começou a dar aula para um grupo de uns dez meninos! O intuito dele era através do ensino da flauta doce ensinar a música. (...) Foi crescendo o conhecimento musical por causa do interesse na flauta doce. Porque ensinar teoria em si não tem tanto atrativo, e eles eram novos, com sete, oito, nove anos. (...) Eu sou mãe de quatro homens, o mais velho já estava no Coral, aí um dia o meu segundo desapareceu daqui! Ele tinha ido lá pra casa do Padre pra pedir pra entrar pro Coral! Aí fez o teste e passou e ficou, mas ele ainda não tinha nem sete anos direito. (...) O Padre fazia o ensaio a noite na quarta feira, sete e meia da noite no salão paroquial. (...) E com isso todos os quatro filhos meus participaram do Coral.



A: (...) Eu trabalhei vinte e sete anos na escola. Eu trabalhei dez anos seguidos de primeiro a quarto anos, depois peguei Educação Musical, que trabalhava com todas as séries, e quando foi os meus últimos seis meses de trabalho eu retornei às salas de aula de novo. E com isso, a escola que eu sempre trabalhei, que era o Henrique Michel, já não me cabia mais. Então, com isso eu fui levada pra Usina Esperança. (...)

A: (...) A experiência grande ajuda muito, apesar de (no Coral) serem crianças selecionadas, né? É olhado o comportamento desde aquele tempo. Hoje o nosso Coral está funcionando mesmo como escola, são três corais, tem o pequeninho, o intermediário e o principal. Mas no tempo que nós começamos era um só. Então a criança entrava se ela, de fato, tivesse uma voz afinada. Porque hoje os professores trabalham até a voz chegar onde eles querem. Mas no nosso tempo havia uma seleção mais séria, porque a gente já precisava de produção imediata. (...) Hoje aceita sem treino nenhum! (...)

A: O catecismo era sábado, depois do catecismo tinha a Missa das três horas. Então quando as crianças estavam chegando ele dizia assim: "canta pra mim o Parabéns Para Você." E aí só de escutar o Parabéns ele já via se a criança era afinada ou não, e aí ele conversava com os pais e convidava para participar do Coral.

A: Quando eu entrei, como eu trabalhava dentro de escola, eu já fazia os testes nas crianças da minha escola e levava uma porção de meninos da minha escola (pro Coral). Depois nós visitávamos outras escolas. Com isso era sempre uma renovação. Porque assim como entrava muito, às vezes entrava trinta, quarenta criança, nem todas tinham aquela persistência em ir pra ensaios (...). Acaba que depois a criança desinteressava e saía, então a renovação era forte. (...) Mas também aquelas crianças que, de fato, tinham o dom, não tinham problema algum.

A: Nós íamos sempre nas escolas mais próximas da Igreja: o Raul Soares, o Professor Tibúrcio, o grupo da Carioca. Porque nas escolas muito distantes havia o problema da locomoção da criança. Mas nós tínhamos crianças que vinham de longe também, que se mostravam interessadas e com pais que ficavam interessados e levavam os filhos. (...)

A: O lema do Padre era assim: três faltas consecutivas sem justificativa e o cantor era eliminado. (...) É formação mesmo, se você não justificar você está fora. (...)



A: Eles aprendem a se valorizar. Muitas vezes as pessoas falam assim "ah, porque ele é solista ele é melhor", mas o coralista aprende que todos são iguais, porque todo mundo é importante: o erro de um interfere no coral todo. (...) Ele aprende que ele é importante dentro do coral, todo mundo é igual. E nessas viagens por exemplo, as crianças passam por uma preparação total, porque muitos não tem condição de frequentar comida fora, viagens fora. E com isso eles já aprendem a tomar conta das roupinhas, como se comer, como se portar, como respeitar a casa do outro. E tudo isso, depois de uma viagem é feita uma avaliação com os prós e os contras, porque só há crescimento quando você conversa e mostra o certo e o errado. (...)

A: Acompanhamento escolar é comigo também! A gente acompanha, sabe? Faz um levantamento de quem está perdendo média e depois incentiva para estudar com outro colega. (...) E tem prêmio também, porque se ele continua com nota baixa ele não tem condição de viajar com o Coral. (...) Porque o Coral viaja muito, tem muito atração!

A: No começo do nosso Coral o Padre formou uma associação chamada AMICI, uma associação de amigos dos Canarinhos, e era feita por mães mesmo. E de vez em quando a gente fazia alguma coisa, um almoço, um jantar, para entrar um pouquinho de dinheiro. Agora, à medida que o Coral foi aumentando, começou já a ter aulas de violino, aí o que nós começamos a fazer? Bazar da quitanda em porta de Igreja! A gente vendia até latinha que os meninos juntavam! Eu me lembro que com coisa de quitanda nós compramos uns três mil livros! Assim com trabalho. Nós fazíamos brechó. Tinha-se facilidade de arranjar um bom lugar, e brechó dá bom resultado quando você encontra um lugar bom na cidade, do contrário não consegue vender. Depois ficou difícil e nós paramos. Mas as quitandas, os doces, os almoços, as pizzas, continuam firmes e tudo com trabalho de mães e a orientação da cúpula do Coral.

E: Como a dona Ana como é uma mãe mais experiente (no Coral) acaba sendo muito procurada pelas outras mães, sabe? Por uma ocasião do filho no Coral, na Escola, e até de família mesmo!

A: Para dar conselhos. (...) A gente fica feliz de poder um pouco, né? Mas às vezes se os meninos estão dando problema dentro de casa as mães me procuram para conversar. E eu converso. (...)



A: Feliz de quem tem um filho no Coral! (...) Não é porque eu estava lá, mas porque o Coral não funciona com uma pessoa, é um conjunto de pessoas, de professores, orientadores, e é muito importante na educação total da criança! É religiosa, é familiar, social, tudo!

A: Era uma palavra que sempre o Padre me falava: "Ana Maria, você vai ver! O nosso Coral é uma sementeira, e dessa sementeira vai sair o regente pro nosso Coral!" Ele predisse. E está aí, uma porção! Mas o Eric veste totalmente a camisa do Coral. Eu vejo que ele são os olhos do Padre Francisco!. (...)

A: A AMICI era um grupo, uma associação, de apoio. Mas a coordenação mesmo era do Padre. E as duas regentes eram auxiliares dele. O Ubiraney era cantor e muito ligado ao Coral. Logo, seria ele mesmo. (...) Era um cantor, interessado, zelava muito pelas coisas do Coral, e ficou como presidente do nosso Coral.

A: (...) Eu acho que foi justamente a nossa vida ali que foi formando dentro da necessidade do Coral. (...)

A: Cada Congresso que a gente ia era uma felicidade! Porque levantar o dinheiro para poder levar a comitiva toda! Teve uma viagem que o Padre fez para um circo muito importante em Belo Horizonte, e dos nossos cantores tinham muitos que não conheciam Belo horizonte nem nunca tinham ido no Circo. Então aquela felicidade do Padre de levar os meninos, e pagou com o dinheiro dele para os meninos assistirem um show no circo. Eu me lembro que os meninos foram radiantes, encantados, com as carinhas nas janelas do ônibus para ver a cidade! Ali começou o progresso, entende? Depois esses congressos. (...) A época da morte dele eu nem gosto de lembrar, foi muito triste. E agora minha alegria maior, mesmo, foi a aquisição da casa do Coral aos quarenta anos!

A: Foi quase que uns vinte anos de fazer merenda e vender latinhas para recuperar a casa. Mais ainda (se defender das) tentativas que fizeram de tomar a casa da gente depois, quando estava pronta! Teve coisas desagradáveis, mas comparando com o que foi bom, não foi nada! O Coral conseguiu um ninho pra ele!

E: Foi em 2013, e agora realmente toda a documentação está paga e está tudo no nome do Coral.



A: Os pais sempre olharam com bons olhos o trabalho do Padre, tinham o interesse de que os filhos entrassem. Depois quando foram vendo o desenvolvimento do Coral ele foi sendo cada vez mais notado. Hoje o apoio é grande! (...) Nós sempre procuramos levar para o caminho do certo, ter amor, ter caridade, compreensão. Quantos com problema a gente tentou ajudar! E ai os pais vão vendo que é uma entidade séria, que a gente zela muito pelo comportamento, até dentro mesmo da casa. (...) Então, é uma entidade confiável.

A: Apesar de nós termos nascido dentro da Igreja, porque o Padre era o pároco, o Coral não era filiado à paróquia. Nós sempre fomos independentes. Então existe um elo assim, de amizade, mas a gente não pertence a ninguém não! Nós estamos dentro da nossa paróquia, a gente serve a paróquia da Boa Viagem, mas a gente tem a nossa liberdade. Quando o Padre era vivo, é lógico que era diferente, era dele, ele que criou o Coral! Tanto é que ele sempre preocupava em nós termos um lugar pra ficar, porque ele falava assim: "quando eu for transferido daqui, não for mais o pároco da cidade, vocês vão ter problema de acomodação!". (...) Nós usamos o salão paroquial (depois da morte do Padre) mas aí já eram outras pessoas que olhavam (...). Mas logo criaram a Casa de Cultura e nós fomos pra lá.

A: No tempo do Padre Francisco era assim: ele ensaiava os adultos, eu ficava com os sopranos na minha casa e a Maria José ficava com os contraltos na casa dela. O ensaio era feito aqui na minha casa. Sentavam na cadeira, sentavam no chão, ficava cheio de menino e ensaiava! E depois tinham os ensaios para juntar as vozes. Depois, com a morte do Padre, entrou outro regente e eu continuava a trazer os meninos pra cá para ensaiar e a Maria José para a casa dela. Para facilitar trazia também os adultos, porque o regente já vinha de Belo Horizonte, não estava presente na cidade, e facilitava o trabalho dele. E assim foi nosso Coral: minha porta foi sempre cheia de criança. (...)

A: (O Coral) Foi minha maior alegria! Eu mais recebi do que doei. É um prazer tão grande quando eu vejo aquela a moçada, gente casada, pais de filhos, eu penso assim: "sentava no chão da minha casa, eu pude contribuir um pouco!". Foi um prazer muito grande, nunca tive interesse nenhum a não ser doar o meu trabalho! (...) Eu sempre falava assim "é um pedacinho do céu!". Agora então, (...) quando eu chego lá no Coral eu falo assim "que coisa boa, se fosse pra ficar aqui o tempo todo eu ia ficar, parece que estou no céu!" Fazer o que gosta é muito bom, o ruim é fazer o que não gosta.



A: Muita gente achava que a gente era irmãs! Porque a gente andava sempre juntas, eram as viagens todas do Coral, eram os ensaios. Deve ter uns quatro anos que ela faleceu. Mas ela afastou do Coral já tinha mais anos, ela foi para Belo Horizonte. (...). Eu me senti muito sozinha mas continuei firme! Os regentes eram bons, então eu estava mesmo era como apoio.

E: Eu presenciei os dois momentos, eu fiz uns ensaios na casa da dona Maria José e também ensaiei na casa da dona Ana. Porque tinha uma característica: a dona Ana ensaiava os sopranos e a dona Maria José ensaiava os contraltos. E eu fui um período soprano e um período contralto. (...)

A: Essa liderança foi o Padre que colocou em minha mão! Com o negócio da minha experiência de escola, às vezes ele achava a Maria José mais drástica na maneira de conduzir, mas é que a Maria José era contadora, não era professora. Então ele falava assim: "fala!". Então toda hora ele me dava a palavra, aí acaba que você já viu, né?

A: A assistência de notas é feita para o coral principal! É porque alguns são pequenos, tem uns na fase de maternal. E o coral principal é o que viaja mais, o que tem mais responsabilidade no peso das peças, então é preciso de olhar bem mesmo, para que o Coral também não atrapalhe! (...) E eu estou tão feliz, porque olha: meus quatro filhos lá e agora meus 2 netos estavam nos Pequeninos Canarinhos e agora estão nos Postulantes Canarinhos! (...) Eles são acompanhados com técnica vocal, musicalmente são acompanhados, o crescimento é total: só a nota da escola que não é acompanhada até entrarem no Coral principal.

A: Como o Padre foi abençoado em ter essa imaginação para criar esse Coral. Porque o quanto ele é importante na nossa cidade para as crianças, para as famílias! O afastamento desses meninos de coisas que estão aí, como a droga e o mal comportamento. E ele prever que dentro do Coral seria uma sementeira e que nós teríamos os regentes do nosso Coral. Você vê que aqui tem vários conjuntos de música, instrumentistas, (...) e em todos, na cabeça, tem um ex-canarinho. Foi de fato uma sementeira. No Coral por exemplo, o regente atual é o Eric, o Felipe, o Carlinhos, o Marcinho, o Rogerinho na técnica vocal, a Paula, o Paulo, e tudo de dentro do Coral!



A: Nós sempre falávamos que era a família Canarinhos. Então, por si, quando você encontra sempre pra ensaiar, vai nas mesmas festividades para cantar, aquele elo de amizade vai crescendo e por si você forma a sua turminha. (...)

A: Uma coisa que o Coral sempre zelou foi o acompanhamento religioso: faz parte durante o correr do ano chamar pessoas ligadas à Igreja para fazer palestras, orientação, a gente convida o Padre para fazer a confissão dos meninos. (...) A gente incentiva a participar das Missas além das que estamos cantando. (...)

A: Durante as Missas na paróquia a gente obedece o folheto da Igreja, e naquele horário móvel sempre é colocado uma peça polifônica, com mais vozes.

E: Na Missa a gente participa com a comunidade, então a gente canta músicas que as pessoas podem cantar com a gente na maioria. Só que como o Coral tem um trabalho vocal refinado para trabalhar peças eruditas, sacras, diferentes, durante a celebração, em alguns momentos, ele coloca músicas que são polifônicas, mais difíceis para a comunidade. Mais para serem contempladas do que para participar junto. (...)

A: As quitandas a gente fazia bolos, roscas e vendia na porta da Igreja. Outra hora era pizza, a gente fabricava pizza a valer. Outra hora era almoço. A última foi tropeiro. Então é assim. (...) Tentando jogar um evento em cada mês para dar renda.

A: Era um trabalho mesmo de doação, o dinheiro para nós sempre foi curto. Não tínhamos dinheiro mesmo. Agora que às vezes tem algum projeto aprovado, mas se não for pela doação de trabalho o Coral não tinha condições. Antigamente era um regente só, agora são três! Então o Coral cresceu muito, e com isso cresceu muito o trabalho também. Vai numa apresentação em que participam os três corais: se a gente não tiver essa doação de pessoas para ajudar a olhar a disciplina enquanto um regente está no palco, o outro está se preparando para entrar.... se não tiver pais para ajudar a gente não dá conta não! E se for depender de dinheiro é mais difícil.

A: Para ir em viagem podem ir, poucos pais, porque ocupa a cadeira do ônibus, então é duas, três pessoas. Agora, os cantores maiores tem responsabilidade de ajudar. Além dos maestros e dos professores presentes. Então não fica por conta só desses dois, três pais não. A gente procura responsabilizar os próprios cantores que tem um



amadurecimento mais avançado que os outros. E outras vezes a gente coloca a responsabilidade no mais levado, que também ajuda!

A: É bem seleta a plateia do Coral. Porque de primeira era aquela conversa, povo falando demais. Mas hoje, como a gente fala muito com os meninos: "fica caladinho, deve proceder dessa maneira!" A gente nota que quem vai ao concerto, a maior parte, já sabe proceder, sabem apreciar. (...) A plateia foi bastante aumentada porque o Coral também aumentou. Uma coisa é ter um Coral, outra coisa é ter dois ou três. Todos querem ter seus filhos no Coral. Agora, quem gosta de uma boa música, as pessoas mesmo selecionam. Quem tem o hábito de frequentar a Casa de Cultura vê que são sempre quase as mesmas pessoas, mas porque sabem o que gostam.

E: O Coral ajuda muita gente nesse sentido também. A gente tem essa preocupação de levar essa música diferente, essa música que não está no cotidiano, para a escola e para os meninos mais novos. Tanto para eles cantarem quanto para ir assistir. Esses que permanecerem assistindo essas apresentações, certamente tiveram uma ligação com o Coral. É alguém que levou um filho pro Coral, às vezes o filho nem está mais no Coral mas continua indo assistir, ou o próprio filho que participou volta para assistir. (...) Então eu acho que nossa formação de público está ligada ao fato das pessoas conhecerem o repertório ainda criança, é um trabalho que precisa perpetuar. (...) Tem um boca a boca e ouvido a ouvido que vai dando o público! (...) A música de massas é muito forte mercadologicamente, mas quando a criança entra cedo no Coral ela vai conseguindo perceber nuances musicais, vai criando uma outra escuta.

A: Eu tinha tanta vontade de ter uma segurança total dos regentes terem um ordenado certo da prefeitura. Que a prefeitura se responsabilizasse pelo ordenado de cada professor, de cada regente, porque é muito difícil manter esse dinheiro. Esse ano, por exemplo, foi uma situação difícil, porque eram três que tinham o ordenado pago pela prefeitura, mas de repente cortaram dois! Agora, como que você mandaria dois corais pra casa? Tirar dinheiro de onde? Vendendo latinha, vendendo rosca. (...) Se a prefeitura se responsabilizasse pelo ordenado deles era uma segurança para o Coral.



Depoimento de Ubiraney de Figueiredo Silva, 53 anos, 03/08/2016, concedido a Matheus Machado Vaz / Itabirito, Minas Gerais.

M: Matheus Machado Vaz

U: Ubiraney de Figueiredo Silva

U: Na fundação mesmo eu estava. Eu ia à Missa na paróquia da Boa Viagem. Eu frequentava lá e o Padre Francisco, que era o pároco, estava preparando a turma, preparando a organização do Coral, uma coisa nova que ele queria fazer. Era um excelente músico, um compositor e pianista. E ele quis estruturar um coro para Itabirito a exemplo do que era o Canarinhos de Petrópolis, os Bem-te-vis de Diamantina. Ele ficava espelhando nesses grupos e arregimentou um monte de criança. Na época eu tinha sete anos, ele fazia teste, acabei passando. Minha família é toda de músico também, fui selecionado e ali fiquei um tempão. (...) Ele andava com um diapasão, fazia seleção em escola, fazia seleção em vários lugares. E ouvindo ele fez uma prospecção humana até formar o grupo! Ele só queria meninos, porque na época o coro era só de meninos, eram Meninos Cantores, não tinha como hoje essa inserção de mulheres. E ele selecionou um grupo bem interessante, bem diverso, pegou gente da maioria dos bairros. Foi bem legal, fez um trabalho muito bom.

U: Ele andou bem, visitou escolas de todos os bairros, na época as escolas estaduais eram as mais fortes (...). Ele era muito criterioso, se a pessoa tinha afinação ele já selecionava, e se não tinha afinação... ele ouvia um simples Parabéns Para Você, se não funcionasse ele era sincero e já declinava, já falava: "olha, fica pra próxima". Um colega meu que estava comigo, coitado, sobrou, porque não cantou um Parabéns Para Você como deveria. Era o critério básico de afinação, o resto ele ensinou. Mas o que ele buscava era uma pessoa afinada.

U: Era uma média de quarenta (na primeira turma). Era quarenta mas era uma seleção natural, uns não iam gostar, aquilo era novo, não tinha tido um Coral assim em Itabirito. Tinha muita Banda de Música, tinha esse movimento musical mas mais de instrumento. De vocal era a primeira vez. Tinha os coros adultos, mas o desafio de estruturar um coro infantil foi a primeira vez. E eu imagino que ele pegou um grupo maior exatamente porque ele sabia que ia ter uma seleção natural.



U: Eu fiquei lá, seguramente, por trinta e quatro anos. Eu me fiz ali dentro, social e intelectualmente minha formação é toda ali de dentro. Entrei em 1973 e saí em 2004. Foi interessante porque o Padre Francisco morreu em 1981, ele era o presidente do Coral quando ainda não era uma associação cultural, era uma entidade comum. E eu era o vice-presidente dele, exatamente porque eu era um dos mais antigos e ia permanecendo! E hoje eu compreendo isso mais, o porquê de um adolescente ali na diretoria e na vice-presidência. Eu acabei pegando uma onda pesada, porque ele faleceu e eu virei presidente! Era meio que um presidente e primeiro ministro, porque eu tinha um séquito de adultos me ajudando, mas era eu que assinava. Então achei isso muito legal e respeitoso do pessoal mais velho que estava na estrutura. A gente segurou a barra, porque a morte do Padre foi realmente um baque para entidade, aquela coisa de tirar o pilar! E a gente ficou sem saber se a coisa ia se sustentar ou não. Mas tinha um trabalho tão consolidado em termos de formação, em termos musicais, em termos de expectativas pro Coral, que a opção foi continuar. E rendeu! E aí, naquele susto, mas com a vontade das pessoas que estavam lá comigo na época, veio a orientação que eu precisava. E aí, nas articulações, eu já estava na prefeitura e a gente promoveu uma restauração da Igreja do Matozinhos, também lá no centro histórico. E na entrega dessa Igreja o Coral fez uma participação, e a dona Ana Maria aproveitou para dar uma cantada literal no prefeito da época. Era um moço novo, o Juninho, prefeito com vinte e quatro anos, muito entusiasmado e ele buscou na entidade alguém para trabalhar na secretaria de cultura, e no caso fui eu. E ela falou "olha, o Coral está aí, está participando, mas a gente precisa de um espaço, precisa de uma sede", e a casa onde hoje é a sede do Coral era do município e o Junior entendeu que poderia ser um espaço dedicado a um uso novo. Ali já era o ateliê de restauração, com a entrega da obra o ateliê ia ser desmontado, e o espaço não ficaria ocioso mas poderia ter um uso novo. Então ele entendeu que a Escola de Música que andou funcionando por ali poderia voltar a ter um movimento ali, e os Canarinhos poderiam começar a ter suas atividades ali para ter uma referência de endereço. O prédio estava muito detonado, é um prédio do século XVIII, e aí eu fiz um projeto de recuperação, em meu nome porque era uma iniciativa meio isolada, para a lei estadual de incentivo. E a gente conseguiu um recurso, que eu captei no último minuto, aos quarenta e cinco minutos do segundo tempo, nas vésperas literais de expirar o prazo de captação! E com essa parte do recurso a gente conseguiu não restaurar, mas recuperar a parte física do prédio. Acho que era o Sheldon



Assis era o presidente da época, a gente estava junto nessa empreitada. Eu, o Sheldon e o Valdemiro Paes Campos, o Mirim, que também foi da diretoria e trabalhou na tesouraria, nós três a gente arrumou um grupo e foi uma mobilização muito legal. O recurso da lei estadual de incentivo era muito limitado, a VDL Siderurgia que tinha participado da captação, e não dava pra nada. Então as mães e pais dos cantores na época se mobilizaram, e num movimento muito interessante eles faziam quitandas, bolos, roscas e as mães vendiam nos bazares e nas portas das igrejas. E com esse dinheiro a obra foi concluída. Até que em finalzinho de 2004 o Coral passou a ter uma sede efetiva, o endereço era ali, embora o prédio ainda não fosse nosso ainda. Mas a sede oficial do Coral já era ali, em um espaço recuperado, bonito, íntegro, apto a dar vazão e continuar a história da entidade. Isso já com trinta e três anos de entidade!

U: Acho que eu tinha dezesseis, dezessete anos (quando o Padre Francisco morreu). (...) Ele era presidente (...) então foi mais prático me declarar presidente, já que eu era vice. Só que realmente tinha um suporte por trás de mim, que era a dona Ana Maria, seu Antônio Carvalho, o Luís Cardoso... tinha uma série de pessoas que me davam suporte contábil, suporte administrativo, e até orientação emocional para eu dar conta de fazer essas coisas. Então era junto. Para mim foi um exercício muito bacana! Porque eu encarei, eu achava super importante ser presidente dos Canarinhos.

U: Eu fiquei um período, depois, claro, a diretoria foi se renovando e tudo. Nós estamos falando aí de um universo de dez, onze anos. (...) Outras pessoas tiveram a oportunidade de exercitar a presidência do Coral, mas eu sempre estive por ali. Ou como parte da diretoria, ou vice-presidência, eu sempre exerci alguma função administrativa. E era aquela coisa, ninguém gosta de serviço voluntário, ninguém gosta de ficar liderando entidade, mas como eu tinha a relação emocional também a gente acabava aceitando mais uma vez a presidência. Tinha aquela coisa da confiança. Às vezes era um momento de crise mesmo, de aperto, então ninguém queria saber... aí tinha que ter aquelas pessoas que iriam estar ali dentro. Era sempre o Luís Cardoso, que é o Luís Bolinha, o seu Antônio de Carvalho, dona Ana Maria, a dona Maria José, que já faleceu, eu... e a gente ficava naquela rotatividade ali, era sempre aquele grupo que estava na condução. Até que a gente também atinou que tinha que formar lideranças novas. Que a gente precisava de fazer essa renovação. E teve uma ocasião em que a Corporação Santa Cecília e a União Itabiritense, que são bandas de música que já são



bens imateriais da cidade, e principalmente a Santa Cecília sempre teve uma gestão administrativa muito competente. A entidade tinha sede própria, um prédio de três andares, era uma entidade que funcionava, viaja o Brasil inteiro! Então eu ficava vendo lá dos Canarinhos e compreendendo, estudando aquela diretoria para ver como ela funcionava! Até que em um determinado momento, quando eu ia sair da presidência, para garantir que a entidade ia continuar num ritmo bacana, eu fiz a sugestão de ir buscar lá no ambiente da Santa Cecília, uma pessoa que fosse próxima a nós, para que ela viesse presidir a entidade e para trazer aquela cultura administrativa para dentro da nossa entidade também. Foi quando nós fizemos o convite para o João Batista, que é contemporâneo meu, mas que já estava encaminhado para estudar Direito, já tinha aquela coisa de leis e regras, e vinha de um histórico administrativo da Santa Cecília que era muito bacana. Então o João veio, teve um período como presidente do Coral e foi muito bom! Várias pessoas passaram por ali, cada um com a sua história, mas eu destaco o João Batista dos Reis Gonçalves porque ele veio para trazer essa cultura administrativa de uma outra entidade para dentro da nossa, para a gente perceber que tinha outras regras, tinha outras técnicas, precisava realmente modernizar a linguagem, modernizar essa parte administrativa, e pensar em formação de novas lideranças. Sair daquele bolinho, daquela roda, porque nossa fórmula estava desgastada, e foi muito bom! (...)

U: Você entra no Coral motivado pela música, motivado por gostar de cantar e tal. Só que você tem contato com um universo cultural que põe o mundo na sua frente com um idioma que é a música! Seguramente o que eu conheço do Brasil e do mundo foi oportunizado pela música, pela participação no Coral. O que me despertou para isso foi a curiosidade de conhecer autores, de conhecer lugares, de conhecer Viena, de conhecer Roma, e até a própria Mariana com suas peças coloniais! Você vai fazendo a costura natural, às vezes até sem perceber, com a história do Brasil, com a história de Minas Gerais, com a história da música, com a história da arte! Então o cantor que passa ali vai construindo uma personalidade cultural e intelectual que ele não percebe o tanto de informação que ele recebe através de uma partitura. Sem falar a questão teórica da música, o aprendizado, porque você de fato aprende um idioma novo: música é um idioma. E aí quando você vai para um evento internacional, ou mesmo quando você vai para outros grupos, como eu que migrei para o Madrigal Renascentista, que era uma



entidade renomadíssima, migrei eventualmente para o Ars Nova, para o Coro Contemporâneo de Belo Horizonte, com o Coral Lírico do Palácio das Artes a gente fez muita coisa junto como free lancer mesmo. Então gera oportunidades, e você se sente apto. De repente, quando você vê, você fala "eu posso fazer isso, eu sei fazer!". É uma escola, uma formação. E a questão do relacionamento humano, interpessoal, é aquela coisa: você junta um grupo de adolescentes ali em torno de um movimento musical que te educa, você cria uma sociedade, uma intimidade. Nessa coisa de estar imbuído no propósito realmente de fazer música bem feita, de fazer o crescimento de uma entidade... (...) o lado social ele tá dentro dessa abrangência, porque você está falando de uma família, de uma grande família, e em uma família você vive todos os problemas, você vive as dificuldade, você vive os nascimentos, as morte, os aniversários, os conflitos. A gente não percebe isso, mas Coral é isso tudo, Coral não é só ir lá sentar, cantar e ir embora. Tem muita história. (...) Tem coisas tristes, tem coisas engraçadas, tem os momentos marcantes, como foi a morte do Padre, como a morte de dona Maria José... Foram baques! Mesmo fora da entidade, foi aquela coisa "minha mãe morreu!". Não era dona Maria José, era minha mãe. Como é dona Ana Maria. (...) Eu tenho certeza que dona Ana Maria é mãe de nós todos e que nós todos somos filhos dela. Não tem jeito de não ser. Assim como seria com o Padre. E tem essa coisa de respeitar a memória e de respeitar as personalidades mesmo. Você começa a guardar datas de mortes das pessoas, você começa a guardar referências familiares, quem é quem, é porque as coisas estão ficando grave, aí você já está lá dentro e não tem jeito de sair. Eu não canto mais nos Canarinhos, mas eu não saí dos Canarinhos.

U: Eu acompanho a entidade, hoje com um olhar muito mais institucional e de ente público, mas eu acompanho a entidade. Tem pessoas ali que já são de quatro, cinco, seis gerações posteriores à minha, mas eu convivo com eles muito bem, da mesma forma. Tem algum segredo, alguma aura escondida, que a gente não enxerga, que promove esse elo, promove essa ligação. Você se sente à vontade naquele espaço. Então você chega, não precisa de conhecer formalmente, saber o nome do menino, mas você sabe que é um cantor como você foi, então você se relaciona com ele tranquilamente, tenha ele sete anos ou trinta. É fácil de relacionar. Cria um ambiente apropriado para a coisa fluir.

(...)



U: São muitas! Tem a troca dos maestros, a transição, as relações que se criam, as idas do Coral ao primeiro Congresso Nacional em Divinópolis em 1980 e depois a sequência em Juiz de Fora. Foram os primeiros. Hoje é coisa mais comum, quase anualmente tem Congresso, mas naquela época era de quatro em quatro anos e era uma coisa muito esperada! Então todos os Congressos foram marcos! Além da preparação que tinha uma exigência muito grande. Tinha que chegar ao Congresso Nacional, onde ia ter coros do Brasil inteiro e às vezes do mundo, com o repertório na ponta da língua! Então era uma preparação, era uma concentração, era uma Copa do Mundo que a gente ia participar! Não era uma competição mas existia aquele instinto de chegar fazendo bem. E em cada viagem, cada entrada de ônibus, cada trajeto aconteciam coisas muito engraçadas. Aconteciam coisas muito interessantes. Tem muitas histórias, tem muitas situações que podem ser considerados marcos. A meninada que passa mal! Teve o casamento do Brasa, que foi um maestro que ficou conosco por dezesseis anos e é membro efetivo do Coral, que é uma coisa que não tem nada a ver com o Coral, é o momento particular dele, mas pro Coral foi um marco. Mas para o Coral foi um marco! Não o casamento, não a cerimônia, mas a festa de despedida que a gente fez na sede do Coral, que tenho certeza que marcou uma geração. Coisas assim. As frases, as manotas, os solos que eram feitos, as músicas que a gente aprendia. A trajetória! É uma vivência muito boa, é tanta coisa que eu não consigo compilar ou pinçar alguma coisa específica. (...)

U: Tem uma figura que precisa ser destacada que é a dona Olga Martins. Dona Olga era uma viúva, tinha dois filhos, Robinho e Cacau, e eles entraram pro Coral. Foram dois excelentes músicos e hoje são pais de família e tal, mas dona Olga continua sendo para nós a dona Olga! Há anos que nem ela, nem Robinho, nem Cacau se relacionam com o Coral formalmente, mas no Natal do ano passado, em 2015, nós encontramos por acaso e resolvemos fazer um revival na casa dela. Falei "ah, vou pra casa de dona Olga e nós vamos fazer um encontro da geração oitenta dos Canarinhos". E foi uma coisa sem combinar, liga para um, liga para outro, e era para ser um lanchinho de tarde com a dona Olga, e nós saímos de lá de madrugada. Se tivesse feito o registro dessa noite você teria muita história, porque a década de oitenta inteira foi repassada com dez pessoas que estavam ali agregadas.. E acabou virando um compromisso, para 2016 nós já temos uma data marcada para encontrar lá na dona Olga de novo. E com certeza o grupo este ano aumenta, porque foi muito interessante. (...) São desdobramentos do Coral. E aí, o



interessante é que passar pela entidade, ser um ex-canarinho, significa esse vínculo. Você tem um vínculo emocional e institucional com a entidade, e isso te abre uma árvore genealógica, te abre uma raiz que vai aprofundando! Você está no meio de muitas famílias, você faz parte de muitos momentos, você faz parte de muitas situações. (...) As próprias lideranças que estão no Coral hoje são da geração noventa: é o Eric, o Felipe, o Rogerinho, enfim.

U: Quando o Coral nasceu, na nossa juventude, a minha adolescência e etc., era uma coisa tão ingênua! A gente não tinha essa expectativa de se profissionalizar na música. E hoje não, dos anos 2000 pra cá as pessoas entram ali para se profissionalizar, e se profissionalizam! O Coral hoje tem mestres em música, o que é muito interessante! Emprega mais de dez pessoas, o Coral Canarinho gerando emprego, imagina isso! São os efeitos que ela promove de formação de público, formação social, formação intelectual e profissional, é essa transformação que ela promove na juventude e na sociedade de Itabirito que motiva o poder público a ter um olhar mais diferenciado para todas as entidades, mas de forma muito especial para os Canarinhos por causa da multiplicação rápida que ela faz na vida social de Itabirito. Quando os Canarinhos, ou as entidades culturais, conseguem interferir na formação ou na conduta profissional da sociedade ela está cumprindo um papel muito importante, porque ela está mudando o perfil! Então a criança que passa pelos Canarinhos, e isso o Juninho ex-prefeito que falava e eu gosto de repetir, quando a criança lida com o ambiente de formação cultural, ela com certeza vai para uma entrevista de emprego com mais fluência, com mais tranquilidade. Ela vai para uma cadeira da Academia com mais compreensão do que ela está fazendo ali, a formação é mais ágil, as respostas são mais rápidas. E aí você tem médicos pianistas, engenheiros que são solistas, arquitetos que são violonistas e por aí vai! Ou seja, tem uma marca da entidade na vida de muitas pessoas. Sem falar as gerações de filhos e netos que estão cantando lá também. (...)

U: O Marcinho a gente obrigou ele a ser maestro! (...) Mas é um músico muito habilidoso, foi formado ali dentro, se graduou em música na UFOP, é um instrumentista e compositor! É expoente da música brasileira, eu diria. Marcinho tem composições que são fabulosas! Só que ele gosta de cantar, de tocar, de produzir. Ele sobrevive de música, mas ele não queria ser maestro de Coral. Mas a gente forçou a barra e ele acabou aceitando, então ele ficou um período pequeno. Porque tinha um Congresso



Nacional que ia ser organizado em Belo Horizonte e eram os Canarinhos que estavam organizando junto com o Mater Eclesia lá de Santa Luzia. Então não tinha cabimento o Coral organizar um Congresso Nacional e não participar cantando! Então o Marcinho cobriu essa janela aí, ele cumpriu um papel muito importante, em um momento muito difícil. Em um momento descendente em termos de qualidade vocal, já que o material humano que ele tinha para cantar ali era muito fraquinho, mas ele cumpriu bem! Ele fez muito bem. (...). Marcinho também já tinha atuado como parte do grupo de flautistas Doces Menestréis, quando veio para a fase adulta ele assumiu o Doces Menestréis e fez o grupo perdurar até hoje! Então, nessa onda da música instrumental o Marcinho se dava muito melhor do que como regente de Coral. Ele fez a parte dele, ficou um período pequeno. (...) E ele fez essa transição do Hélcio para o Eric.

U: Eu sei que hoje o Coral tem esse formato de Associação Cultural, e nesse âmbito de terceiro setor, (...) o Coral é uma OSCIP, que abre um leque de possibilidades muito maiores do que simplesmente uma organização filantrópica. Então o Coral consegue hoje realizar muitas atividades, captar recursos, fazer uma movimentação administrativa muito maior! Até porque a demanda do grupo é muito maior, o Canarinhos hoje tem mais de trezentas pessoas em vários grupos. Para fazer toda essa amarração, toda essa costura, há que se ter recursos, há que se ter gente trabalhando por ali. Antigamente a sede do Coral abria na hora nos horários dos ensaios, quando tinha. Hoje não, a entidade funciona quase diariamente, com aulas e movimento muito grande. Então Associação Cultura eu acredito que seja uma estrutura e organização administrativa mais prática para o Coral ter uma sobrevida financeira mais facilitada.

U: Ainda funciona muito bem isso! É o modo de vida do interior, né? É a forma mais prática que as entidades encontram de sobreviver. E essa resposta que as famílias dão, principalmente as mães, esse voluntariado para a entidade eu atribuo ao resultado de formação, ao complemento, à mudança de perfil mesmo que a entidade promove nas crianças. Seja em termos de comportamento dentro de casa, seja em termos de comportamento na escola, de melhoria do boletim. São indicadores que vão vinculando não só a criança com a entidade, mas o pai e a mãe, e às vezes é a família inteira que se agrega e começa trabalhar ali naquele embalo! Porque quando você vê o seu filho se transformando é importante que você participe dessa transformação também. E ter essa oportunidade é muito importante. Porque você acompanha! Você tira da cabeça esses



deslizes que tem, você está entregando um material musical para ser trabalhado, que é seu filho, mas em compensação você vai receber de volta uma pessoa formada, mais capacitada, mais disposta e tal. Então você quer participar disso! Um trabalho voluntário, muitas vezes desgastante, passa a ser extremamente prazeroso. É engraçado isso, mas o voluntariado tem essas nuances. (...) Quando você exercita o voluntariado você consegue tirar o seu retorno. Não financeiro, mas você se alimenta de alguma coisa que te retribui.

U: As entidades culturais são importantes para a cidade, são importantes para sociedade. No caso dos Canarinhos, criou-se um elã, uma aura de respeitabilidade, de credibilidade, por causa da qualidade cultural que o Coral oferece. São seis grupos lá dentro: grupo de flautas, orquestra, Canarinhos em Cena, o coro infantil, os postulantes e o coro principal. E todos os trabalhos, mesmo os infantis no primeiro aprendizado, são muito sérios e o resultado é muito efetivo. Então isso no ambiente familiar cria uma credibilidade, e cria uma credibilidade para a sociedade também. E a visibilidade que o trabalho profissional do Coral cria para a entidade e para o município acaba sendo reconhecido. Os Canarinhos hoje, talvez sejam a entidade de Itabirito mais reconhecida nacionalmente pela qualidade que ela imprime! (...) Isso é atribuído à trajetória construída na história da entidade. Sempre foi assim. O nome do Padre Francisco, que morreu em 1981, ou seja, cuja memória já diluiu para muitos, mas no universo musical brasileiro ainda é uma figura reconhecida pela trajetória dele na arquidiocese de Mariana como seminarista, como padre, como pároco, como contribuição musical. Tem uma obra do Padre Francisco! O Eric (...) fez um registro da obra do Padre Xavier em disco. Preservar a memória é uma forma de criar oportunidade da continuidade, da perenidade da entidade. (...) O Eric para mim é um Mozart, é uma figura especial, é um extraterrestre: o menino tem uma sensibilidade, e uma capacidade musical e administrativa que é para poucos. É um líder natural. Mas não tem jeito de desvincular o Eric do padre Francisco, e eles não se conheceram! Tem algum fio condutor ali que une um ao outro. E é a música. (...) Eu tenho certeza que mesmo o Eric não tendo conhecido o Padre Francisco, que foi o fundador do Coral e que fazia a mesma função que ele faz hoje, ele tem o mesmo respeito e a mesma credibilidade que eu tenho, que convivi com ele de forma intensa. Então assim será com o Eric daqui a trinta, quarenta anos, as figuras que estiverem por ali vão ter na figura do Eric e na figura do Padre



Francisco esse peso, essa importância, esse reconhecimento. E o trabalho, a trajetória, o desenvolvimento, a dedicação, os resultados que são deixados ali que constroem esse processo, que constroem essa garantia. Igual acontece isso comigo, acontece com dona Maria José, acontece com dona Ana Maria, são pessoas que vão passando por ali e vão deixando marcas, umas musicais, outras administrativas, outras no âmbito da disciplina. Mas você cria um vínculo com famílias e com pessoas em que, dez anos depois, você ainda conversa com as mães e com os meninos como se fosse ontem!

U: (...) O que trazia a criança para dentro do Coral era pura e exclusivamente o talento dele! A afinação, a capacidade, a vontade de atuar ali dentro e a disponibilidade da criança e da família. (...) Normalmente eram pessoas que vinham de classe A, B, C e D, enfim, e os em vulnerabilidade também. (...)Até porque, independente de origem e classe social, quando o Coral entra no palco, ele entra uniformizado, e esse uniforme nivela todo mundo. Então esse nivelamento artístico o Coral possibilitava para as crianças. E aí esses em situação de vulnerabilidade percebiam em um processo muito natural, ele se uniformizava ali com os outros e percebia que era um cidadão como qualquer um e que ele tinha uma coisa para contribuir ali.



Depoimento de Liz Cândida Bastos, 86 anos, 03/08/2016, concedido a Matheus Machado Vaz / Itabirito, Minas Gerais.

L: Liz Cândida Bastos

M: Matheus Machado Vaz

L: Eu nasci em Belo Horizonte, na rua São Paulo entre Augusto de Lima e Goitacazes. Depois eu casei, aos vinte e três anos, com um moço maravilhoso de Itabirito. (...) Ele estudava engenharia e eu estudava no Conservatório.

L: Eu vim para Itabirito porque a família do meu marido era daqui, a família Bastos. (...) Nossos cinco primeiro anos foram em Belo Horizonte mesmo, mas a Usina Esperança precisava de um Engenheiro Civil, mandou chamá-lo. Isso em 1959, aí eu vim de mudança definitivo. (...) E aqui eu fiz a vida que eu sonhava ter: minha vida de professora de piano profissional, trinta anos nas escolas dando aulas de música. Nesse período todo eu tive a oportunidade de tocar, por exemplo, com o Dungas, que toda vez que ele precisava de uma Missa mais difícil ele vinha aqui em casa, eu ensaiava com ele e a gente tocava. O Padre Henrique trouxe o coral dele aqui para gravar. (...)

L: O Padre Xavier era novo na cidade e não me conhecia. (...) E ele sabendo que eu tocava a com o Dungas, o Jorge Senra, e tinha sempre uma participação na Igreja. (...) E com esse movimento eu fui sendo descoberta aqui na cidade como uma professora de piano. E começou a aparecer muito aluno, cheguei a ter 20 alunos de piano particular aqui em casa. Aí nessa época que eu estava sendo conhecida na cidade o Padre Xavier veio aqui, disse que estava querendo fundar um coral e que, como eu tocava, ele queria saber se eu poderia participar com ele do Coral. Eu não pude aceitar porque na época a minha filhinha mais nova estava com um ano e pouco, e eu tinha seis filhos! Então eu disse infelizmente era difícil trabalhar fora e ajudar! (...) E foi assim, quando eles tinham que tocar em um casamento, aí ele "Ô Lis, toca para mim!". Aí a gente dava uma ensaiada rápida e tocava. Foi nesse jogo de vez em quando que eu fui entrando devagarzinho no Coral. (...) Foi logo que ele fundou o Coral. (...) Nesse meio tempo, ele precisava e eu tocava. Ele faleceu em 1981, quando ele faleceu me pediram e eu toquei na Missa de corpo presente. Naquela emoção de tocar para ele eu prometi que já que eu não tinha ajudado antes, que daquele dia em diante o Coral não ia morrer! O que



precisasse eu estava às ordens. Aí assumi. (...) A Ana Maria segurou a maior barra, aquela sim. Eu já conhecia, a gente era amiga, e eu via o esforço dela. Os alunos ficavam sentados na sala de visita dela, não cabia todo mundo no sofá e ficavam no chão. Ela e Maria José. (...)

L: Até meu marido assumiu a direção da AMICI, foi um dos primeiros presidentes dali para ajudar o Coral. (...) Mas o Coral foi mantido por causa da Ana Maria, ela realmente segurou tudo sozinha.

L: Durante os vinte e tantos anos que eu fiquei eu fui a organista titular do coral Canarinhos de Itabirito, e eu tenho orgulho de falar isso. (...) Viajei para eles para Petrópolis, Juiz de Fora, Curitiba, Novo Hamburgo, Xaxim, tudo eu acompanhei! (...) Chegou ao ponto que os meus filhos cobraram de mim: "mãe, é mais importante o Coral?" Mas eu respondia que compromisso do Coral é meu compromisso. Aí quando meu marido ficou com Alzheimer e precisava muito da minha presença, aí mudou e meu compromisso virou aqui. (...)

L: E o coral continuou. Eu acho que o Eric, por ser um menino cantor de Itabirito que eu conheci assim desse tamanhozinho, é um grande regente! E todos os outros, o Brasa foi do meu tempo, o Marcio Miranda foi do meu tempo, foram os que e peguei viajando pelo Brasil afora. (...)

L: Deve ter sido em 2010 que eu afastei mesmo. Eu não tenho certeza não, porque sempre que era precisado eu ainda ia! (...)

L: Eu fiquei quase trinta anos com o Coral. E eu tinha um prazer enorme! Era mesmo um compromisso assumido perante uma pessoa que merecia aquela promessa, já que eu não estive no princípio quando ele precisou. Mas naquele dia eu falei: "se for por falta de organista o Coral não vai morrer!". E eu fiquei sendo esse tempo todo. (...) Para mim foi uma realização de outro tipo, porque eu era só professora de piano e de repente eu passei a conviver com muitas crianças. (...) Eu dava aula de teoria no grupo e na capela de Boa Viagem lá em cima uma vez por semana!

L: Sinceramente eu estou achando difícil responder qual foi o mais, porque eu lembro de uma emoção em cada um. Petrópolis na segunda vez que eles foram, a primeira foi com o Padre e depois foi comigo, foi brilhante! Por ser Petrópolis, onde existe os



Canarinhos de Petrópolis, mas o que marcou mais foi a simpatia do povo! (...) Em Xaxim, Santa Catarina eu achei aquele povo encantador. Basta dizer que a senhora que me hospedou, e eu achava interessante que a gente ficava na casa das pessoas, é minha amiga até hoje! Foi em 1986! (...)

L: Tudo muito bonito demais, então nos primeiros eu ficava deslumbrada! Ficava tocando e tinha a oportunidade de escutar todo mundo! No Palácio das Artes, e eu tocando lá, marcou demais! (...)

L: Eu comecei meu estudo de piano aos cinco anos. Meu pai me levou para assistir a Berenice Menegale, que hoje é da Fundação Artística, e ela é da minha idade. E meu pai falou assim, "vou levar a Lis para ela ver uma menina de cinco anos tocando piano no palco!". Cheguei em casa maravilhada e encantada! Era tudo que ele queria, ele comprou um piano para mim logo, felizmente a situação permitia. (...) Como ela foi minha inspiração! (...) Foi tudo que eu precisava!

L: O que tem de gente aí fruto do Coral, gente! Tem um Ubiraney, tem o Eric, o Marcio Miranda! (...)

L: Eu ajudava porque eu era professora de música na Escola, eu aproximava muito fácil dos meninos, tinha essa liberdade. E eu era mãe de seis filhos naquela época! (...) Quando eu viajava eu cuidava dos doentes! (...) Ajudava também nessa parte de falar "faz isso não, meu filho, isso é feio, menino educado, coralista, não pode fazer isso! Menino do Coral tem que ter educação!". O tempo todo a gente participou, com o maior prazer de estar ali no meio da criançada ajudando a crescer!

L: Principalmente as primeiras famílias que participaram, os Nolasto, os Bastos. Naquele período inicial foram poucas famílias mesmo que estavam ali acompanhando. Mas isso foi rápido, logo nas primeiras apresentações o orgulho, a satisfação dos pais vendo os filhos cantando, aquilo foi crescendo e todo mundo entusiasmada! Foi aí que despertou a cidade inteira. Porque hoje em dia tem que correr para achar lugar, senão fica em pé. Eu acho isso muito importante, o valor que o Coral tem merece esse destaque, essa homenagem, e é com emoção que eu falo isso! (...)

L: Na medida do possível eu ajudava, no brechó principalmente, ia ajudar no dia que precisava, tinha uma realização eu ia. Ajudava a enfeitar e tudo, nunca fui ausente. E



assim eu vi todas as famílias! Se tinha menino cantor, a família estava ali! E isso desde o princípio, acompanharam mesmo, e foi aquela paixão que surgiu! Todo mundo foi se encontrando, um valorizando o outro, e realmente ele cresceu. Cresceu uma comunidade católica em favor do Coral, divulgando o Coral, achando bom e valorizando o Coral. (...) Todo mundo ali ajudava em tudo que precisava o tempo todo! (...)

L: Eu encarava meu tempo doado ao Coral com muita seriedade e felicidade interna! Eu achava que aquilo que eu prometi ao Padre Xavier em frente ao caixão dele na Missa de corpo presente, (...) eu tive a satisfação de poder fazer! (...) Mas eu sei que nesse meio tempo eu tinha uma satisfação total de estar ali presente! Era bom, era uma família, entrar naquele ônibus de noite, sem conforto, para parar lá em Porto Alegre! Naquela época eu já devia ter cinquenta, quase sessenta anos, eu tenho oitenta e seis anos agora. E entrava sem saber onde ia ficar hospedada, se ia ser bom, se não ia. Em Xaxim eu gostei porque eu chegava em casa de madrugada, depois das apresentações, ela tinha um filhinho dela, e ele ficou encantado que eu que tocava. E ele tinha piano na casa dele e ficava atrás de mim para eu ensinar ele algumas coisas. (...) Até hoje ele manda notícias, ele é um dentista. (...) Em alguns lugares o conforto foi horrível, mas eu aguentei ali porque eu não sou melhor do que ninguém. Eu estou aqui para ajudar o Coral, eu não vim aqui para passear nem para distração, eu vim para servir. Eu tenho muito essa parte religiosa de servir o próximo, faço muita questão. (...) Satisfeita de estar cumprindo essa missão que eu assumi na vida! Criar minha família e dos Canarinhos. (...)

L: É bom viver, cantar dentro do ônibus, mexer com um, mexer com outro! É muito divertido, eu achei muito bom, valeu a pena! Construí junto com o Coral uma comunidade educativa! Porque não era só cantar não. Todo menino do Coral era sempre muito bem aparado.

L: No começo era isso aí, quando subiu o coral convidado e o coral Canarinho, tinha alguns pais pingados na plateia! (...) Ninguém ligava, parece que aquilo ali não tinha valor. E tem hoje, graças a Deus! (...) E hoje tem outros corais que surgiram que estão no mesmo nível! (...) Agora sim, vem coral de fora, tem que correr pra achar lugar. Porque antigamente ninguém nem sabia, ninguém ia, ninguém valorizava. O Coral foi o primeiro degrau de cultura para a música em Itabirito. E aí surgiram cantores, solistas, e



com isso foi nascendo! E hoje a cidade é rica! (...) Nós temos vários corais no nível dos Canarinhos! (...)

L: Eu comecei a dar aula no grupo Barão do Rio Branco, era o mais chique da época! (...) Eu comecei dando aula de música, canto, tinha bandinha e tudo lá. Aí eu casei, me transferiram para o Olegário Maciel, de lá eu mudei para cá eu comecei no grupo da Usina. Lá foram muitos anos, acho que quinze anos. Lá eu podia fazer muita coisa, porque não tinha ninguém para fazer nada. (...).

L: Eu acho que o Canarinhos não é só um Coral. (...) Ele criou raízes, virou uma escola de música! (...) É emocionante ver o que Itabirito já oferece ao público. E graças a Deus, pelas raízes que o Padre Xavier foi deixando, tudo que ele foi implantando, chegou onde está hoje. E tem gente para valorizar! Tem pai pondo filho para estudar música! (...) O que Itabirito ganhou em cultura começou com um sonho do Padre Xavier!

L: Eu só lembrava que o Coral tinha conseguido um ninho e que era o sonho do Padre! Até que enfim o Coral tem um ninho! Isso é uma das coisas que eu mais fiquei feliz de saber, (...) que tinha sede própria! (...). Na minha crença espiritual existe realmente um poder, e o Padre Xavier tinha uma santidade, ele era um Padre santo! Ele sonhou e nós continuamos o sonho, e faço votos de que continue o sonho! (...) O que ele deixou, não tenho palavras para definir, é maravilhoso.

L: Luzes da Ribalta, está dizendo a letra: não adianta chorar, lamentar o que passou, porque renascerá em outros corações! (...) Essa tem a ver com a mensagem: o Padre Xavier renasceu em outros corações e está frutificando! (...) Tudo que o Coral está fazendo, continua renascendo! Sempre renovando em nova turma de meninos cantores que vão ser novas sementes de música por aí! (...)

L: Essa música está representando o que o Coral está fazendo. A letra é só isso aqui: "vidas que se acabam a sorrir, luzes que se apagam e nada mais. É sonhar em vão tentar aos outros iludir, e o que se foi para nós não voltará jamais. Para quê chorar o que passou? Lamentar perdidas ilusões? Se o ideal que sempre nos acalentou renascerá em outros corações?" (...) O ideal que sempre acalentou os sonhos do Padre Xavier está sempre renascendo em outros corações, que está essa maravilha que está o Coral.



5. ANÁLISE DESCRITIVA

5.1 O dia a dia dos Canarinhos

Na segunda feira a sede dos Canarinhos à Rua Matozinhos, nº181, abre cedo suas portas, e antes das oito da manhã já começam a chegar seus *Pequeninos Canarinhos* para suas aulas de flauta, técnica vocal e musicalização. O edifício do século XVIII não tem muros e da rua os transeuntes escutam o som das crianças brincando e cantando. Enquanto esperam o início das aulas, algumas crianças exploram o quintal da sede. Depois do almoço a faixa etária muda, a quantidade de crianças aumenta e os dois andares da casa são utilizados: é a vez dos *Canarinhos Postulantes* e do coro principal terem aulas de técnica vocal, violão e flauta doce. De noite ensaiam o coro principal e dos *Pequeninos Canarinhos*.

A casa é branca, com as portas e janelas pintadas de azul claro e com telhado colonial. Não há muros e o caminho da rua até a entrada é circundado por arbustos bem aparados e pela grama. No alto da rua encontra-se a também setecentista Capela do Senhor Bom Jesus de Matozinhos. Quem entra no edifício a essa hora vê a sala da administração à esquerda, com os funcionários trabalhando ao som das aulas dos *Pequeninos Canarinhos* na sala à direita. Depois da sala de administração e do primeiro salão de aulas, um corredor leva às salas para atendimento a grupos menores e finalmente para a cozinha ao fundo. A cozinha é bem ventilada, com vistas para o quintal, e conta com uma mesa grande para os cantores lancharem. No canto oposto à mesa, desce uma escada em espiral para mais um salão de aulas, no porão.



Figura 31: Sede do Coral Canarinhos. Autor: ASSIS, Adriana. 14/07/2016.



Figura 32: Entorno bem preservado da Sede do Coral – Capela Bom Jesus do Matozinhos. Autor: ASSIS, Adriana. 14/07/2016.





Figura 33: Sala principal de ensaios e aulas, localizada no pavimento térreo. Autor: ASSIS, Adriana. 14/07/2016.



Figura 34: Sala de aulas, localizada no porão. Autor: ASSIS, Adriana. 14/07/2016.



Figura 35: Sala de técnica vocal, pav. térreo. Autor: ASSIS, Adriana. 14/07/2016.



Figura 36: Recepção e administração - térreo. Autor: ASSIS, Adriana. 14/07/2016.



Figura 37: Galeria de troféus - corredor. Autor: ASSIS, Adriana. 14/07/2016.

Aos fundos, as crianças exploram o imenso quintal e suas ruínas enquanto esperam seus pais chegarem ou suas aulas começarem. Ali são também feitas as apresentações do Projeto *Música nas Ruínas* e sessões da *Terapia de Expansão do Ser*, para concentração, relaxamento, consciência e aumento da autoestima.





Figuras 38 e 39: Apresentação do projeto *Música nas Ruínas* e sessão da *Terapia de Expansão do Ser*. Fonte: https://www.facebook.com/canarinhosdeitabirito/photos_stream.



A casa setecentista que abriga os Canarinhos de Itabirito fica cheia durante a maior parte do dia, por toda a semana, com intensa atividade de segunda a sábado. As aulas são gratuitas. Os ensaios gerais dos *Pequenos Canarinhos* acontecem às terças feiras; os dos *Canarinhos Postulantes* às quintas, logo antes dos ensaios dos *Doces Menestréis*; e aos sábados ocorrem os ensaios do coro principal e dos *Canarinhos Em Cena*. A cada três domingos o Coral canta a liturgia durante as missas da Igreja de Nossa Senhora de Boa Viagem, honrando o fito original do Padre Xavier. A atividade é intensa e a sede está ocupada em praticamente todos os horários possíveis. Crianças, adultos, instrumentistas e coralistas se encontram diariamente na casa, trocando experiências *de ouvido a ouvido*, estabelecendo laços e garantindo que a tradição de inovação musical continue a crescer através dos Canarinhos.



Figura 40: Aula de canto coral e ensaio do grupo *Canarinhos Postulantes*. Autor: ASSIS, Adriana. 14/07/2016.

Horário semanal de aulas e ensaios do Coral Canarinhos de Itabirito:

- DOMINGO

15h-17h – Missa na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem acompanhada do coro principal do Coral Canarinhos a cada três domingos (uma apresentação, duas folgas).

- SEGUNDA-FEIRA

08h às 10h40 - Aulas de flauta, técnica vocal e musicalização para cantores do Pequeninos.



14h às 17h - Aulas de flauta doce, violão e musicalização para cantores do Coro Principal e Postulantes.

18h às 22h - Ensaios de naipe para o coro principal e aulas de flauta, técnica vocal e musicalização para cantores do Pequeninos.

- TERÇA-FEIRA

08h às 10h40 - Aulas de flauta, técnica vocal e musicalização para cantores do Postulantes.

16h às 20h - Aulas de técnica vocal para cantores do Postulantes.

18h às 19h30 - Ensaio Geral - Pequeninos Canarinhos.

- QUARTA-FEIRA

8h às 10h40 - Aulas de flauta, técnica vocal e musicalização para cantores do Postulantes.

15h às 17h30 - Aulas de flauta doce e musicalização para cantores do Coro Principal e Postulantes.

18h às 22h - Ensaios de naipe para o coro principal e aulas de flauta e musicalização para cantores do Postulantes e Coro Principal.

- QUINTA-FEIRA

09h às 11h - Aulas de violino.

13h às 17h30 - Aulas de violino, violão e musicalização para cantores do Coro Principal e Postulantes.

18h às 20h - Técnica vocal para os cantores do Canarinhos Em Cena.

18h às 19h45 - Ensaio Geral - Canarinhos Postulantes

20h às 21h30 - Ensaio Geral - Grupo de Flautas Doces Menestréis

- SEXTA-FEIRA

14h às 21h - Aulas de técnica vocal para cantores do coro principal.

- SÁBADO

09h às 12h - Ensaio Geral - Coro Principal

13h às 15h - Ensaio Geral - Canarinhos Em Cena



5.2 O louvor a Deus através da música

Ao fundar o Coral Canarinhos, o objetivo declarado do Padre Xavier era *louvar a Deus* e enriquecer a missas com o canto⁹⁶. Seguindo as instruções do Motu Proprio Tra le Sollecitude, do Papa Pio X, Padre Xavier queria formar um coro que pudesse cantar a liturgia católica e, assim, louvar a Deus e aproximar os fiéis da fé através da música e do que ela pode despertar. Desde suas primeiras semanas, portanto, o Coral Canarinhos estabeleceu o compromisso de cantar aos domingos na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, inicialmente na missa das nove horas da manhã, e hoje na missa das três da tarde.

Ao contrário de outras apresentações, a participação dos Canarinhos nas missas de domingo não é um espetáculo ordinário do Coral. A igreja não é encarada como mero cenário ou palco para as apresentações. Nesse momento, a função do Coral é essencialmente litúrgica e a escolha do repertório prioriza a participação do público, executando canções para os fiéis cantarem junto. O Coral evita incluir no repertório músicas polifônicas e de maior complexidade, consideradas difíceis para o público acompanhar e executadas mais para a apreciação. A participação nas missas é uma tradição religiosa renovada constantemente pelo Coral sendo, sobretudo, um momento de reforçar os laços com a comunidade: [...] então um domingo sim, dois não, às três horas da tarde, você vai estar ouvindo os Canarinhos cantando aqui. É uma tradição no serviço litúrgico daqui, uma tradição com a comunidade. ⁹⁷





Figuras 41 e 42: Apresentação na Igreja Matriz da Boa Viagem, julho de 2016. Fonte: https://www.facebook.com/canarinhosdeitabirito/photos_stream.

⁹⁶ ENTREVISTA com Guilherme Woods Carvalho, 72. Itabirito, 14/07/2016

⁹⁷ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.



A identificação dos Canarinhos com a doutrina católica ocorreu desde a sua fundação, no seio de uma comunidade católica que o divulgava e valorizava. Embora o Coral seja hoje uma instituição independente, o compromisso com a liturgia católica é muito presente e compartilhado pelos demais coros da Federação Nacional de Meninos Cantores. Os Congressos Nacionais, que reúnem os corais afiliados da Federação, cumprem o importante papel de fortalecimento dessas tradições, sendo encerrados sempre com missas solenes. 98

Para Guilherme Carvalho, atual presidente da entidade, a participação no Congresso Nacional de Meninos Cantores em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, foi um momento inesquecível⁹⁹. Lis Bastos também relembra esta ocasião, em que os Canarinhos se transformaram em uma verdadeira família: [...] entrar naquele ônibus de noite, sem conforto, para parar lá em Porto Alegre! Naquela época eu já devia ter cinquenta, quase sessenta anos, eu tenho oitenta e seis anos agora. E entrava sem saber onde ia ficar hospedada, se ia ser bom, se não ia. 100 A maestrina enfatiza o sentimento religioso associado a essas ocasiões: [...] eu vim para servir. Eu tenho muito essa parte religiosa de servir o próximo, faço muita questão. [...] Satisfeita de estar cumprindo essa missão que eu assumi na vida! Criar minha família e dos Canarinhos 101



Figura 43: Viagem ao Rio Grande do Sul. O grupo diante do Museu Mundo Vapor, em Canela. Fonte: Arquivo do Coral Canarinhos, 1989.

⁹⁸ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.

⁹⁹ ENTREVISTA com Guilherme Woods Carvalho, 72. Itabirito, 14/07/2016.

¹⁰⁰ ENTREVISTA com Liz Cândida Bastos, 86. Itabirito, 03/08/2016.

¹⁰¹ Idem Ib.



O maestro Eric Lana também rememora com carinho seu primeiro Congresso como Canarinho: [...] e quando a gente foi em Petrópolis foi muito legal, porque eu tinha uns nove anos de idade e eu pude ver pela primeira vez uma Orquestra Sinfônica! Achei isso a coisa mais fantástica! Eu lembro dos instrumentos de metal até brilhando com a luz do teatro 102

Mas para além do aspecto espiritual, os Congressos são momentos de superação artística para os coralistas, envolvendo muito cuidado, compromisso, preparação e concentração. As viagens acrescentam experiências importantes à trajetória dos alunos, como acompanhar grandes orquestras, conhecer coralistas de outras partes do país e expandir suas fronteiras.



Figura 44: Apresentação no Encontro de Corais de Belo Horizonte. Agosto de 2016. Fonte: https://www.facebook.com/canarinhosdeitabirito/photos_stream.



Figura 45: Intercâmbio internacional. Encontro do Coral Canarinhos com o coral alemão Neuer Kammerchor Heidenheim. 2016.

Fonte: https://www.facebook.com/canarinhosdeitabirito/photos_stream.

_

¹⁰² ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.





Figura 46: Apresentação no Congresso Regional Sul. Julho de 2016. Fonte: https://www.facebook.com/canarinhosdeitabirito/photos_stream.

Os Congressos Nacionais de Meninos Cantores, portanto, além de momentos de proeza artística para os coralistas, são vistos também como oportunidades de confraternização das comunidades católicas, que em alguns casos estabelecem laços duradouros.

Além da formação musical, o Coral Canarinhos sempre deu muita importância ao acompanhamento religioso de seus músicos, tarefa que outrora era exercida pelo Padre Xavier e atualmente pela auxiliar de regência Ana Maria Domingos. Ela se encarrega ao longo do ano de convidar pessoas relacionadas à Igreja para ministrar palestras ¹⁰³. Segundo o maestro Eric Lana, embora o Coral não tenha mais um pároco como maestro, boa parte dos músicos é católica, comunga e confessa. ¹⁰⁴

Esse acompanhamento religioso, no entanto, não é obrigatório aos coralistas, já que a Associação Cultural está aberta a todas as religiões. Para crianças de outras orientações religiosas, que não a católica, as apresentações na Igreja são tratadas como participações artísticas:

Às vezes quando começam eles ficam com medo porque o Coral canta na Igreja, aí eu instruo e a pessoa participar como artista. Tem tanto ganho ali, né? Um ganho espiritual normal, é saudável. Nunca foi um problema ou algo que afastasse. Tanto é que a gente é chamado a cantar em cultos ecumênicos, essas formaturas, já cantou músicas folclóricas, a gente canta candomblé e já cantou muita coisa já! 105

¹⁰³ ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.

¹⁰⁴ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.

¹⁰⁵ Idem Ib.



5.3 O Coral como sementeira e como família

Com quatro décadas de atividades, o Coral Canarinhos formou gerações de músicos em Itabirito e a predição do Padre Francisco Xavier de que o Coro seria uma sementeira e formaria seus futuros maestros é uma história retomada por todos os entrevistados. Para Eric Lana foi uma [...] profecia que se concretizou 106. A regente Ana Maria diz que [...] o Padre foi abençoado em ter essa imaginação 107 e, de acordo com Guilherme de Carvalho, o [...] Padre teve essa visão de futuro, estava enxergando longe. 108

Atualmente, além de o maestro Eric Lana ter sido um canarinho desde os sete anos de idade, os regentes dos Canarinhos Postulantes, Filipe Nolasco, e dos Pequeninos Canarinhos, Rogério Murta, também foram canarinhos desde a tenra idade. Para Eric Lana, teria se tornado um costume, uma característica dos Canarinhos de Itabirito, a regência ser [...] um conhecimento de cantor pra cantor. 109

No entanto, para além da previsão do Padre Xavier, mais do que formador de maestros, o Coral Canarinhos pode ser visto como formador de músicos e apreciadores de música, e a regente Ana Maria Domingos faz questão de frisar que vários instrumentistas, bandas e membros de outros coros em Itabirito têm um ex-canarinho. 110 Para Eric Lana ser canarinho [...] já é uma identidade, a gente costuma brincar que são os canarinhos para sempre. 111 e enumera entre os ex-canarinhos os cantores Telmo Lins, Serginho Barbosa e o grupo de samba Cachaça com Arnica. Para o ex-canarinho Ubiraney de Figueiredo, [...] tem algum segredo, alguma aura escondida, que a gente não enxerga, que promove esse elo, promove essa ligação [...] eu não canto mais nos Canarinhos, mas eu não saí dos Canarinhos. 112

Para promover esse elo, os Canarinhos mantém acesa a memória do Padre Xavier e em 2013 lançaram o álbum "A música de Padre Xavier", com onze de suas composições. A

¹⁰⁶ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.

¹⁰⁷ ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.

¹⁰⁸ ENTREVISTA com Guilherme Woods Carvalho, 72. Itabirito, 14/07/2016.

¹⁰⁹ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.

¹¹⁰ ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.

ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.

¹¹² ENTREVISTA com Ubiraney de Figueiredo Silva, 53. Itabirito, 14/07/2016.



memória do Padre continua viva dentro dos Canarinhos; e mesmo quem nunca chegou a conhecê-lo [...] tem o mesmo respeito e a mesma credibilidade que eu tenho, que convivi com ele de forma intensa. A pianista Lis Bastos também mantém acesa a memória do Padre e afirma que sua promessa de não deixar o Coral morrer por falta de organista foi assumida [...] perante uma pessoa que merecia aquela promessa. 114

Para Lis Bastos, ver outras crianças cantando e tocando instrumentos musicais é um grande incentivo para os novos alunos e ressalta que decidiu ser pianista quando, aos cinco anos, assistiu a pianista Berenice Menegale, que na ocasião também tinha cinco anos, se apresentar em Belo Horizonte: [...] *cheguei em casa maravilhada e encantada!* A entrada de Eric Lana nos Canarinhos, aos sete anos, também ocorreu por influência de outros meninos da sua idade. Depois de aprovado no teste de admissão, ele avalia: [...] *mudou tudo, minha vida mudou.* A participação de Eric no coro viabilizou sua entrada em outros grupos, uma bolsa de estudos em Belo Horizonte e o colocou no caminho da regência:

Por intermédio de um dos maestros que também regeu o Coral, e que era meu professor de Flauta, uma certa vez veio aqui uma pessoa e assistiu uma apresentação nossa e eu consegui uma bolsa de estudos em Belo Horizonte. Eu já estava estudando na Fundação de Educação Artística e ainda estava no Coral. Depois desse momento eu já estava totalmente envolvido com a música: já tocava teclado com o Coral acompanhando as músicas, era cantor mas já ajudava de certa forma também. Até que eu passei na Faculdade de Música (...) e até um certo momento eu fui paralelo, depois eu parei um pouquinho: um tempo assim de 2001 até 2002. Depois em 2003 eu fui pego de surpresa: chegou pra mim o convite pra reger o Coral! 117.

Atualmente a Associação Cultural leva muito a sério a formação integral dos coralistas promovendo, além do ensino musical, palestras em diversas áreas, cursos de primeiros socorros, fonoaudiologia, psicologia e outros.

-

¹¹³ ENTREVISTA com Ubiraney de Figueiredo Silva, 53. Itabirito, 14/07/2016.

¹¹⁴ ENTREVISTA com Liz Cândida Bastos, 86. Itabirito, 03/08/2016.

¹¹⁵ Idem Ih

¹¹⁶ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.

¹¹⁷ Idem Ib.



Apesar de não cobrar pelos uniformes, mensalidade ou matrícula, os Canarinhos de Itabirito impõem exigências para os que querem se manter dentro do coro principal: todos os coralistas devem manter a assiduidade e passar pelo acompanhamento escolar com a regente Ana Maria Domingos, que assume esse trabalho há quarenta anos. O acompanhamento escolar tem o objetivo de verificar os resultados escolares dos alunos e evitar que as obrigações do Coral atrapalhem o desempenho escolar. Os coralistas recebem ainda um incentivo extra, já que suas viagens para os Congressos Nacionais dependem do seu resultado escolar. Segundo Ana Maria, se o aluno [...] continua com nota baixa, ele não tem condição de viajar com o Coral. 118

As viagens aos Congressos Nacionais de Meninos Cantores, além de incentivo para os coralistas, são também oportunidades de aprendizado. Dessa forma, os cantores veteranos assumem a responsabilidade de ajudar os mais novos e os regentes atribuem maiores responsabilidades aos cantores mais "levados". Todas as crianças passam por um processo de preparação antes das viagens e são avaliadas ao retornarem, segundo critérios relacionados à disciplina e colaboração. 119 Para Guilherme Carvalho, o Coral garante disciplina e espírito de grupo, colocando os coralistas em [...] situações que preparam a pessoa para a vida. 120

Para Ubiraney de Figueiredo, [...] independente de origem e classe social, quando o Coral entra no palco, ele entra uniformizado, e esse uniforme nivela todo mundo. A participação no Coral, para a regente Ana Maria Domingo, ensina a se valorizar e eleva a autoestima, pois [...] o coralista aprende que todos são iguais, porque todo mundo é importante: o erro de um interfere no coral todo. Além disso, a experiência de aprendizado nos Canarinhos levaria os cantores a ter

a curiosidade de conhecer autores, de conhecer lugares, de conhecer Viena, de conhecer Roma, e até a própria Mariana com suas peças coloniais! Você vai fazendo a costura natural, às vezes até sem perceber, com a história do Brasil, com a história de Minas Gerais, com a história

_

¹¹⁸ ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.

¹¹⁹ Idem Ib

¹²⁰ ENTREVISTA com Guilherme Woods Carvalho, 72. Itabirito, 14/07/2016.

¹²¹ ENTREVISTA com Ubiraney de Figueiredo Silva, 53. Itabirito, 14/07/2016.

¹²² ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.



da música, com a história da arte! Então o cantor que passa ali vai construindo uma personalidade cultural e intelectual que ele não percebe o tanto de informação que ele recebe através de uma partitura. 123

Para Guilherme Carvalho, é a partir do reconhecimento desse aprendizado e dessa abertura de horizontes que surge [...] esse compromisso e essa dívida de gratidão com a instituição. 124 Em seu depoimento, Ubiraney de Figueiredo sublinha a importância do Coral para sua formação: [...] eu fiquei lá, seguramente, por trinta e quatro anos. Eu me fiz ali dentro, social e intelectualmente, minha formação é toda ali de dentro. 125 Dessa forma, o trabalho doado aos Canarinhos passaria a ser visto como [...] um privilégio, uma honra [...] o coroamento de um trabalho. 126

Outro importante trabalho dos Canarinhos concentra-se na formação de público para o canto coral e para obras sacras. Para alcançar esse objetivo, o maestro Eric Lana chegou a organizar o projeto *Onde o Povo Está*, que levava as apresentações para diversos espaços da cidade e do município. Esses projetos expressam o compromisso de levar a música que não está no cotidiano para escola e para as crianças mais novas, proporcionando vivências importantes e incentivando a entrada de novos canarinhos. ¹²⁷ Ex-canarinhos e seus familiares sempre voltam para prestigiar o Coral. Para o maestro [...] tem um boca a boca e ouvido a ouvido que vai dando o público! [...] música de massas é muito forte mercadologicamente, mas quando a criança entra cedo no Coral ela vai conseguindo perceber nuances musicais, vai criando uma outra escuta. ¹²⁸

As relações criadas entre os canarinhos desde a tenra idade ultrapassam o simples cantar, são relações de família: [...] *você vive todos os problemas, você vive as dificuldade, você vive os nascimentos, as mortes, os aniversários, os conflitos.*¹²⁹ Por isso para muitos canarinhos alguns momentos,

-

¹²³ Idem Ib.

¹²⁴ ENTREVISTA com Guilherme Woods Carvalho, 72. Itabirito, 14/07/2016.

¹²⁵ ENTREVISTA com Ubiraney de Figueiredo Silva, 53. Itabirito, 14/07/2016.

¹²⁶ ENTREVISTA com Guilherme Woods Carvalho, 72. Itabirito, 14/07/2016.

¹²⁷ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.

¹²⁸ Idem Ib

¹²⁹ ENTREVISTA com Ubiraney de Figueiredo Silva, 53. Itabirito, 14/07/2016.



como a morte de dona Maria José... Foram baques! Mesmo fora da entidade, foi aquela coisa "minha mãe morreu!". Não era dona Maria José, era minha mãe. Como é dona Ana Maria. (...) Eu tenho certeza que dona Ana Maria é mãe de nós todos e que nós todos somos filhos dela. Não tem jeito de não ser ¹³⁰.

Essa relação de parentesco criada entre as famílias de canarinhos é ressaltada no depoimento do maestro Eric Lana: [...] como a dona Ana como é uma mãe mais experiente (no Coral) acaba sendo muito procurada pelas outras mães, sabe? Por uma ocasião do filho no Coral, na Escola, e até de família mesmo!¹³¹ Ana faz questão de ajudar: [...] se os meninos estão dando problema dentro de casa as mães me procuram para conversar, [...] eu converso, a gente fica feliz de poder (ajudar) um pouco, né?¹³²

O coral cresceu, frutificou e criou raízes. Transformou-se em um respeitado centro formador de músicos e apreciadores de música. É hoje reconhecido pela capacidade de formação musical, intelectual, profissional e sociocultural de seus alunos e, sobretudo, pelo poder transformador da juventude e da sociedade itabiritense.

Lis Bastos se emociona ao constatar tudo o que os Canarinhos ofereceram ao público. Ao fim de seu depoimento para esse registro, a pianista escolheu uma música para encerrá-lo que, segundo ela, representa a renovação do coral, com seus novos meninos cantores e novas sementes musicais. A música escolhida por Lis Bastos foi *Luzes da Ribalta*, composta por Charles Chaplin, em sua versão com letra do compositor Carlos Alberto Ferreira Braga, o Braguinha, ou João de Barro:

Essa música está representando o que o Coral está fazendo. A letra é só isso aqui: "vidas que se acabam a sorrir, luzes que se apagam e nada mais. É sonhar em vão tentar aos outros iludir, e o que se foi para nós não voltará jamais. Para quê chorar o que passou? Lamentar perdidas ilusões? Se o ideal que sempre nos acalentou renascerá em outros corações?" (...) O ideal que sempre acalentou os sonhos do Padre Xavier está sempre renascendo em outros corações, que está essa maravilha que está o Coral. ¹³³.

¹³⁰ Idem Ib.

¹³¹ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.

¹³² ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.

¹³³ ENTREVISTA com Liz Cândida Bastos, 86. Itabirito, 03/08/2016.



5.4 Quitandas, brechós, bazares e o site: a rede de Canarinhos

Desde sua fundação, quando não chegava a trinta cantores, o Coral Canarinhos nunca cobrou taxas ou mensalidades pelas aulas. Além do trabalho voluntário do Padre Xavier e sua equipe, o Coral contou com o engajamento da comunidade para financiar seus projetos. Atualmente, segundo Guilherme Carvalho, a entidade mantém o que ele chama de *aspecto social*, e cerca de um terço de seu quadro de alunos é oriundo de famílias de baixa renda¹³⁴. Para viabilizar seus projetos os Canarinhos criaram então uma série de mobilizações de financiamento coletivo para suas atividades.

Uma dessas campanhas era voltada para a manufatura da batina dos cantores, cujo custo era assumido pelo empresariado local. Mas tratava-se sobretudo de um ato simbólico, já que a investidura do uniforme era vista como um divisor de águas na trajetória dos coralistas, uma espécie de rito de passagem. Originalmente os cantores recebiam suas túnicas das mãos do Padre Xavier durante a missa, uma cerimônia de investidura que o maestro Eric Lana deseja retomar: [...] a gente não entra e ganha o uniforme. Espera um pouco, tem uma etapa que a gente vai construindo ali. Segundo o maestro, a investidura do uniforme ainda é importante para os Canarinhos: [...] agora é uma nova geração, o filho veste a roupa e a foto aparece na internet.

Outra campanha importante para o Coral, e provavelmente a mais longeva, foi a mobilização para financiar a restauração da sede própria: [...] foi quase que uns vinte anos de fazer merenda e vender latinhas para recuperar a casa ¹³⁷ A produção e venda de quitandas na porta das missas foi fundamental para a viabilidade dos Canarinhos e a entidade contou principalmente com a colaboração dos pais dos coralistas, que preparavam pizzas, tropeiros, roscas, quitandas, bolos e sorvetes, organizavam bingos, festivais e concertos com a presença dos coralistas. Esses momentos, marcados pela mobilização de famílias, são rememorados com muito carinho pelos participantes e amigos do coral.¹³⁸

-

¹³⁴ ENTREVISTA com Guilherme Woods Carvalho, 72. Itabirito, 14/07/2016.

¹³⁵ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.

¹³⁶ Idem Ih

¹³⁷ ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.

¹³⁸ ENTREVISTA com Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.



O exemplo inspirador para a doação de trabalho era dado pelo maestro Padre Xavier e pelas auxiliares de regência Ana Maria Domingos e Maria José Michel, que sempre trabalharam como voluntários. Após a morte do Padre os novos maestros e a pianista Lis Bastos se somaram a esse exemplo. Para Ana Maria, os quarenta anos de trabalho doados ao Coral foram um grande prazer. Para ela, nunca houve [...] *interesse nenhum a não ser doar o meu trabalho!* ¹³⁹ De maneira semelhante, a pianista Lis Bastos declara que lidava com o seu [...] *tempo doado ao Coral com muita seriedade e felicidade interna.* ¹⁴⁰, e que se orgulhava de cumprir a promessa que fizera durante a missa de corpo presente do Padre Xavier.

Para Ubiraney Figueiredo a organização das quitandas é sobretudo uma expressão do modo de vida interiorano, marcado pela colaboração. E esta rede de apoio não se encerra na captação de recursos financeiros. Ela se estende para as apresentações, que sempre contam com a participação dos pais para verificar a disciplina e o comportamento dos coralistas: [...] se a gente não tiver essa doação de pessoas para ajudar a olhar a disciplina enquanto um regente está no palco, o outro está se preparando para entrar... se não tiver pais para ajudar a gente não dá conta não! 141

Atualmente os eventos que compõem a agenda do Coral, cada vez mais prestigiados pelo público, são aproveitados como oportunidades para adquirir alguma renda. Pelas apresentações cobra-se um ingresso simbólico, porém há sempre algum produto à venda, como [...] um almoço, faz um café, faz uma quitanda, a gente vende algumas coisas, cobra um ingresso simbólico e acessível a todos, e com isso a gente vai fazendo uma rendazinha. 142

¹⁴¹ ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.

¹³⁹ ENTREVISTA com Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.

¹⁴⁰ ENTREVISTA com Liz Cândida Bastos, 86. Itabirito, 03/08/2016.

¹⁴² ENTREVISTA com Guilherme Woods Carvalho, 72. Itabirito, 14/07/2016.



O sítio eletrônico da entidade também se transformou em alternativa de renda, com espaço para doações financeiras e produtos à venda.



Figura 47: Produtos para venda e alternativas de doações disponíveis no sítio eletrônico do Coral. Fonte: http://canarinhosdeitabirito.org.br/loja/.

Tanto no site oficial da entidade quanto através do Facebook, os Canarinhos mantém campanhas de doações, como a denominada "Financiamento Coletivo", ativa no Facebook.



#DOAÇÕES

A missão da Associação Cultural Coral Os Canarinhos de Itabirito é proporcionar uma educação sócio-cultural de alta qualidade musical, contribuindo para um ambiente de crescimento favorável às crianças e jovens brasileiros.

Caso tenha interesse em manter o nosso Coral, você pode efetuar doações, seja como pessoa física ou jurídica.

AJUDE O CORAL

Figuras 48 e 49: Campanhas de doações. Fonte: http://canarinhosdeitabirito.org.br/loja/.



Além das doações, a Instituição participa de editais nas esferas municipal, estadual e federal, de onde retira a maior parte de seu aporte financeiro. Atualmente, o site da entidade cita como apoiadores o Estado Minas Gerais, a Gerdau e o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Itabirito.



Figura 50: Apoio aos Canarinhos, creditado no site da entidade. Fonte: http://canarinhosdeitabirito.org.br/loja/.

A rede de apoio ao Coral foi alcançada, sobretudo, a partir da visibilidade promovida pelos resultados efetivos da entidade, algo que deve ser atribuído [...] ao resultado de formação, ao complemento, à mudança de perfil mesmo que a entidade promove nas crianças. 143 A rede Canarinhos segue assim sendo constantemente alimentada por aqueles que amam a música, pelos paroquianos e frequentadores dos espetáculos e até por pessoas sem qualquer ligação direta com os Canarinhos, mas que reconhecem o seu valor sociocultural e musical para as crianças e jovens itabiritenses. Dessa forma, não há como separar o êxito artístico do coral da rede de apoio que viabiliza seu sucesso.



Figura 51: Apresentação em Lobo Leite, Minas Gerais, Outubro de 2016. Fonte: https://www.facebook.com/canarinhosdeitabirito/photos_stream.

¹⁴³ ENTREVISTA com Ubiraney de Figueiredo Silva, 53. Itabirito, 14/07/2016.



6. DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL



7. PLANO DE SALVAGUARDA

7.1 Diagnóstico

O Coral Canarinhos de Itabirito foi fundado no dia 06 de setembro de 1973 na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem pelo Padre Francisco Xavier e pela maestrina Maria José Michel do Nascimento. Sua missão é proporcionar uma educação sociocultural integral, a partir do viés musical, contribuindo para um ambiente de crescimento saudável para as crianças e jovens brasileiros. Desde sua fundação constituiu-se em importante vetor da musicalização infantil no município, formando centenas de músicos e dando origem a diversos grupos musicais. Atualmente a entidade concilia sua tradição eclesiástica de canto litúrgico com um refinado trabalho de preparação artística, repertórios diversos, grupos instrumentais e teatrais. A ênfase no ensino e na propagação da música, sobretudo sacra, encontra ampla aceitação no contexto do município de Itabirito.

Durante as pesquisas para a realização desse registro, foram identificados os seguintes problemas relacionados às atividades do Coral Canarinhos de Itabirito:

- Um dos elementos que prejudicam o trabalho do Coral Canarinhos de Itabirito é a falta de estabilidade financeira, necessária para a manutenção da sede própria, bem como para o pagamento de salários com valor de mercado para seus regentes e funcionários;
- Outro elemento que compromete o Coral Canarinhos de Itabirito é a dificuldade de financiar a participação em Congressos, suas turnês e viagens, momentos importantes de exposição do trabalho musical do grupo.
- Conforme pesquisas realizadas, verificou-se que a entidade não possui sua marca protegida e registrada no Instituto Nacional da Propriedade Industrial - INPI. Está, portanto, sujeita a se tornar vítima do registro de sua marca por terceiros.



7.2 Diretrizes para valorização e continuidade

Expostos os problemas relativos ao Coral Canarinhos de Itabirito, foram feitas abordagens com a equipe do Coral que resultaram nas seguintes propostas e diretrizes:

- Ação 1: Implementar duas reuniões com a diretoria da Associação Coral Os Canarinhos de Itabirito, tendo em vista a definição de prioridades de ações a ser implementadas pela Secretaria Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo;
- Ação 2: Oferecer apoio sistemático para a manutenção da sede do Coral, pagamento de salários e financiamento das participações dos grupos de coralistas em eventos, encontros e festivais, abrangendo deslocamento, alimentação e hospedagem. Este apoio poderá ocorrer na forma de convênios ou subvenções sociais;
- **Ação 3:** Oferecer suporte à equipe da Associação Coral Os Canarinhos para a elaboração de projetos culturais de captação de recursos, nas esferas municipal, estadual e federal, para favorecer a estabilidade financeira da entidade;
- Ação 4 Oferecer à Associação espaço em feiras e eventos municipais, para que possam comercializar os produtos que vendem no site, além de outros produtos, favorecendo a estabilidade financeira da entidade;
- Ação 5: Organizar, anualmente, um Festival de Coros em Itabirito para valorizar a atividade, incentivando a prática dessa forma de expressão;
- Ação 6: Registar a marca do Coral Canarinhos no Instituto Nacional da Propriedade Industrial – INPI, de modo a protegê-la de ações de terceiros;
- **Ação 7:** Divulgar o Coral Canarinhos por meio de publicações e participações em eventos, para ampliar o seu público.



7.3 Cronograma 2017/2018

AÇÕES DE SALVAGUARDA	TRIMESTRES 2017/2018			
	1º	2º	3°	4°
Ação 1: Implementar duas reuniões com a diretoria da Associação Coral Os Canarinhos, tendo em vista a definição de prioridades de ações a ser implementadas pela Secretaria Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo.	X		X	
Ação 2: Oferecer apoio sistemático para a manutenção da sede do Coral, pagamento de salários e financiamento das participações dos grupos de coralistas em eventos, encontros e festivais, abrangendo deslocamento, alimentação e hospedagem. Este apoio poderá ocorrer na forma de convênios ou subvenções sociais.	X	X	X	X
Ação 3: Oferecer suporte à equipe da Associação Coral Os Canarinhos para a elaboração de projetos culturais de captação de recursos, nas esferas municipal, estadual e federal, para favorecer a estabilidade financeira da entidade.	X	X	X	X
Ação 4: Oferecer à Associação espaço em feiras e eventos municipais, para que possam comercializar os produtos que vendem no site, além de outros produtos, favorecendo a estabilidade financeira da entidade.	X	X	X	X
Ação 5: Organizar, anualmente, um Festival de Coros em Itabirito para valorizar a atividade, incentivando a prática dessa forma de expressão.		X		
Ação 6: Registar a marca do Coral Canarinhos no Instituto Nacional da Propriedade Industrial – INPI, de modo a protegêla de ações de terceiros.	X	X	X	X
Ação 7: Divulgar o Coral Canarinhos por meio de publicações e participações em eventos, para ampliar o seu público.	X	X	X	X

Um novo Cronograma será elaborado ao final de 2018, a partir dos resultados da implementação deste Cronograma e das demandas da Associação Coral os Canarinhos de Itabirito.



DECLARAÇÃO

Eu, Guilherme Woods Carvalho, domiciliado na cidade de Itabirito, Minas Gerais, por meio deste ofício, enquanto presidente da Associação Cultural Coral Os Canarinhos de Itabirito, DECLARO que as ações elencadas abaixo compõem o cronograma do Plano de Salvaguarda desta "forma de expressão", elaborado em comum acordo entre a Secretaria Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo e esta Associação, refletindo as reais demandas e necessidades para a plena recriação deste bem imaterial, conforme os levantamentos realizados junto a esta entidade.

	TRIMESTRES 2017/2018			
AÇÕES DE SALVAGUARDA				
	1º	2°	3°	4°
Ação 1: Implementar duas reuniões com a diretoria da Associação Coral Os Canarinhos, tendo em vista a definição de prioridades de ações a ser implementadas pela Secretaria Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo.	X		X	
Ação 2: Oferecer apoio sistemático para a manutenção da sede do Coral, pagamento de salários e financiamento das participações dos grupos de coralistas em eventos, encontros e festivais, abrangendo deslocamento, alimentação e hospedagem. Este apoio poderá ocorrer na forma de convênios ou subvenções sociais.	X	X	X	X
Ação 3: Oferecer suporte à equipe da Associação Coral Os Canarinhos para a elaboração de projetos culturais de captação de recursos, nas esferas municipal, estadual e federal, para favorecer a estabilidade financeira da entidade.	X	X	X	X
Ação 4: Oferecer à Associação espaço em feiras e eventos municipais, para que possam comercializar os produtos que vendem no site, além de outros produtos, favorecendo a estabilidade financeira da entidade.	X	X	X	X
Ação 5: Organizar, anualmente, um Festival de Coros em Itabirito para valorizar a atividade, incentivando a prática dessa forma de expressão.		X		
Ação 6: Registar a marca do Coral Canarinhos no Instituto Nacional da Propriedade Industrial – INPI, de modo a protegêla de ações de terceiros.	X	X	X	X
Ação 7: Divulgar o Coral Canarinhos por meio de publicações e participações em eventos, para ampliar o seu público.	X	X	X	X

Itabirito, 19 de outubro de 2016.

Guilherme Woods Carvalho

Presidente da Associação Cultural Coral Os Canarinhos de Itabirito



8. REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS

8.1 Arquivos, Livros e Publicações

ABREU, Capistrano de. Caminhos antigos e povoamento do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

ANTONIL, André João. Cultura e opulência do Brasil. São Paulo: Editora Itatiaia; Edusp, 1982.

ARRUDA, 1960, p.153. apud LEMOS JÚNIOR, W. "O ensino do canto orfeônico na escola secundária brasileira (décadas de 1930 e 1940)". In: Revista HISTEDBR On-line, n.42, p.279-295. Campinas, junho/2011.

ARQUIVO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABIRITO.

- Histórico do Município de Itabirito. Setor de Pesquisa Histórica da Divisão de Memória e Patrimônio de Itabirito, 2008.
- Histórico da Usina Queiroz Júnior SA. Transcrição de Manuscrito do Sr. Flávio Braga Ribeiro. 2008.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. História de Minas Gerais. 1979.

BATISTA, Antônio Gomes. In: *Itabirito em Revista*. Edição Especial novembro/2007. Editor: Emílio F; Nolasco.

BÍBLIA, Colossenses, 3-16.

BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL. https://www.wdl.org/pt/item/887/view/1/1/. Demonstração dos afluentes do Rio São Francisco, em Minas Gerais.

BURTON, Richard Francis. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

COSTA, Antônio Gilberto (org.). Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real. Belo Horizonte: Editora UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2005.

COSTA, Joaquim Ribeiro. Toponímia de Minas Gerais com Estudo Histórico da Divisão Territorial Administrativa. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado. 1970.

DICIONÁRIO BRASILEIRO ILUSTRADO (VOL III).

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig Von. Pluto Brasiliensis; memórias sobre as riquezas do Brasil em ouro, diamantes e outros minerais v. 1, 1944.

FIORILLO, Miguel Ângelo. Fundamentos históricos da Paróquia da Boa Viagem. Belo Horizonte: ed. O Lutador, 1996.



FONSECA, 2011. Disponível em: http://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-do-canto-coral. Acesso em: set/2013.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1979.

FURTADO, Júnia Ferreira. Homens de negócio: a interiorização da metrópole e do comércio nas minas setecentistas. São Paulo: Editora Hucitec, 1999. p.149-289.

HOLANDA, Sérgio Buarque (org.). "Metais e pedras preciosas". In: *História Geral da Civilização Brasileira*. 5ª edição. São Paulo: Editora Difel. 1982.p.259-290.

IPHAN. http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/conPatrimonioE.jsf?tipoInformacao=1

JOÃO PAULO II, Papa. *QUIRÓGRAFO DO SUMO PONTÍFICE JOÃO PAULO II NO CENTENÁRIO DO MOTU PROPRIO TRA LE SOLLECITUDINI*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/2003/documents/hf_jp-ii_let_20031203_musica-sacra.html . Acessado em 05 de outubro de 2016.

JOSÉ, Oiliam. *Indígenas de Minas Gerais: aspectos sociais, políticos e etnológicos*. Belo Horizonte: Movimento-Perspectiva, 1965.

LEMOS JÚNIOR, W. "O ensino do canto orfeônico na escola secundária brasileira (décadas de 1930 e 1940)". In: *Revista HISTEDBR On-line*, n.42, p.279-295. Campinas, junho/2011, p. 279.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. "Nossa Senhora da Conceição" In: *História de Nossa Senhora em Minas Gerais – Origens das principais invocações.* Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1956.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. "Os descobridores e povoadores". In: *A Capitania de Minas Gerais (origens e formação)*, 3ª edição. Belo Horizonte: Instituto de História, Letras e Arte. 1965, p.18-64.

MAGALHÃES, Basílio de. *Expansão geográfica do Brasil colonial*. São Paulo: Nacional, 1978.

NOLASCO, E. F. *Itabirito em Revista*, Ano I. N. 1, maio 1992.

NOLASCO, Emílio F. *Itabirito em revista*. Edição Especial. Itabirito: Editora FAPI Ltda., 2007.

OLIVEIRA, Ronald de e LIMA, José Arnaldo Coêlho de Aguiar (Orgs). *Visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825)*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998.

PIO X, Papa. "MOTU PROPRIO TRA LE SOLLICITUDE". Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-x/pt/motu_proprio/documents/hf_p-x_motu-proprio_19031122_sollecitudini.html . Acessado em 05 de outubro de 2016.



PUERI CANTORES. Site Oficial. Disponível em: http://www.puericantores.org/aboutpueri-cantores, history. Acessado em 05 de outubro de 2016.

RATZINGER, Joseph. "In the Presence of the Angels I Will Sing Your Praise: The Regensburg Tradition and the Reform of the Liturgy". In: Adoreums Bulletin. Vol. 2, Nos. 6-8 1996. Disponível em: http://www.adoremus.org/10-12-96-Ratzi.html Acessado em 05 de outubro de 2016.

SILVA, Olímpio Augusto da. Itabirito, minha terra. Organizado por Thelmo Lins e Rogéria Malheiros Leão. Itabirito: Prefeitura Municipal, 1996.

SILVA, Olímpio Augusto da. *Itabirito: minha terra (memórias)*. Itabirito: Prefeitura Municipal de Itabirito. 1996.

SOUZA, Ana Cristina de. "Caminhos enquanto artefatos: relações sociais e econômicas no contexto do Caminho Novo e suas variantes (séculos XVIII e XIX)". In: Arqueologia Histórica na América Latina. Columbia: The University of South Carolina, v.6.

TRINDADE, Cônego Raimundo. Instituições de igrejas no Bispado de Mariana. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945.

VASCONCELOS, Diogo de. História Antiga de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Editora Nacional. 1948.

8.2 Entrevistas

Ana Maria Domingos Marinho Silva, 72. Itabirito, 03/08/2016.

Eric Vinicius de Aguiar Lana, 34. Itabirito, 14/07/2016.

Guilherme Woods Carvalho, 72. Itabirito, 14/07/2016.

Liz Cândida Bastos, 86. Itabirito, 03/08/2016.

Ubiraney de Figueiredo Silva, 53. Itabirito, 14/07/2016.

8.3 Jornais

VII CONGRESSO NACIONAL DOS MENINOS CANTORES. Novo Hamburgo, 1989.

DIÁRIO DA TARDE. Caderno 2. Belo Horizonte, julho de 2001.

GAZETA DE ITABIRITO. Itabirito, março de 1982.

GAZETA DE ITABIRITO. Itabirito, julho de 1986.

ITABIRITO NOTÍCIAS. Itabirito, julho de 1980.

ITABIRITO NOTÍCIAS. Itabirito, setembro de 1980.

ITABIRITO NOTÍCIAS. Itabirito, maio de 1981.

ITABIRITO NOTÍCIAS. Itabirito, agosto de 1981.

JORNAL DE ITABIRITO. Itabirito, 1978.

O AROUIDIOCESANO. Mariana, 14/02/1982.

O CAMINHO NOVO. Itabirito, setembro de 1989.



9. PARECER CONCLUSIVO

Parecer de Registro do Coral Canarinhos de Itabirito

A Secretaria Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo avalia positivamente o mérito do pedido de registro da "Associação Cultural Coral Os Canarinhos de Itabirito" encaminhado pelo Sr. Guilherme Woods Carvalho ao Conselho Deliberativo e Consultivo Municipal do Patrimônio Cultural e Natural do Município de Itabirito, reconhecendo-o como Forma de Expressão Imaterial do Município de Itabirito, merecedor do instrumento de proteção denominado "Registro Imaterial", pelos motivos expostos a seguir.

A "Associação Cultural Coral Os Canarinhos de Itabirito" é uma forma de expressão musical profundamente enraizada na região de Itabirito, abrangendo principalmente a sede municipal, com reconhecimento nacional. Pode ser definida como um conjunto de práticas que perpassam a música, o canto, prestígios, saberes e fazeres musicais. Foi fundada em 1973 na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem pelo Padre Francisco Xavier e pela maestrina Maria José Michel do Nascimento. Desde sua fundação o Coral foi um importante vetor da musicalização infantil no município, formando centenas de músicos e dando origem a diversos grupos musicais. Atualmente a entidade concilia sua tradição eclesiástica de canto litúrgico com um refinado trabalho de preparação artística, repertórios diversos, grupos instrumentais e teatrais. Nos ensaios se estabelecem redes de trocas e diálogos entre gerações, intercâmbio de afinações, ritmos e melodias, viabilizando a memória de diferentes gêneros musicais, especialmente a música sacra.

A transmissão de conhecimentos de geração em geração ocorre naturalmente em sua evolução, sendo basicamente um dos aspectos mantenedores de sua existência: o ensinamento da arte musical, por meio do canto coral. Sendo assim, o "Coral Canarinhos" vem sendo constantemente recriado e apropriado por seus novos alunos, cantores, maestros e também pelos grupos que se alternam em sua diretoria. Trata-se de um espaço de reiteração de identidade e determinante dos padrões de sociabilidade local.



Suas características permitem enquadrá-lo como Bem Cultural de Natureza Imaterial, estabelecido conforme a Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216, tratandose de uma forma de expressão musical que reúne práticas e domínios da vida social e coletiva. Agrega valores em perfeita consonância com a Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em 1º de março de 2006, que define como patrimônio imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio imaterial". A "Associação Cultural Coral Os Canarinhos de Itabirito" enquadra-se, portanto, dentro da categoria definida pelo IPHAN como "formas de expressão", abrangendo manifestações artísticas diversas, como literárias, plásticas, cênicas, lúdicas e musicais. 144

Recomendamos, portanto, que a "Associação Cultural Coral Os Canarinhos de Itabirito" seja contemplada com o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, como instrumento legal de preservação, reconhecimento e valorização, sendo enquadrada como Forma de Expressão de natureza musical. Espera-se que, a partir desta salvaguarda, esta importante entidade possa gozar de todo o apoio institucional que propicie a sua manutenção e recriação para as futuras gerações.

Itabirito, 19 de outubro de 2016.

Ubiraney de Figueiredo Silva

Secretário Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo

Adriana Paiva de Assis / Arquiteta e Urbanista

Mateus Machado Vaz / Historiador

Mariana Oliveira e Souza / Cientista Social e Antropóloga

¹⁴⁴IPHAN. http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/conPatrimonioE.jsf?tipoInformacao=1



10.FICHA TÉCNICA

ELABORAÇÃO

TAIPA ARQUITETURA E PATRIMÔNIO CULTURAL

Adriana Paiva de Assis

Arquiteta e Urbanista CAU: A21479-5 Coordenação Técnica

Mateus Machado

Historiador

Mariana Oliveira

Antropóloga e Cientista Social

COLABORAÇÃO

Joice Giulia Silva dos Santos

Arquiteta e Urbanista / Chefe da Divisão de Memória e Patrimônio

Acompanhamento dos trabalhos de campo Apoio na tramitação do Registro

Vanessa Kimura

Arquiteta e Urbanista da Divisão de Memória e Patrimônio

Acompanhamento dos trabalhos de campo Apoio Logístico

Thais Lanna Junqueira

Historiadora da Divisão de Memória e Patrimônio

Revisão do Texto Final

ANUÊNCIA

Ubiraney de Figueiredo Silva

Secretário Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo Presidente do Conselho Deliberativo e Consultivo Municipal do Patrimônio Cultural e Natural do Município de Itabirito

Outubro de 2016



11.TRAMITAÇÃO DO REGISTRO

11.1 Proposta de Registro do Mantenedor

Aguardando encaminhamento.



11.2 Declaração de Anuência

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

O presidente da Associação Cultural "Coral Os Canarinhos de Itabirito", abaixo assinado, Guilherme Woods Carvalho, brasileiro, casado, advogado, CPF 110473646-20, CI M/921856, SSPMG, com domicílio nesta cidade, na rua Matozinhos, nº 161, bairro Matozinhos, por meio deste ofício, diante da Secretaria Municipal de Patrimônio Cultural e Turismo e do Conselho Consultivo e Deliberativo do Patrimônio Cultural e Natural do Município de Itabirito,DECLARA plena anuência ao Registro da "Associação Cultural Coral Os Canarinhos de Itabirito" como patrimônio imaterial do município de Itabirito.

Itabirito, 28 de junho de 2016.

Guilherme Woods Carvalho CPF 110473646-20

CI M/921856



11.3 Ata do Conselho aprovando o início do procedimento

Aguardando encaminhamento.



11.4 Ata do Conselho aprovando o Registro

Aguardando aprovação.



11.5 Edital de Registro



11.6 Decreto de Registro



11.7 Inscrição no Livro de Registro Municipal



11.8 Publicação do Registro